

Processo de Aculturação e Adaptação de Imigrantes Brasileiros Residentes na Hungria: Fatores associados

Raissa Chaves Atzingen

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Orientação: Professora Doutora Ana Conde

Co-Orientação: Professora Doutora Maria Xavier Araújo

Outubro, 2016



UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

Raissa Chaves Atzingen

**Processo de Aculturação e Adaptação de Imigrantes
Brasileiros Residentes na Hungria: Fatores associados**

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob a orientação da Professora Doutora Ana Conde e Co-orientação da Professora Doutora Maria Xavier Araújo

Departamento de Psicologia e Educação

Junho, 2016



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Mais do que trânsito de um lugar a outro, há a transição de um tempo a outro. Migrar temporariamente é mais do que ir e vir, é viver em espaços geográficos diferentes (..) é ser duas pessoas ao mesmo tempo (..) é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo, sair quando está chegando, voltar quando está indo, é estar em dois lugares ao mesmo tempo e não estar em nenhum. É até mesmo partir sempre e não chegar nunca."

(Martins, 1984)

Agradecimentos

Finalizada mais uma etapa do meu percurso acadêmico, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que acompanharam e ajudaram a compor esta trajetória.

Primeiramente agradeço aos meus pais, António Carlos e Perina, por seus infindáveis esforços, por seus infindáveis conselhos e por seus infindáveis encorajamentos. Obrigada por me proporcionarem o mundo e zelarem por meus passos, mesmo que esses sejam dados tão longe de casa.

A todos os meus familiares, pelo afeto, atenção e generosidade que me proporcionam, seja qual for a etapa a ser vivida ou o objetivo a ser alcançado. Muito obrigada.

Agradeço à Dra. Ana Conde, no papel de minha orientadora, por toda a dedicação, incentivo, rigorosidade e profissionalismo apresentados no decorrer da construção desta dissertação e à Dra. Maria Xavier, por sua disponibilidade, competência e brilhantismo.

À Dra. Marta Fülöp, por me apresentar a Hungria e a psicologia intercultural, à Noemi Büki, por compartilhar seus conhecimentos de forma tão generosa e paciente. Muito obrigada.

Aos amigos David e Bárbara, pelos pequenos gestos quotidianos que me fazem ressignificar a palavra *família*. À Luna, à Isabela e a todos os meus amigos além-mar, que me ensinaram que as distâncias geográficas são detalhes ínfimos diante da amizade. À todos muito obrigada.

Resumo

Este estudo pretendeu compreender o processo de aculturação e adaptação de imigrantes brasileiros residentes na Hungria a partir de suas experiências e representações. Para uma melhor compreensão deste fenómeno, o presente estudo procurou explorar os motivos migratórios individuais que levaram à saída do Brasil, bem como os motivos que conduziram à escolha da Hungria como país de acolhimento. Pretendeu, ainda, explorar o processo de aculturação desses imigrantes, os seus padrões de competição e descrever a adaptação dos participantes no momento de realização desta investigação, analisando potenciais fatores associados (domínio da língua, relações interpessoais, bem-estar, entre outros).

Os resultados encontrados permitiram identificar os *motivos profissionais*, como principal motivo de saída dos brasileiros do seu país de origem e os *motivos relacionais*, como os maiores influenciadores na decisão de migrar para a Hungria como sociedade de acolhimento. Em relação ao processo de aculturação, foi possível perceber um percurso linear marcado, inicialmente, por obstáculos migratórios e emoções negativas como *tristeza* e *medo*, causadas, sobretudo pelas diferenças culturais entre o Brasil e a Hungria (língua, clima e costumes). Apesar disso, esses obstáculos são também interpretados como motivadores de mudanças e de aprendizagem de competências, de forma que a maioria dos participantes utiliza a *integração* como estratégia de aculturação, que quando bem sucedida permite a manutenção de contato tanto com a cultura de origem como com a cultura de acolhimento. Os resultados permitem ainda identificar situações de competição tanto de natureza construtiva, como de natureza destrutiva, sobretudo, em áreas profissionais, havendo uma predominância de situações competitivas construtivas entre os imigrantes brasileiros e a sociedade de acolhimento. No momento de realização da entrevista, a maioria dos imigrantes brasileiros participantes neste estudo apresentava uma adaptação tendencialmente positiva, associada a fatores que indicam adaptação psicológica (e.g. sentimentos de pertença e satisfação geral com a vida) e adaptação sociocultural (e.g. domínio da língua e empregabilidade). No entanto, em menor escala, alguns dos participantes apresentavam também uma adaptação tendencialmente negativa, associada a fatores de desajuste psicológico (e.g. sentimento de não pertença) e a fatores que indicavam dificuldades socioculturais (e.g. falta de domínio da língua). Os dados deste estudo permitem explorar os fatores determinantes do

processo migratório, sendo estes fundamentais para o desenvolvimento de estratégias que proporcionem ao indivíduo migrante um bem-estar social, político e psicológico nas sociedades de acolhimento.

Abstract

This study intended to understand the acculturation and adaptation process for Brazilian immigrants living in Hungary from their experiences and representations. For a better comprehension of this phenomenon, the present study sought to explore the individual migratory reasons that led to the departure from Brazil, as well as the reasons that drove to the choice of Hungary as the host country. This research intended yet to explore the immigrants' acculturation process, its competition patterns and to describe participants' adaptation at the moment the investigation was carried out, analyzing the potential associated factors (knowledge of the language, interpersonal relations, welfare, among others.)

The results found allowed the identification of the professional reasons as the main motive of departure for Brazilians leaving their country and the relational reasons as the main influence on the decision to migrate to Hungary as host community. Regarding the acculturation process, it was possible to notice a linear route marked, initially, by migratory obstacles and negative emotions such as sadness and fear, caused, mainly by the cultural differences between Brazil and Hungary (language, weather, habits). Despite that, these obstacles are also interpreted as motivation for changes and skills learning, in such way that most participants use integration as strategy for acculturation, that when successful allows the maintenance of the contact with both the home culture and the host culture. The results allow also the identification competition situations, both of constructive and destructive natures, in professional areas, existing a predominance of constructive competitive situations among Brazilian immigrants and the host society. By the moment of the interview, the majority of Brazilian immigrants that participated in this study showed a somewhat positive adaptation, associated with features that indicate psychological conformation (e.g. feelings of belonging and overall satisfaction with life) and socio-cultural adaptation (e.g. language knowledge and employability). However, in a minor scale, some participants also presented a somewhat negative adaptation, associated with psychological maladjustment factors (e.g. feeling of not belonging) and to factors indicating sociocultural difficulties (e.g. lack of language knowledge). The data in this study allow the exploration of determinant factors of the migrating process, those being fundamental to the development of strategies that provide to the immigrant a social, political and psychological welfare at the host societies.

Índice

Introdução	13
PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	15
Capítulo I- Processo migratório e motivações associadas	16
1.1 Migração, imigração e emigração	16
1.2 Motivações migratórias e teorias da migração	17
Capítulo II- Processo de aculturação e adaptação durante uma experiência migratória .	20
2.1 Aculturação e adaptação	20
2.2 Fatores que influenciam a aculturação psicológica e adaptação	22
2.2.1 Emoções associadas à vivência da aculturação	24
2.2.2 Estratégias de aculturação	26
2.3 O contato intercultural entre Brasil e Hungria	30
Capítulo III- Competição no processo migratório	35
3.1 Competição no processo de aculturação	35
3.2 Competição e cooperação.....	37
3.3 Competição construtiva e destrutiva	39
Parte II- ESTUDO EMPÍRICO	41
Capítulo IV- Método	42
4.1 Definição do problema, objetivos e questões de investigação	42
4.2 Participantes	43
4.3 Fundamentação do método: metodologia qualitativa.....	45
4.4 Procedimentos	47
4.5 Instrumentos	48
4.6 Análise de dados	50
4.6.1 Familiarização com os dados	50

4.6.2 Codificação prévia dos dados	50
4.6.3 Template inicial.....	51
4.6.4 Template final	55
4.6.5 Questões de validade e rigor	59
Capítulo V- Resultados	60
5.1 Motivos migratórios	61
5.1.1 Motivos de saída do Brasil.....	61
5.1.2 Motivos de escolha da Hungria como país de acolhimento.....	63
5.2 Processo de aculturação	65
5.2.1 Experiências iniciais de contato intercultural	65
5.2.2 Emoções iniciais perante o contato intercultural	68
5.2.3 Estratégias de aculturação.....	70
5.3 Competição.....	74
5.3.1 Área de competição.....	74
5.3.2 Com quem ocorre a competição	75
5.3.3 Padrões de competição.....	77
5.4 Adaptação	95
5.4.1 Adaptação sociocultural	95
5.4.2 Adaptação psicológica	98
Capítulo VI- Discussão de resultados.....	102
PARTE III- CONCLUSÕES.....	110
Conclusões	111
Referências Bibliográficas.....	114
ANEXOS.....	127
Anexo 1- Informações sobre o estudo disponibilizadas aos interessados.....	128

Anexo 2- Anúncio nas redes sociais da internet	131
Anexo 3- Página de Registo online.....	133
Anexo 4- E-mail para participantes registados (exemplo).....	147
Anexo 5- E-mail lembrete para participantes registados (exemplo).....	149
Anexo 6- Consentimento informado.....	151
Anexo 7- Guião da Entrevista.....	153
Anexo 8- Análise dos padrões de competição	163
Anexo 9- Lista dos participantes.....	190

Índice de tabelas

Tabela 1. Estratégias de aculturação	27
Tabela 2. Guião da entrevista semiestruturada	49
Tabela 3. Codificação prévia.....	51
Tabela 4. Template inicial	52
Tabela 5. Template final	55
Tabela 6. Categorias de análise dos resultados	60
Tabela 7. Motivos migratórios: quadro-resumo.....	64
Tabela 8. Experiências iniciais de contato intercultural: quadro-resumo	68
Tabela 9. Emoções iniciais perante o contato intercultural: quadro-resumo	70
Tabela 10. Codificação das estratégias de aculturação	71
Tabela 11. Estratégias de aculturação : quadro-resumo	73
Tabela 12. Áreas de competição: quadro-resumo	75
Tabela 13. Com quem ocorre a competição: quadro-resumo	77
Tabela 14. Natureza das situações competitivas	83
Tabela 15. Análise do padrão de competição destrutivo entre imigrantes brasileiros e húngaros	86
Tabela 16. Análise do padrão de competição destrutivo entre imigrantes brasileiros	87
Tabela 17. Análise do padrão de competição destrutivo entre imigrantes brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades	89
Tabela 18. Análise do padrão de competição construtivo entre imigrantes brasileiros e húngaros	91
Tabela 19. Análise do padrão de competição construtivo entre os imigrantes brasileiros.....	92
Tabela 20. Análise do padrão construtivo com o self	93
Tabela 21. Análise do padrão de competição construtivo entre imigrantes brasileiros e imigrantes de nacionalidade não identificada.....	94
Tabela 22. Competição: quadro-resumo	94
Tabela 23. Indicadores de dificuldades e de adaptação sociocultural.....	98
Tabela 24. Adaptação psicológica: quadro-resumo	101

Índice de Figuras

Figura 1. Curva em U de adaptação do imigrante	21
Figura 2. Ano de migração para a Hungria	43
Figura 3. Estado civil dos participantes em função do sexo	44

Lista de Siglas e Abreviaturas

MRE- *Ministério das Relações Exteriores*

IBGE- *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*

TA- *Template Analysis*

Introdução

Atualmente um dos fenômenos que tem atraído mais atenção por parte dos diferentes líderes mundiais é o da *migração internacional*. A circulação de pessoas de um território para outro mostra-se emergente nas várias extremidades do mundo, sejam os refugiados da Síria que buscam auxílio nos países da Europa Ocidental, sejam brasileiros que procuram uma melhor qualidade de vida em países como o Japão e os Estados Unidos.

Um dos maiores obstáculos que se impõe ao processo migratório está relacionado com a dificuldade de abertura das fronteiras para estes novos indivíduos, uma vez que as políticas públicas não são totalmente eficazes na promoção da inclusão de indivíduos culturalmente diferentes na sociedade majoritária, estando normalmente em causa idiosincrasias de quem sai do “seu lugar” com a expectativa de pertencer a outro. Segundo Patarra (2005 p. 24):

“... é preciso reconhecer o novo, difícil e conflitivo papel dos Estados Nacionais e das políticas sociais em relação aos processos internacionais e internos de distribuição da população no espaço - cada vez mais desigual e excludente.”

Com o aumento do fluxo das migrações, diversas mudanças políticas e sociais se impõem à sociedade moderna. O contato entre duas culturas diferentes conduz, por um lado, mudanças a nível grupal, relacionadas com a necessidade de preparação societal para lidar com os novos membros, e, por outro lado, a nível individual, uma vez que o indivíduo migrante terá que lidar com uma série de ajustamentos nos seus quadros de referência, decorrentes do contexto multicultural em que este fenómeno ocorre. O conceito de *multiculturalismo* assume aqui particular relevância, dizendo respeito à “pluralidade de culturas, etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões das identidades infiltradas, cada vez mais, nos diversos campos da vida contemporânea” (Moreira, 2001), ou seja, abrange diferentes perspectivas culturais num mesmo contexto, em contato contínuo.

A experiência migratória pode revelar-se transformadora e direcionar o indivíduo no caminho do auto-aperfeiçoamento e amadurecimento pessoal ou pode revelar-se traumática

(Nathan, 1986). A forma de experienciar o processo migratório depende de inúmeros fatores, estando entre eles: a atitude da sociedade majoritária perante o indivíduo, uma vez que quanto mais multicultural e aberta à diversidade for uma sociedade, menores são os índices de preconceito e discriminação, que conseqüentemente proporciona uma adaptação a longo prazo bem sucedida (Berry, 1997); as estratégias de aculturação utilizadas durante este processo, correspondentes às atitudes do indivíduo migrante perante a nova cultura, e que o podem levar a manter-se afastado ou a assumir novos valores culturais como seus (Berry, 1997); as emoções provenientes do contato intercultural, que irão definir como o migrante irá interpretar os obstáculos e dificuldades inerentes ao processo migratório; a competição construtiva e destrutiva dentro do grupo de imigrantes ou entre este e a sociedade majoritária, que tem influência positiva ou negativa na qualidade das relações interpessoais (Fülöp, 2009), entre outros. A combinação de todos esses fatores irá direcionar o processo de aculturação para uma adaptação bem sucedida ou não à nova sociedade de acolhimento. Explorar esses fatores determinantes em estudos transculturais é uma forma de promover conhecimentos fundamentais para o estabelecimento de políticas públicas viáveis que garantam um maior suporte e apoio aos grupos minoritários, muitas vezes marginalizados e excluídos socialmente.

De modo a explorar esta temática, o presente trabalho está organizado em três partes. A primeira corresponde ao enquadramento teórico, a segunda ao estudo empírico e a terceira é referente às conclusões do mesmo. A primeira parte é constituída por três capítulos, correspondendo o primeiro aos motivos migratórios e teorias da migração, o segundo, ao processo de aculturação psicológica e adaptação e o terceiro, aos aspetos relacionados com a vivência da competição. A segunda parte é constituída, também, por três capítulos, o primeiro onde estão incluídos os objetivos, as questões de investigação, a caracterização dos participantes, os procedimentos de recolha de dados e o procedimento de análise dos dados. O segundo, referente aos resultados do estudo e o terceiro à sua discussão. A presente dissertação é finalizada com a conclusão, onde são descritos os fatores determinantes e as implicações deste trabalho focado na descrição do processo de aculturação e adaptação de imigrantes brasileiros residentes na Hungria e exploração dos fatores associados.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I- Processo migratório e motivações associadas

Ao longo deste primeiro capítulo serão explorados alguns conceitos fundamentais inerentes ao fenómeno da migração, importantes para a compreensão do processo de aculturação e adaptação à sociedade de acolhimento dos indivíduos migrantes.

1.1 Migração, imigração e emigração

Migração é o nome dado ao movimento e à realocação de pessoas de uma região para outra (Muniz, 2010). Os protagonistas desses deslocamentos são chamados de *emigrantes*, quando saem do seu lugar de origem para viver noutra território e de *imigrantes*, quando chegam a um dado território geográfico. De forma geral, o indivíduo que decide mudar-se territorialmente é, ao mesmo tempo, emigrante e imigrante, pois sai e chega noutra lugar.

Quando um indivíduo decide emigrar haverá, em geral, um esforço por parte dele para adaptar-se fora da zona de conforto, o que se reflete, nomeadamente, na tentativa de adequar-se às leis e comportamentos culturais do país de acolhimento, à aprendizagem de uma nova língua e, até mesmo, na tentativa de ser aceite no novo grupo de pares. Este último aspeto é muito importante já que, enquanto relações afetivas positivas promovem o bem-estar do migrante, sentir-se marginalizado na comunidade contribui negativamente para a sua saúde mental (Trad, 2003).

Muitos são os aspetos envolvidos na decisão de migrar e nas consequências desta decisão, tornando a análise deste fenómeno muito complexa e objeto de atenção por parte de diferentes domínios científicos, nomeadamente a sociologia, a psicologia, a geografia, a antropologia, a economia, as ciências políticas e a demografia (Berry, 2001). Cabe à psicologia, particularmente, o importante papel na clarificação de alguns dos processos e fenómenos associados à migração de pessoas: 1) o processo de aculturação, que antes era foco de estudo privilegiado por parte da antropologia e que agora é parte central da psicologia transcultural, bem como 2) os fenómenos de relacionamento interpessoal, foco de pesquisa da psicologia social. A investigação psicológica assume-se, assim, como fundamental para o entendimento da natureza dos comportamentos e atitudes que caracterizam os imigrantes e a sociedade de acolhimento (Berry, 2001).

1.2 Motivações migratórias e teorias da migração

A migração internacional pode ser desencadeada por diversos motivos inerentes às experiências de vida do indivíduo migrante, nomeadamente com desastres ambientais (Paula, 2013), guerras (Agier, 2006) (como no caso dos refugiados que fogem do seu país de origem para zelar pela sua segurança), com a procura de trabalho melhores condições de vida (Bógus & Bassanezi, 1998), na sequência de perseguições étnicas, políticas, culturais ou raciais (Mizrahi, 2003), bem como com vista à melhoria de estudos e aprendizagens (Subuhana, 2007).

Para entender melhor a migração, bem como os motivos relacionados a ela, diferentes teorias foram formuladas. Raveinstein, geógrafo inglês, considerado um dos pioneiros nas investigações acerca dos processos migratórios, publicou um estudo denominado “Leis da Migração” (1885), baseado no movimento de pessoas na Inglaterra na época da Revolução Industrial, com o intuito de tecer algumas considerações gerais acerca do fenómeno. Neste trabalho, Ravenstein (1885) estudou a influência de variáveis como as longas e curtas distâncias do país de origem, o género, as condições de trabalho, a economia e as tecnologias utilizadas na época, chegando à conclusão que as mulheres teriam tendência para realizar migrações de curtas distâncias, enquanto os homens tenderiam a migrar para longas distâncias, sendo a melhoria económica o fator determinante na decisão de migrar ou de permanecer na sociedade de origem.

Atualmente, os processos migratórios têm sido analisados através de duas abordagens sociológicas principais (Debiaggi & Paiva, 2004): uma abordagem *micro*, centrada no processo de decisão individual, baseada num modelo de repulsão e atração (push-pull), fundamentada nos princípios desenvolvidos por Raveinstein (1885); e uma segunda abordagem, *histórico-estrutural* (Muniz, 2010) correspondente a uma visão *macro*, que envolve o contexto social, político e, sobretudo, económico, no qual o indivíduo migrante está inserido.

A primeira abordagem referenciada, baseada num modelo de repulsão e atração (push-pull), é assim chamada por ter em consideração a combinação entre fatores que justificam a saída dos indivíduos do seu país de origem e os fatores que atraem esses mesmos indivíduos para outras regiões. O modelo de repulsão e atração tem o indivíduo e a economia como o centro do processo de migração: o indivíduo tomaria, assim, a decisão de migrar de acordo com as ofertas salariais do outro lugar. Efetivamente, muitas vezes, o indivíduo migrante toma a sua decisão

através da análise dos custos e benefícios do processo migratório, podendo estes custos estar relacionados com o desgaste emocional causado pelo afastamento da família e amigos, a dificuldade de adaptação, o custo da viagem, o custo de manutenção num novo país, o esforço para a aprendizagem de uma nova língua e de uma nova cultura, a distância do país de origem, entre outros (Massey et al., 1993). Ainda assim, se os benefícios compensarem e os custos não comprometerem, por exemplo, a obtenção de um emprego ou bom rendimento salarial no país de destino (Keely, 2000), o indivíduo tende a migrar como forma de *maximizar o seu bem-estar individual* (Figueiredo, 2005). Contudo este modelo tem sido objeto de controvérsia, uma vez que parte do pressuposto de uma escolha racional e linear implicada na decisão de migrar, deixando de lado as questões subjetivas que também influenciam nesta decisão (Lee, 1966).

A abordagem histórico-estrutural tem uma visão mais ampla acerca do fenómeno migratório. Ao contrário do modelo clássico acima referido, esse tipo de abordagem privilegia a interação do indivíduo migrante com o ambiente no qual está inserido, incluindo os outros indivíduos e instituições, mas a sua semelhança também considera que a migração ocorre devido à perceptível desigualdade económica entre regiões e diferenças entre a oferta e a procura de empregos. Neste sentido, existiriam países que ofereceriam muitas oportunidades de trabalho, com salários mais altos, devido a falta de mão-de-obra de nativos, e, outros com poucas oportunidades de trabalho e salários mais baixos, devido ao excesso de mão-de-obra. Essa diferença motivaria a emigração de indivíduos de países mais pobres para países cujo potencial de crescimento é maior. Segundo Debiaggi e Paiva (2004) “*os investimentos e trocas macroeconómicas entre os países, seriam os catalisadores da imigração internacional*”, uma vez que a migração seria capaz de agir aumentando os salários nos países mais pobres que estivessem perdendo indivíduos e de diminuir nos países que estivessem recebendo esses imigrantes, causando um equilíbrio económico e tornando a desigualdade anterior irrelevante (Muniz, 2010).

Neste modelo, a decisão de migrar, não tem consequências apenas para o indivíduo migrante, mas influencia diretamente a diversidade de pessoas, extensões territoriais e investimentos económicos e políticos envolvidos na migração. Segundo Margolis (1994) as teorias sociológicas tradicionais e macroestruturais não são excludentes, mas complementares, contribuindo de uma forma mais alargada para a compreensão do fenómeno migratório.

O motivo migratório é um fator determinante para a vivência dos indivíduos perante o contato intercultural (Büki, 2013). (Doerschler, 2006) argumenta que os motivos influenciam diretamente a integração política do imigrante na sociedade de acolhimento, tendendo estes a estar mais envolvidos politicamente e ativos na sociedade se migrarem, não apenas por motivos económicos, mas também por motivos políticos.

Inerente ao motivo migratório está também a noção de *voluntariedade* da migração, ou seja, se as deslocações territoriais são voluntárias ou forçadas (Berry, 1997), como no caso dos refugiados ou no caso de indivíduos que não conseguem ter voz na decisão de sua própria migração, nomeadamente os adolescentes que acompanham a migração dos pais, ou as mulheres que migram apenas para acompanhar a família. A natureza da voluntariedade da migração é primordial para o estabelecimento de relações interpessoais e estabilidade emocional na sociedade de acolhimento (Campos, 2015).

Para além dos motivos migratórios, vários são os fatores que influenciam a experiência migratória, no capítulo que segue será explorado a forma como ocorre o contato entre culturas diferentes e como os indivíduos migrantes tendem a lidar com este processo, designando-se este fenómeno de *aculturação*.

Capítulo II- Processo de aculturação e adaptação durante uma experiência migratória

2.1 Aculturação e adaptação

Redfield, Linton, & Herskovits (1936), formularam a primeira conceptualização do termo *aculturação*, definindo-o como um processo resultante do estabelecimento de contato **contínuo** entre grupos de diferentes culturas, que provoca **mudanças** nos padrões culturais originais de **um** ou de **ambos** os grupos envolvidos. Esta definição clássica encara o processo de aculturação segundo uma perspectiva grupal. Graves (1967), por sua vez, estabeleceu a noção de *aculturação psicológica*, referindo-se às mudanças de nível individual que são vivenciadas pelos indivíduos migrantes perante o contato com uma cultura diferente.

Os processos de aculturação envolvem um grande número de fenómenos e fatores que influenciam o processo de adaptação a longo prazo dos indivíduos migrantes, de forma que vários autores (Berry, 1992; Olmedo, 1979; Ward, 1996), desenvolveram quadros conceptuais na tentativa de sistematizar o processo de aculturação para a sua melhor compreensão. Esses quadros conceptuais incluem, no processo de aculturação, diversos aspetos, entre os quais estão: as características da sociedade de origem e de acolhimento, fatores individuais antes do processo migratório (experiências migratórias anteriores, idade, sexo, género) e fatores individuais durante o processo migratório (estratégias de aculturação, experiências iniciais, emoções associadas ao processo e etc.).

A adaptação é conceptualizada como o conjunto de respostas que os indivíduos dão às exigências ambientais que os expõem a algum tipo de mudança (Neto, 2008). Segundo a psicologia intercultural, o conceito de adaptação pode subdividir-se em adaptação psicológica e adaptação sociocultural. Ward (1996) define a adaptação psicológica como o bem-estar psicológico e satisfação com o novo contexto cultural, enquanto a adaptação sociocultural está relacionada com a aprendizagem de competências que permitem ao indivíduo relacionar-se com seu novo grupo de pares de uma maneira satisfatória, ou seja, enquanto a adaptação psicológica se relaciona com fatores afetivos internos, a adaptação sociocultural está diretamente relacionada a fatores externos relativos à aprendizagem, competências sociais e interação social (Argyle, 1982). Os dois tipos de adaptação estão diretamente relacionados, uma vez que conseguir

ultrapassar obstáculos e ter relações interpessoais positivas, tem como consequência um maior bem-estar psicológico, embora os seus fatores de previsão sejam distintos e estudados de forma independente (Berry, 1997).

Black e Mendenhall (1991) afirmam, ainda, que a maioria dos estudos sobre adaptação durante o processo migratório tem sido fundamentada na teoria da U-curve de (Lysgaard, 1955). Segundo esta teoria a adaptação segue quatro estágios principais: 1) *lua de mel*, fase referente ao encantamento com a cultura hóspede, que tende a durar pouco tempo; 2) *choque cultural*, quando o indivíduo se vê obrigado a viver entre duas culturas diferentes e a encarar os desafios que a experiência lhe proporciona; 3) *ajuste* e 4) *domínio*, estas fases finais os indivíduos tendem a ter maior estabilidade nas diversas áreas de vida.

U-CURVE



Figura 1. Curva em U de adaptação do imigrante

Fonte: Black, J. S., & Mendenhall, M. (1991). The U-Curve Adjustment Hypothesis Revisited: A Review and Theoretical Framework. *Journal of International Business Studies*.

No entanto, esta teoria clássica tem sido alvo de críticas, uma vez que diversos autores identificam dificuldades de adaptação logo no início do processo, quando, segundo a teoria da U-curve, existiria um encantamento com a nova cultura nos primeiros meses de migração (Black &

Mendenhall, 1991). A adaptação, por fim, pode ser considerada tendencialmente positiva ou negativa dependendo de inúmeros fatores que envolvem o indivíduo migrante que vai além dos estágios definidos pela U-Curve.

Tendo em conta os fatores presentes nos quadros conceptuais de autores citados acima (Berry, 1992; Olmedo, 1979; Ward, 1996), neste estudo serão abordados três fatores individuais que estão presentes durante o processo de aculturação psicológica e que parecem ter influência no processo de adaptação a longo prazo: 1) *experiências iniciais de contato intercultural*, uma vez que estas experiências colocam uma carga ou demanda no indivíduo migrante, que o deixa consciente da experiência entre duas culturas, marcando assim, o início do processo de aculturação psicológica (Aldwin, 1994; Lazarus, 1990, 1993); 2) *emoções associadas a esta vivência*, uma vez que as experiências iniciais podem ser consideradas desafios que proporcionam melhores oportunidades de vida ou podem ser extremamente prejudiciais à saúde física e emocional do migrante (Berry, 1997); e 3) *estratégias de aculturação*, que segundo Berry (1997), são as estratégias escolhidas pelo indivíduo migrante para lidar com os desafios interculturais, que o aproximam ou afastam da sociedade de origem e de acolhimento. Estes três fatores permitirão ter um repertório de informação acerca das características e vivências psicológicas e socioculturais dos imigrantes brasileiros residentes na Hungria.

2.2 Fatores que influenciam a aculturação psicológica e adaptação

Apesar do grande número de fatores envolvidos nos processos de aculturação individuais, existe um consenso de que este processo se inicia a partir de eventos de vida, através dos quais o indivíduo tem a consciência de que deve lidar e participar em duas culturas diferentes (Aldwin, 1994; Lazarus, 1990, 1993). Essas experiências iniciais de contato intercultural e a forma como o indivíduo migrante lida com elas pode direcionar toda a experiência migratória para uma adaptação a longo prazo tendencialmente positiva ou negativa. Esta dependerá do modo como os migrantes consideram esta, podendo, para alguns, ser considerados obstáculos ou dificuldades intransponíveis ou ter uma função motivadora, que ajuda o indivíduo migrante a enfrentar as dificuldades experienciadas (Berry, 1997).

Alguns dos obstáculos ou dificuldades, presentes na literatura, que podem emergir perante o contato intercultural, estão relacionados com a *distância cultural* (Tilly, 1976), ou seja,

com a disparidade ou semelhança percebida entre dois países com culturas diferentes. Segundo Furnham e Bochner (1982) quanto maior for a distância cultural, maior será a exigência de aprendizagens culturais para que haja o ajustamento do indivíduo migrante. As características da sociedade de origem e da sociedade de acolhimento, a atitude perante os imigrantes e a língua são fatores que caracterizam esta distância cultural e podem ser vistos como obstáculos a serem ultrapassados pelos indivíduos migrantes durante a sua vivência de aculturação.

Para Hamers e Blanc (2000), a língua é um valor primordial de um grupo cultural, sendo esta determinante para a identidade cultural de seus membros. A língua é determinante no processo de aculturação, pois além de ser parte integrante de determinada cultura, é a partir dela que grupos minoritários podem ser identificados pela sua etnia, características culturais e linguísticas dentro da sociedade de acolhimento. Esta competência é a responsável pela transmissão e comunicação das aprendizagens e valores de uma cultura, de forma que o domínio insuficiente na língua de um país receptor poderá ser negativo para a adaptação e constituir um obstáculo de aculturação.

Além da língua, a forma como determinada sociedade surgiu, os povos que fizeram parte deste processo e a ocorrência de guerras, são pormenores históricos que ajudam a perceber e a caracterizar um país. Esses pormenores históricos ajudam, ainda, a perceber que tipo de atitudes existem entre os membros de uma sociedade de acolhimento e os imigrantes. De forma particular, quando as sociedades estabelecem políticas de imigração com base numa ideologia multicultural, é mais provável que proporcionem o desenvolvimento de duas ou mais culturas lado a lado (Silva, 2010), ajudando os indivíduos imigrantes a sentirem-se mais acolhidos e bem recebidos na nova sociedade. De igual forma, quando uma sociedade apoia as políticas culturais, existe uma maior base de apoio social por parte das instituições e estruturas políticas, que têm sido apontadas como o principal mecanismo através do qual se procura a representação dos direitos das comunidades imigrantes (Koopmans & Statham, 2000; Sardinha, 2007; Teixeira & Albuquerque, 2005). Pelo contrário, se uma sociedade não está aberta à diversidade cultural pode haver uma imposição da cultura dominante, com aumento dos comportamentos de hostilidade, de conflitos interculturais e de discriminação por parte da sociedade majoritária, o que pode desencadear a exclusão e uma má adaptação dos grupos minoritários a longo prazo (Berry, 1997).

2.2.1 Emoções associadas à vivência da aculturação

As emoções e demais processos afetivos exercem funções essenciais na vida humana (Fernández-Abascal, 2010), regulando e estimulando os processos adaptativos, sociais e motivacionais (Gondim et al., 2013). O processo migratório é, por si só, um fator de risco que reúne vários elementos de perda e que poderá comprometer estas funções essenciais, uma vez que o indivíduo que migra se afasta da família, dos amigos, da cultura, da língua, de casa, da posição social, entre outros. Esse afastamento é vivenciado como um processo de luto e pode ser acompanhado por perturbações emocionais (Bibeau, 1997; Desjarlais, Eisenberg, Good, & Kleinman, 1995; Kirmayer & Minas, 2000).

Segundo Dias (2005), focalizar a atenção no indivíduo migrante é considerarmos uma dimensão que situa o processo migratório em algo psíquico, estando este facto relacionado com as constantes rupturas que o indivíduo migrante tem que fazer com o seu quadro cultural de referência, o que leva a que o processo de aculturação traga inevitavelmente problemas sociais e psicológicos que envolvem stress, vulnerabilidade, a acentuação dos fatores de risco e emoções negativas (Malzberg & Lee, 1956; Ramos, 2004, 2009).

Estudos revelam que os indivíduos migrantes tendem a ter emoções negativas (emoções que causam sofrimento psíquico), como tristeza, solidão, desesperança e saudade nas fases iniciais do processo de aculturação e que, há medida que o tempo de residência deste indivíduo no novo contexto cultural aumenta, este passa a conceptualizar a nova cultura, integrar novos comportamentos e ter um maior suporte social, desencadeando emoções positivas como sentimentos de pertença, bem-estar, satisfação geral com a vida e perspectiva de futuro na nova sociedade. Pereira (2010) realizou um estudo, em Portugal, com imigrantes brasileiros e cabo-verdianos, com o objetivo de avaliar a prevalência de sintomatologia depressiva nesta população. Os seus resultados mostraram imigrantes com níveis moderados e graves desta psicopatologia, sendo que aqueles que se encontravam há menos tempo no país tinham maiores níveis de depressão. A autora atribui estes resultados às frustrações com as quais os imigrantes se deparam logo que chegam ao país, enquanto aqueles que vivem no país há mais de cinco anos encontraram motivações para se estabelecerem, contribuindo para uma adaptação a longo prazo tendencialmente positiva.

Segundo Berry (1997), as questões psicológicas relacionadas com a aculturação podem ser vivenciadas de três formas diferentes, indicando por que tipo de experiências psicológicas o indivíduo migrante está a passar perante os eventos de vida que emergem do contato intercultural e qual o seu nível de dificuldade em ultrapassá-los. A primeira forma, considerada mais eficaz na superação das dificuldades e obstáculos migratórios encontrados, denomina-se de *mudanças psicológicas*; a segunda, que implica uma maior dificuldade, mas que envolve estratégias de *confronto-coping*, denomina-se de *stress aculturativo*; e a terceira forma, que exige mudanças comportamentais que ultrapassam as capacidades do indivíduo migrante para lidar com o novo contexto cultural e o direcionam para altos níveis de doença mental, é denominada por *processo psicopatológico*.

A primeira forma de vivenciar as questões psicológicas envolvidas no processo de aculturação (mudanças psicológicas), também chamado de aprendizagem cultural (Brislin, Landis, & Brandt, 1983), caracteriza-se pela aprendizagem de um novo repertório comportamental que ajuda o indivíduo migrante a adaptar-se ao novo contexto cultural, diminuindo a probabilidade de conflitos sociais ou de sofrimento psíquico. O indivíduo migrante que procura obter sucesso na sociedade de acolhimento deve estar minimamente interessado na cultura que o acolhe, sendo sensível o suficiente para compreender as diferenças étnicas e culturais e para modificar o seu comportamento, indicando respeito pelos indivíduos e pela sociedade majoritária (Bhawuk & Brislin, 1992; Shaules, 2004). A consequência psicológica deste contato intercultural, como parte de um processo de globalização, seria a ocorrência de transformações na identidade cultural (Arnett, 2002), uma vez que a aprendizagem de uma nova cultura pode implicar a perda de comportamentos culturais de origem. Normalmente, este processo, quando bem aceite (através de suporte social, competências socioculturais e psicológicas) conduz o migrante a uma adaptação a longo prazo considerada tendencialmente positiva, onde emergem emoções como bem-estar e satisfação geral com a vida.

O *stress aculturativo* foi o termo utilizado por Berry (1992) para se referir ao stress que emerge de uma situação intercultural, no qual os indivíduos apresentam uma dificuldade moderada em ultrapassar alguns conflitos culturais, traduzindo-se em transtornos de humor, insónia e ansiedade (Yano, 2013). O termo *stress aculturativo* é frequentemente confundido com choque cultural, embora estes dois conceitos sejam diferentes. Enquanto o choque cultural se foca apenas nos pontos negativos do processo de adaptação, o *stress aculturativo* inclui, para

além dos negativos, *stressores* positivos que ajudam o indivíduo a alcançar metas pré-migratórias. Um indivíduo que decide migrar pode experimentar altos níveis de stress e sintomas psicopatológicos, mas pode também desenvolver estratégias de confronto ou *coping*, de forma que as experiências negativas são interpretadas como uma oportunidade de mudança e de enfrentar as diferenças (Berry, 1997).

Os indivíduos que consideram as exigências impostas pelo novo contexto cultural superiores à sua capacidade para adaptar-se e mudar o seu repertório comportamental podem apresentar altos índices de psicopatologia e de sofrimento mental, impedindo-os de se adaptar à sociedade de acolhimento. Este processo pode ser, uma experiência traumática para o indivíduo migrante (Nathan, 1986), levando à predominância de emoções negativas, como tristeza, solidão e desesperança. O alto nível de stress e contato com o novo fazem com que a população imigrante apresente uma maior vulnerabilidade a doenças, inclusive as do foro mental, sendo os tipos de psicopatologia mais frequentes na população imigrante a ansiedade, depressão, angústia, doenças psicossomáticas, alcoolismo e neuroses (Carballo, Divino, & Zeric, 1998). Um estudo realizado em São Paulo (Brasil) com o objetivo de verificar a frequência de perturbações psiquiátricas e psicológicas em imigrantes coreanos residentes na cidade revelou que esta comunidade de imigrantes apresenta uma prevalência de perturbações mentais e psicológicas superiores a população coreana que vive na Coreia, concluindo que a sua saúde mental é diretamente influenciada por fatores relacionados à imigração (Kang, Razzouk, Mari, & Shirakawa, 2009). Um estudo realizado em Sevilha com 190 imigrantes revelou que também 13,2 % desses imigrantes apresentavam alto risco de alcoolismo (González-López, Rodríguez-Gázquez, & Lomas-Campos, 2012).

2.2.2 Estratégias de aculturação

Dando continuidade aos fatores individuais que tem influência no processo de aculturação psicológica, bem como na adaptação a longo prazo, as estratégias de aculturação, definidas por Berry na década de 80, surgem como uma resposta aos modelos de aculturação unidimensionais (Gordon, 1964) da época, que defendiam a transição de uma identidade cultural para outra, de forma que quando duas culturas diferentes entravam em contato, estas tornavam-se semelhantes. Este modelo é também chamado de modelo de assimilação (H. & Eye, 2002), uma vez que a maioria das mudanças culturais recai sobre o grupo étnico não-dominante (Dona &

Berry, 1994). Berry (1984) propôs, então, um modelo bidimensional, que defende que um indivíduo em aculturação pode ser altamente envolvido nas duas culturas que vivencia ou em nenhuma, através de estratégias (comportamentais) que o aproximam ou afastam de ambas as culturas. Este modelo baseia-se não só na relação do imigrante com a sociedade de acolhimento, mas também na sua relação com a cultura de origem (Huayhua, 2007).

A abordagem de Berry (1997) é baseada na resposta a duas questões que se colocariam aos imigrantes sempre que estivessem em contato com outras culturas. Estas estão relacionadas com a manutenção da cultura de origem (*devo valorizar e manter minha identidade e características culturais?*) e com a participação e envolvimento na cultura da sociedade de acolhimento (*devo valorizar a manutenção de relações com outros grupos?*). Quando estas duas questões são consideradas simultaneamente forma-se um quadro conceptual (Tabela 1) que postula a existência de quatro estratégias de aculturação. Embora essas questões possam ser respondidas por um contínuo gradual tendencialmente positivo ou negativo, de forma conceptual podem ser tratadas de forma dicotômica, consoante respostas de “Sim e Não” dos indivíduos a cada uma das questões de aculturação (Dona & Berry, 1994).

Tabela 1. Estratégias de aculturação

Fonte: Berry, J. W. (1997). Immigration Acculturation and Adaptation .

		Questão 1	
		<i>Devo valorizar e manter minha identidade e características culturais?</i>	
Questão 2		SIM	NÃO
<i>Devo valorizar a manutenção de relações com outros grupos?</i>	SIM	Integração	Assimilação
	NÃO	Separação	Marginalização

Na estratégia de *assimilação*, o indivíduo ou grupo demonstram perda total da cultura original e maior interação com a cultura do país de acolhimento. Estes tendem a assumir os valores culturais da sociedade de acolhimento como seus. Na estratégia *separação*, o indivíduo

ou grupo em aculturação tendem a manter a sua cultura original, com envolvimento nas suas tradições e costumes, mas separam-se e procuram não interagir com os valores culturais do país de acolhimento. Na estratégia de *integração* o indivíduo ou grupo tende a manter sua cultura de origem ao mesmo tempo em que absorve os valores culturais da sociedade de acolhimento. A estratégia de *marginalização*, o indivíduo ou grupo acaba por não manter contato nem com a cultura de origem, nem com a cultura do país de acolhimento por não haver identificação com nenhuma das culturas que experiencia (Berry, 1997).

Berry (2001) afirma que algumas pré-condições psicológicas da sociedade de acolhimento são determinantes para a definição da estratégia de aculturação adotada pelo indivíduo migrante. Por exemplo, um indivíduo pode adotar uma estratégia de *marginalização* (que o afasta de ambas as culturas), devido ao facto de existir, por parte do grupo minoritário, pouca vontade em manter os seus valores e costumes, mas também devido ao grupo majoritário não demonstrar interesse em criar uma relação ou integrar o grupo imigrante (Patinhas, 2013). De igual forma, para que um indivíduo migrante adote a estratégia de *integração* (envolvido em ambas as culturas) é necessário que a sociedade de acolhimento aceite a diversidade cultural e tenha baixos índices de preconceito e discriminação (Berry, 2001). Neto (2007) realizou um estudo com 204 pessoas acerca da ideologia multicultural e tolerância étnica, tendo os seus resultados indicado uma correlação positiva entre o multiculturalismo e a *integração*, e correlações negativas com as outras estratégias de aculturação.

As estratégias de aculturação utilizadas no processo migratório demonstram ter uma enorme relação com a adaptação do imigrante a longo prazo. Geralmente, quem utiliza a estratégia *integração* tem uma adaptação a longo prazo melhor sucedida (Berry & Sam, 1997). Schimitz (1994) realizou um estudo na Alemanha onde explorou a relação entre estratégias de aculturação e stress, tendo os resultados demonstrado que os indivíduos que assumiam uma estratégia de aculturação de *integração* eram mais flexíveis e tinham menor tendência para vivenciar o stress aculturativo. Essa relação entre a estratégia *integração* e uma adaptação a longo prazo positiva deve-se ao facto de esta estratégia implicar muitos fatores de proteção, como uma vontade de adaptação mútua entre as sociedades que interagem e uma personalidade flexível, havendo assim uma interação saudável entre ambas as culturas (Berry, 1997). De forma consistente com esta premissa, este também estudo realizado com imigrantes em Portugal,

revelou que a maioria dos imigrantes neste país se sente integrada, devido ao facto de Portugal aparentar ser hospitaleiro e aberto às diferenças e diversidade cultural, o que proporciona um maior bem-estar e satisfação geral com a vida desses imigrantes, que não demonstram interesse em abandonar a experiência migratória de forma a estabelecerem-se permanentemente no país (Sousa & Gonçalves, 2015).

Enquanto a *integração* é considerada a estratégia mais eficaz para uma adaptação a longo prazo bem sucedida e a *marginalização* a menos conseguida, a *assimilação* e a *separação*, por sua vez, são consideradas estratégias intermediárias. A *assimilação* envolve uma perda cultural que pode não ser intencional, estando ligada a sociedades que, muitas vezes, impõem a cultura dominante, o que leva o indivíduo migrante a absorver esses novos valores culturais para evitar conflitos com a nova sociedade. O indivíduo migrante que utiliza esta estratégia, geralmente adquire os valores da nova sociedade gradualmente, uma vez que se torna impossível para ele perder todo o seu referencial cultural de um momento a outro, o que seria resultante na desintegração da personalidade do indivíduo (Huayhua, 2007). A *separação*, por sua vez, traduz-se no não envolvimento com a sociedade de acolhimento de uma maneira intencional, o que pode, frequentemente levar o grupo de imigrantes a formarem “guetos” na sociedade de acolhimento e serem excluídos das atividades quotidianas e cívicas desta sociedade.

Os modelos unidimensionais e bidimensionais que foram propostos nas últimas duas décadas, sobre os quais se debruçam as atuais investigações acerca da aculturação e dos seus fatores determinantes, ainda deixam lacunas acerca da sua adequação na abordagem do fenómeno (Flannery, Reise, & Yu, 2001; Olmedo, 1979), de forma que críticas surgiram no que diz respeito à forma conceptual e dicotómica com a qual o tema é abordado. Debiaggi (2008), por exemplo, afirma que o processo de aculturação não é uniforme em todas as dimensões da vida social de um indivíduo, este pode buscar manter-se integrado apenas com a sociedade de acolhimento, no que diz respeito ao trabalho (assimilação), aprender a língua do país de origem (integração), procurar envolver-se amorosamente apenas com pessoas do seu país de origem (separação). A autora defende ainda que se podem adotar diferentes estratégias de aculturação ao longo do tempo, uma vez que o indivíduo migrante é um ator social, que toma atitudes de acordo com suas experiências. Cabassa (2003) defende que o modelo bidimensional, assim como o modelo unidimensional, também apresenta limitações, pois o processo de aculturação perde a sua

natureza dinâmica quando se tenta reduzir o fenômeno a instrumentos de mensuração. Para o autor a aculturação, bem como as estratégias utilizadas pelos indivíduos, devem ser vistos como um processo de desenvolvimento que sofre variações ao longo do tempo.

A principal pertinência do modelo bidimensional proposto por Berry (1984) é a sua flexibilidade, pois pressupõe a manutenção de contato entre duas culturas diferentes de forma independente, possibilitando a inclusão no processo de aculturação tanto dos indivíduos que vivenciam e experienciam a cultura de origem como a cultura de acolhimento, como aqueles que não “pertencem” a nenhuma delas (Kang, 2006). O modelo gráfico proposto pelo autor ajuda a clarificar, através das duas questões baseadas nas atitudes dos indivíduos, o fenômeno de aculturação e a identificar os fatores associados a este processo tão complexo. A utilização do modelo bidimensional de Berry (1984), no presente estudo, ajudará a explorar, tanto o processo de aculturação dos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria e seus fatores determinantes, como a adequação do modelo bidimensional aplicado a este fenômeno.

2.3 O contato intercultural entre Brasil e Hungria

Apesar de existir uma grande oferta literária acerca dos países mais procurados como destino dos emigrantes brasileiros, existe uma grande ausência de informações acerca da relação intercultural entre o povo brasileiro e a comunidade do Centro-leste europeu, fazendo com que o contexto histórico-cultural que enquadra o fenômeno de migração entre estas duas regiões geográficas seja praticamente desconhecido (Decol, 2000). É sobre esta falácia que assenta a grande pertinência deste trabalho: o estudo sobre imigrantes brasileiros que residem em território húngaro. Para entender melhor esta relação é necessário fazer um balanço histórico acerca das primeiras levas de imigrantes do Centro-leste europeu que se estabeleceram no Brasil e que deram início a esta relação pouco explorada.

Segundo Decol (2000), a imigração de indivíduos do Leste Europeu para a América ganhou visibilidade em meados do século XIX. Neste período, a Europa passava por um momento político delicado, estando a Hungria, particularmente, associada a um passado de guerras, invasões e de divisão do seu território, de forma que “*..a crise econômica, a falta de terras para plantar e colher, as frequentes mudanças de fronteiras e de territórios, contribuíram*

para que, voluntária ou involuntariamente, milhares de húngaros emigrassem para o exterior” (Lopes, 2011).

Segundo Öry Kovács (2006, citado em Lopes, 2011), o fator económico foi o principal motivo de famílias húngaras migrarem em direção ao Brasil. Lopes (2011) afirma que apesar das dificuldades iniciais (como o clima e a língua), as primeiras gerações de húngaros estabeleceram-se no Sul do Brasil, trabalhando principalmente no campo. Hoje, muitos descendentes dos húngaros permanecem no país, precisamente na região de Jaraguá do Sul, onde se esforçam para manter alguns costumes e tradições da cultura húngara. No seu estudo, Lopes (2011) afirma, ainda, que a segunda guerra mundial interrompeu o contato diplomático entre o Brasil e a Hungria. Durante esse período (1939-1945) os imigrantes húngaros no Brasil sofreram repressões, devido ao facto de o seu país de origem ser aliado da Alemanha na guerra, havendo, assim, uma substituição de hábitos tipicamente húngaros pela *assimilação* dos costumes brasileiros, uma vez que este comportamento levaria a uma melhor adaptação ao país de acolhimento. O reestabelecimento das relações bilaterais ocorreu em 1961 (Itamaraty, 2015), mantendo-se, assim, uma relação amigável entre o país quente da América do Sul e o pequeno país do Centro- leste europeu.

A falta de fontes bibliográficas não permite compreender, de forma ampla, como ocorreu o processo migratório de brasileiros para a Hungria. No entanto, sabe-se que, atualmente, residem cerca de 1050 brasileiros no país (IBGE, 2014). Em 2013, houve a inclusão do programa do governo brasileiro de mobilidade académica “Ciências sem fronteiras”, considerado um marco para as relações entre os dois países, uma vez que a Hungria foi o primeiro país do Centro-leste europeu a participar do programa (Itamaraty, 2015). Esta inclusão aumentou o número de brasileiros na Hungria e aumentou a visibilidade do país no Brasil, deixando a Hungria de ser um país desconhecido e passando a ser um dos principais destinos dos estudantes brasileiros.

No contexto da pior crise de refugiados que a Europa enfrenta e da grande tensão nas fronteiras da Hungria em relação aos imigrantes, os brasileiros residentes parecem não sofrer grande impacto deste facto, mantendo-se bastante ativos no que diz respeito a ação de projetos de manutenção da cultura brasileira, que promovem a aprendizagem da língua portuguesa através da música, promovem atividades desportivas e a relação entre as crianças húngaras e brasileiras

(Planalto, 2014). Mesmo com uma comunidade brasileira ativa, e com atitudes que sugerem a utilização da estratégia de aculturação *integração* pelo grupo migrante, é impossível negar as enormes diferenças culturais que existem entre os dois países e a pertinência de explorar a forma individual como os imigrantes lidam com essas diferenças.

Como já foi citado anteriormente, a distância cultural é um dos fatores que podem ter influência no processo de aculturação dos indivíduos migrantes, bem como nas atitudes do imigrante e da sociedade de acolhimento em contato intercultural. No caso do Brasil e da Hungria, existe uma grande distância no que diz respeito à língua, aos costumes, ao clima e à formação do país. Por um lado temos o Brasil, um país continental com cerca de 220 milhões de habitantes (IBGE, 2014), tem na sua origem a colonização portuguesa, da qual herdou não só a língua, mas também a religião cristã (pela maior parte da população brasileira) (Guimarães, 2005). Um país de clima tropical, marcado historicamente por migrações europeias, africanas e indígenas (Barbalho, 2007), que deixaram sua cultura heterogênea e diversa. No que diz respeito ao sistema político, o Brasil é uma república democrática com um sistema presidencial. Por outro lado temos a Hungria, um país do Centro-leste europeu, com uma população de aproximadamente 10 milhões de habitantes e que tem como língua oficial o húngaro. O país é localizado numa área com clima temperado, com as quatro estações bem definidas, chegando a ter temperaturas negativas nas alturas do inverno, o que pode ser um obstáculo para o imigrante brasileiro, acostumado a um clima tropical característico do seu país de origem. A Hungria tem no seu processo de formação um histórico de invasões de origem fascista, nazista, comunista e monárquica, e foi colocado sobre regime comunista soviético após a segunda guerra mundial. A forma como se procedeu o seu desenvolvimento territorial moldou os comportamentos da sociedade húngara atual (Cartledge, 2011), a qual se expressa através de uma sociedade que limita a diversidade cultural e num patamar de instabilidade económica, uma vez, que transitou para um modelo económico ocidental, somente após a queda do regime comunista em 1989. Em 2004, visando uma maior aproximação com o ocidente, a Hungria aderiu a União Europeia, que aborda a questão migratória num equilíbrio entre liberdade e segurança (Barbosa, Machado, Melo, & Junior, 2012). Perante uma crise migratória, que evidencia a situação crítica dos refugiados oriundos de países da África, Ásia e Oriente Médio, a Hungria defende políticas de deportação e mostra-se disposta a acolher apenas um número limite de refugiados, o que causou grandes repercussões e críticas aos valores que caracterizam a União Europeia.

As características culturais definem a visão grupal de um país acerca de inúmeros fenômenos, desde o fenômeno migratório até aspectos competitivos entre os próprios indivíduos. O Brasil, por exemplo, foi um dos últimos países a abolir a escravidão, consubstanciando uma política de concentração de capital numa pequena parte da população, o que resultou na gravíssima desigualdade social e econômica do país. Esta desigualdade reflete-se nos comportamentos dos brasileiros e na forma como estes encaram os seus conterrâneos, tendo como consequência uma competição social baseada no capital e no consumo. Esta competição traduz-se, por exemplo, no uso do jeitinho brasileiro, uma característica peculiar da cultura brasileira, que diz respeito ao método pelo qual alguém alcança determinado objetivo sem ter em conta as determinações contrárias a ele (sejam leis, regras ou ordens), ele é usado para “driblar” condições que impediriam a concretização de determinado objetivo. No entanto, este comportamento não é visto como sendo prejudicial para terceiros, mas apenas como uma forma de resolver os problemas, sem perder o *status quo* (Motta & Alcadipani, 1999). A desigualdade de rendimentos no Brasil tem sido associada positivamente aos índices de criminalidade no país (Resende & Andrade, 2011), sendo esta discrepância de status social e a competição, responsáveis por equilibrar esta diferença, caracterizando o país como violento e inseguro para a maior parte dos seus habitantes. Já a Hungria viu pela primeira vez evidenciada a classe mais baixa, através da criação de programas de bem-estar social, que dava a população acesso à saúde, aos estudos e uma possibilidade de crescimento através da presença do comunismo (Bernardi, 2013). Por outro lado, a liberdade de pensar e expressar opiniões, foi fortemente oprimida pelo governo. O cunho igualitário comunista moldou as novas gerações húngaras levando-as a encarar a competição como algo negativo, uma vez que este fenômeno, durante o regime comunista, era algo ideologicamente banido e negado e, após a queda do governo soviético, tornou-se absolutamente necessário (Fülop, 2002). A forma como o povo húngaro considera o fenômeno da competição está relacionada com questões culturais e com a recente alternância do sistema político (Fülop, 1999), diferentemente do que ocorreu com os brasileiros, que há muito tempo são regidos por um mercado econômico capitalista, que impõe uma competição diária no cotidiano dos seus cidadãos.

O contato intercultural impõe aos indivíduos migrantes a necessidade de lidarem com diferentes formas de pensar e de agir, uma vez, que culturalmente tem opiniões diferentes acerca dos fenômenos cotidianos. Essa relação intercultural e troca de experiências promove, desta

forma, uma dinâmica competitiva (Fülöp, 2009). A forma como este fenómeno é vivenciado durante o processo aculturativo será explorado no próximo capítulo.

Capítulo III- Competição no processo migratório

Como vimos nos capítulos anteriores, vários são os fatores que influenciam o processo de aculturação e adaptação dos indivíduos migrantes: 1) motivos migratórios 2) experiências iniciais de contato intercultural 3) emoções perante este contato 4) estratégias de aculturação, entre outros. Além desses fatores, a natureza das relações sociais dentro de um grupo de imigrantes, bem como com outros imigrantes e com a sociedade de acolhimento, são fundamentais para a compreensão do processo de aculturação, assim como dos resultados deste processo para o indivíduo migrante (Gold, 1994; Grzymała-Kazłowska, 2005; Pietka, 2009). Segundo Fülöp (2009) todas as relações sociais implicam uma dinâmica competitiva. Embora, este fenômeno seja pouco explorado nas investigações acerca da aculturação. Existem estudos recentes (Büki, 2013; Fülöp, 2009) que relacionam o fenômeno da competição com a escolha das estratégias de aculturação que proporcionam experiências positivas ou negativas aos indivíduos migrantes, tendo um papel fundamental no seu processo de adaptação à nova cultura.

Neste capítulo serão explorados aspectos relativos ao fenômeno de competição, de forma a compreender como este fenômeno se relaciona com o processo de aculturação e adaptação dos imigrantes.

3.1 Competição no processo de aculturação

A competição é diferente de lugar para lugar, o que se deve ao facto de as culturas diferirem na importância que dão à competição (Fülöp, 2009). Enquanto em algumas culturas as relações competitivas colocam a ênfase nas vitórias, em vencer o adversário, em alcançar um objetivo de uma maneira negativa e sem ter em consideração os sentimentos ou emoções do oponente, outras conseguem ter uma relação mais harmoniosa no que diz respeito aos outros indivíduos da sociedade e a competição por recursos desenvolve-se de uma maneira saudável e não prejudicial aos indivíduos que competem, ou seja, a forma como os indivíduos se relacionam está ligada a uma visão de mundo coletivista ou individualista assumida por uma determinada sociedade. Segundo Triandis (1994, citado em Ferreira et al., 2002), o individualismo é algo inerente às sociedades onde os indivíduos se organizam de uma forma autónoma, enquanto o coletivismo se caracteriza por laços associativos e sentimentos de pertença.

O Japão é um grande exemplo de uma sociedade coletivista (Fülop, 2009), onde a cooperação e competição andam de mãos dadas. De facto, se por um lado este país tem uma economia capitalista e um sistema de educação extremamente competitivo, a sua visão coletivista educa cidadãos a serem mais sensíveis e receptivos ao próximo, fazendo com que a forma como encaram uma competição seja diferente de uma sociedade individualista. Por exemplo, os japoneses, após vencerem uma competição, demonstram sentimentos de constrangimento perante o fracasso do adversário por terem em consideração os sentimentos negativos que a derrota pode trazer do seu oponente, enquanto nas sociedades individualistas, vencer uma competição está relacionado, na maioria, das vezes, com emoções positivas de alegria e satisfação devido a vitória, sendo que este sentimento de satisfação não é enfraquecido devido à derrota do adversário (Fülop, 2009).

Tendo a cultura um papel fundamental na interpretação da competição, o fenómeno passou a ser estudado, em pequena escala, em grupos de imigrantes em contato intercultural, constatando-se que a instabilidade económica e as altas taxas de desemprego parecem ser as principais razões pelas quais a competição e conflitos aparecem no processo de aculturação (Tapias & Escandell, 2011). Zagefka et al. (2007) realizaram um estudo com o objetivo de testar atitudes negativas da sociedade maioritária em relação aos imigrantes, na Bélgica e na Turquia. Os resultados deste estudo revelaram que a competição económica entre membros da sociedade maioritária e imigrantes aumentaria as atitudes negativas da sociedade de acolhimento perante os imigrantes, tendo este comportamento um efeito negativo sobre a aculturação e adaptação dos mesmos.

Margolis (2009), ao estudar a comunidade brasileira em Nova Iorque, sugere que os motivos da migração, sejam eles económico, turístico ou familiar, podem influenciar os processos competitivos desenvolvidos dentro de uma comunidade imigrante. Por exemplo, um indivíduo que migra por motivos económicos poderá desenvolver uma competição com consequências negativas para suas relações profissionais devido ao facto de a sua prioridade de vida ser a acumulação de capital e não propriamente o estabelecimento de relações com os seus pares, tal resulta num afastamento tanto da comunidade de imigrantes como da sociedade de acolhimento, influenciando diretamente na estratégia de aculturação escolhida durante este processo. O mesmo indica o estudo realizado por Grzymala Kazłowska (2005), cujo objetivo foi

compreender as transformações na rede migratória de migrantes polacos (que migraram por motivos económicos), que residiam na Bélgica em situação irregular. Os resultados obtidos mostraram alterações nessas relações migratórias, que variavam de um contexto extremamente cooperativo dentro do grupo de imigrantes, para o aumento excessivo da rivalidade e competição entre os mesmos. Fatores como a escassez de trabalho, a escassez de recursos individuais e a posição individual no mercado de trabalho, foram apontados como responsáveis por um maior nível de competição dentro do grupo de imigrantes, que antes, em situações favoráveis, cooperavam com maior intensidade. Estudos sobre os imigrantes polacos revelam que, muitas vezes, esses indivíduos se sentem em maior risco dentro da comunidade de imigrantes do que perante a sociedade de acolhimento. A procura de emprego por esses imigrantes em Londres, por exemplo, desencadeou uma rivalidade e competição considerada “suja” entre estes imigrantes, de forma que as autoridades chegam a ser informadas sobre imigrantes em situação irregular pelos próprios membros da comunidade imigrante, apenas com o objetivo de diminuir a concorrência por vagas de emprego (Jordan, 2002).

A competição foi também explorada como preditora de bom ou mau desempenho escolar em crianças nos Estados Unidos (Knight, Nelson, Kagan, & Gumbiner, 1982), desempenhando este fenómeno funções diferentes consoantes a etnia das crianças. A competição estava relacionada positivamente com o desempenho escolar de crianças anglo-americanas, mas negativamente com a das crianças de origem mexicana que viviam naquele país. A competição surge então, como um fator influenciador no processo de aculturação e na adaptação dos imigrantes.

Os resultados dos estudos mencionados sugerem que a competição está relacionada com o estabelecimento de relações negativas, tanto dentro do grupo de imigrantes, como perante a sociedade de acolhimento. A contraposição dos fenómenos de competição e de cooperação nestes estudos é o ponto de partida para a compreensão de como estes dois processos foram estudados pela psicologia social ao longo do tempo.

3.2 Competição e cooperação

A competição é definida como uma relação entre indivíduos que envolve uma disputa por recursos. Segundo Fülöp (2009), esta disputa está presente em vários aspetos da vida quotidiana,

por exemplo, na família, na escola, nas relações entre pares, no trabalho e no desporto, podendo esta ser motivadora e tender a emoções positivas ou provocar desgaste emocional e ansiedade.

Durante muitos anos, a investigação em psicologia social tratou a competição de forma simbiótica com a cooperação (Fülöp & Orosz, 2015). Para Edwards (1991), por exemplo, estes dois processos fazem parte de um mesmo fenómeno, que diferem de acordo com o contexto no qual as pessoas estão inseridas e com as consequências de determinada ação, ou seja, em certa situação as ações de determinado indivíduo podem ser mais favoráveis a comportamentos que caracterizem uma competição ou a comportamentos que caracterizem a cooperação, sendo que o comportamento escolhido por este indivíduo varia de acordo com as consequências positivas ou negativas que este pode trazer para ele. Por exemplo, se ao analisar uma situação um indivíduo prevê que as suas ações, ao ajudar um adversário, serão favoráveis à obtenção do seu objetivo inicial, provavelmente este irá cooperar com o outro de uma maneira mais fácil, do que se a sua ação fosse afastá-lo do seu objetivo inicial. Para Deutsch (1949), num contexto cooperativo, as ações de um indivíduo favorecem o alcance de objetivos próprios e dos outros, envolvendo emoções positivas como altruísmo e ajuda mútua, enquanto num ambiente competitivo, quanto mais um indivíduo se aproxima do seu objetivo, mais os outros se afastam dos seus, envolvendo nesta situação emoções negativas, como a hostilidade e rivalidade.

A forma como estes dois processos foram estudados durante todos estes anos levou ao desenvolvimento de um paradigma denominado “A bela e o monstro” (Fülöp, 2009), onde a competição e cooperação são perspectivadas, como vimos acima, como conceitos opostos, sendo a competição algo destrutivo, que promove relações negativas, e a cooperação algo construtivo, que favorece relações positivas e saudáveis. Como estes dois fenómenos sempre foram estudados de uma forma articulada, até muito recentemente tem sido difícil compreender o fenómeno da competição de uma forma singular, existindo lacunas nas investigações acerca da natureza da competição, acerca dos contextos nos quais esta ocorre, bem como os resultados inerentes a este fenómeno. No entanto, na década de 90, com o avanço dos estudos que envolviam a cooperação e competição (Deutsch, 1990; Fülöp, 2008), ocorreu uma mudança de paradigma, pois estes estudos demonstravam que a competição não tinha apenas uma valência negativa para os indivíduos, e que esta, ao contrário do que se pensava anteriormente poderia ser fonte de motivação e de aprendizagem social, mesmo quando havia uma disputa por recursos na situação.

3.3 Competição construtiva e destrutiva

Deutsch (1990), já nos anos noventa, reconheceu que a maior parte dos conflitos que existem em determinada situação são uma mistura de comportamentos de cooperação e competição, ou seja, dentro da competição pode também haver comportamentos de altruísmo, de ajuda mútua e de confiança entre as pessoas que competem, mesmo que estas estejam disputando recursos comuns. A partir de então surgiram vários estudos sobre a natureza da competição construtiva (e.g. Sheridan & Williams, 2006; Tjosvold, Johnson, Johnson, & Sun, 2003). Tjosvold (2008), por exemplo, estudou a competição em contextos laborais e afirmou que a competição construtiva pode contribuir para a resolução de conflitos, promover a aprendizagem, a resolução de problemas e uma adaptação tendencialmente positiva aos variados contextos, tendo uma consequência construtiva para os indivíduos envolvidos na competição. Sheridan e Williams (2006) estudaram a competição construtiva na pré-escola e os seus resultados demonstraram que este tipo de competição poderia existir paralelamente à cooperação, servindo como um fator motivador para o alcance de objetivos por parte das crianças nessa fase inicial da vida. Em suma, estas pesquisas recentes demonstram que a competição não tem apenas uma natureza negativa, mas que existe um padrão de competição construtivo que contribui para a eficácia das tarefas a serem desenvolvidas, para um clima de trabalho criativo, para o desenvolvimento de relações positivas, além de promover o prazer nas experiências vivenciadas, o desejo de participação e a confiança entre os indivíduos envolvidos na competição (Shields & Bredemeier, 2009; D. Tjosvold, 2006). Logo, os processos competitivos passam a ser vistos como qualitativamente diferentes, “*podendo o seu resultado ser prejudicial ou benéfico, construtivo ou destrutivo*” (Fülop, 2009).

O foco das investigações recentes (Fülop, 2009) acerca dos padrões de competição localiza-se na análise das dimensões facilitam a identificação da natureza competitiva, nomeadamente: 1) *a função* que a competição assume na vida do indivíduo; 2) *o foco* da situação de competição, ou seja, onde se concentra a competição *no self*, no adversário ou na melhoria do grupo que compete (foco estendido); 3) *o objetivo da situação competitiva* (Elliot, 1999; Harackiewicz, Barron, & Elliot, 1998), relacionado com vencer a competição ou ser melhor que o adversário; 4) *a visão do adversário*, como um parceiro ou um inimigo e 5) *a moralidade da competição*, relacionada com a interpretação da competição como sendo justa ou injusta por

aqueles que competem. A análise dessas dimensões explora que tipo de consequências positivas ou negativas a situação de competição proporciona aos indivíduos que competem, permitindo definir a natureza construtiva ou destrutiva da competição.

Tendo em conta que os diferentes padrões de competição se caracterizam pelos resultados positivos ou negativos que trazem para o sujeito, pressupõe-se que estes facilitarão ou dificultarão a escolha de diferentes estratégias de aculturação. Para testar esta hipótese, Búki (2013) realizou um estudo com imigrantes brasileiros, com o objetivo de estabelecer relações entre os padrões de competição presentes no processo de aculturação desses imigrantes e as estratégias de aculturação utilizadas por eles. Os resultados obtidos sugerem que a competição construtiva dentro e fora do grupo de imigrantes pode facilitar a **integração** porque aproxima tanto o indivíduo migrante do grupo de imigrantes como da sociedade de acolhimento, estando então relacionada com uma adaptação tendencialmente positiva. Por outro lado, a competição destrutiva pode levar à escolha das estratégias de **marginalização**, enquanto que estratégia de **separação** pode ser facilitada por qualquer padrão competitivo, uma vez que o foco do indivíduo está no grupo de imigrantes, havendo um afastamento da sociedade de acolhimento. Por último, os resultados indicaram que a **assimilação** pode ser facilitada por uma competição destrutiva no grupo de imigrantes e por uma competição positiva dentro da sociedade de acolhimento.

Tendo em conta a pertinência dos padrões de competição no processo de aculturação e adaptação, este estudo procura explorar e descrever as situações de competição e os fatores associados presentes no processo de aculturação e adaptação dos imigrantes brasileiros residentes na Hungria.

Parte II

ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo IV- Método

4.1 Definição do problema, objetivos e questões de investigação

Tal como já foi anteriormente abordado, a forma como é experienciado o processo de aculturação e concretizada a adaptação dos imigrantes tem bastante impacto tanto no indivíduo que migra como na sociedade que o acolhe, podendo este processo envolver uma dinâmica de competição facilitadora ou dificultadora da adaptação a longo prazo.

Neste sentido, o presente estudo tem como principais objetivos 1) descrever os motivos que levaram os imigrantes brasileiros a sair do Brasil e a migrar para a Hungria, 2) compreender como ocorre o processo de aculturação desses imigrantes, 3) descrever as características de competição que emergem durante o processo migratório, e 4) descrever a adaptação dos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria, identificando os potenciais fatores associados.

As questões de investigação que orientaram o presente estudo e posterior análise de dados foram:

Questão 1: Quais são as motivações dos indivíduos brasileiros inerentes a decisão de migrar para a Hungria?

Questão 2: Como é o processo de aculturação (no que diz respeito às experiências iniciais de contato intercultural, às emoções associadas a este contato, bem como às estratégias de aculturação utilizadas) dos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria?

Questão 3: Como se caracteriza as situações de competição (área de competição, com quem ocorre a competição e os padrões de competição) dos brasileiros residentes na Hungria?

Questão 4: Qual o grau de adaptação relatado pelos imigrantes brasileiros residentes na Hungria no momento da entrevista e quais os fatores associados a este nível de adaptação?

Para realização deste estudo, recorreu-se a uma metodologia qualitativa, que implicou a recolha de dados por meio da realização de 20 entrevistas semi-estruturadas, integralmente transcritas. O conteúdo da transcrição foi analisado através do método Template Analysis (TA).

De seguida serão apresentados os dados relativos aos participantes e ao método de recolha e análise de dados.

4.2 Participantes

Neste estudo participaram 20 imigrantes brasileiros residentes na Hungria há pelo menos dois anos, mais especificamente 12 homens e 8 mulheres, com idades compreendidas entre os 23 e os 37 anos.

Os imigrantes brasileiros que aceitaram participar neste estudo já residiam na Hungria há algum tempo (entre 2 a 15 anos), sendo que a maioria dos participantes decidiu deixar o país de origem e migrar para a sociedade húngara entre os anos de 2009 a 2012.

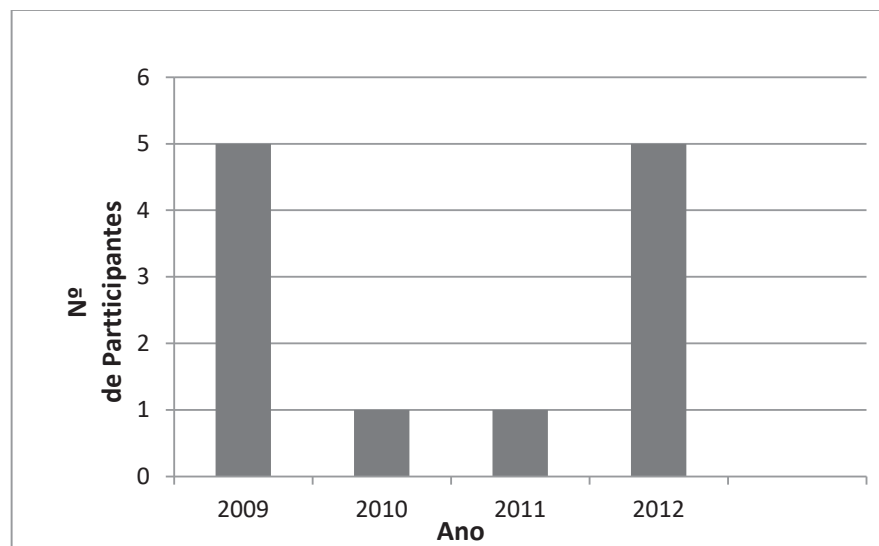


Figura 2. Ano de migração para a Hungria

Relativamente ao estado civil dos participantes, 50% eram casados, sendo estes representados na sua maioria por mulheres (7), e 45% eram solteiros, sendo estes representados na sua maioria por homens (8).

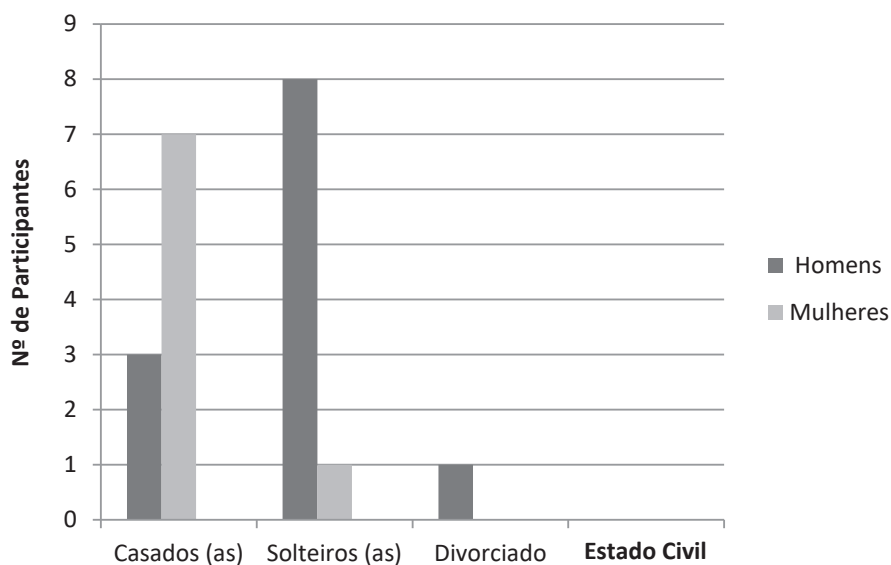


Figura 3. Estado civil dos participantes em função do sexo

Os participantes casados têm como companheiros/as indivíduos de nacionalidade brasileira (2), de nacionalidade húngara (7) e tcheca (1). Metade dos participantes refere ter filhos (entre 1 e 3).

Onze (11) dos 20 participantes deste estudo revelaram ser praticantes de uma religião (Catolicismo (4), Judaísmo (1), Evangelismo (5) e Budismo), e 7 identificaram-se como não praticantes.

A maioria dos participantes (12) apresenta escolaridade de nível superior, tendo obtido as suas formações no país de origem, em áreas como a Biologia (1), Ciências Políticas (1), Informática (2), Desporto (2), Pedagogia (1), Administração (2), Letras (1), Enfermagem (1), Artes Cénicas (1) e Engenharia(1). Dezassete dos 20 participantes encontravam-se empregados no último ano em que residiram no Brasil, nas respectivas áreas de formação. Na Hungria, apenas 30% dos participantes trabalhavam em áreas relacionadas com a sua formação, tendo 50% optado por trabalhar em áreas alternativas relacionadas com vendas online, investimentos, escrita criativa e tecnologias de informação. Por sua vez, 15% dos indivíduos encontravam-se desempregados e 5% a estudar.

Apesar de terem em comum o Brasil como país de origem e a Hungria como país de acolhimento, os participantes deste estudo provinham de localidades distintas do Brasil, particularmente São Paulo (9), Rio de Janeiro (5), Curitiba (1), Rio Grande do Sul (1), Brasília (1), Goiás (1), Minas Gerais (1) e Acre (1), e residiam também em diferentes partes da Hungria, nomeadamente Budapeste (11), Dunaújváros (2), Pécs (1), Dunakesi (1), Veszprém (1), Zalaegerszeg (1), Diosd (1), Szombathely (1) e Kecskemet (1).

Todos os participantes deste estudo se encontravam em situação regular no país de acolhimento, uma vez que possuíam um documento (visto permanente, de trabalho ou familiar) que garantia a sua permanência na Hungria. Quatro possuíam a cidadania húngara ou tinham em curso o processo de cidadania, através de descendência familiar ou tempo de residência legal no país.

Cinquenta e cinco por cento (55%) dos participantes relataram não terem morado em nenhum país estrangeiro antes de se mudarem para a Hungria, sendo esta a sua primeira experiência migratória. Independentemente dos motivos que levaram os participantes a migrarem, 45% relataram que, no momento de chegada à sociedade de acolhimento, não tinham a certeza quanto ao tempo de permanência no país, 35% revelaram ter planos a longo prazo, 10% pretendia estabelecer-se de forma permanente e 10% tinha planos a curto prazo.

Relativamente ao domínio da língua, os participantes deste estudo classificaram o seu nível de fluência na língua local como básico (40%), intermédio (30%), avançado (25%) ou sem qualquer domínio (5%).

4.3 Fundamentação do método: metodologia qualitativa

Para Gilgun (1992), a metodologia é aquilo que permite a obtenção de conhecimentos, tendo em conta os princípios, valores e os procedimentos que guiam a investigação e que devemos escolhê-la de acordo com o objeto e os objetivos de cada estudo. Sendo este estudo descritivo e exploratório, tendo como principal objetivo perceber o processo de aculturação e adaptação dos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria, bem como os motivos e

características das situações de competição que estão inerentes ao processo migratório, optou-se pela utilização de uma metodologia qualitativa como a melhor forma de abordar este fenómeno.

A temática em análise ainda não é bem conhecida, existindo lacunas na literatura quanto aos processos em causa. Por este motivo, consideramos que o método qualitativo seria o mais útil para fazer emergir aspetos novos através das perspectivas dos próprios sujeitos, possibilitando melhores interpretações dos significados encontrados e a elaboração de hipóteses futuras para o fenómeno estudado (Serapioni, 2000).

Denzin e Lincoln (1994) afirmam que o investigador qualitativo estuda os fenómenos no seu ambiente natural, sendo a sua função interpretar os dados obtidos segundo os significados que as pessoas atribuem. Tal reforça a escolha desta metodologia no presente estudo, uma vez que a descrição pormenorizada do fenómeno de aculturação e adaptação, bem como motivos migratórios e características das situações de competição será efetuada, com base numa interpretação da realidade estudada através da percepção dos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria.

Uma das críticas a metodologia qualitativa refere-se à impossibilidade de generalização dos conteúdos que emergem da investigação. Quanto a isso Castro e Bronfman (1997) explicam:

“No estudo de processos sociais de um reduzido grupo de casos, busca-se obter informações que nos permitem teorizar sobre o processo que nos interessa, sem pretender saber quanto aqueles processos sociais são frequentes dentro da sociedade.”

Dado que o objetivo deste estudo não é generalizar os resultados que forem obtidos, mas compreender a aplicabilidade conceptual de determinados modelos à realidade do fenómeno migratório dos brasileiros na Hungria, consideramos que esta limitação, *mais numérica do que conceptual* (Serapioni, 2000), não impedirá a consecução dos objetivos estabelecidos, uma vez que o estudo está centrado, sobretudo, na descrição do processo e não na contabilização de fenómenos.

4.4 Procedimentos

O recrutamento dos participantes iniciou-se em Setembro de 2014, em Budapeste (Hungria). O processo de amostragem por conveniência teve em conta os seguintes critérios de inclusão: 1) ser imigrante; 2) ser brasileiro e 3) ser residente na Hungria há pelo menos dois anos. A opção pela inclusão exclusiva de indivíduos que residiam há pelo menos dois anos pretendeu evitar a exploração de experiências que não implicam um processo de aculturação, tais como as vividas por indivíduos que estão fora do seu país de origem por motivos turísticos ou por um período de tempo limitado, não impulsionados pela necessidade ou pelo desejo de permanecer (Baraldi, 2014).

O primeiro passo para realização deste estudo consistiu em construir um documento online com informações importantes sobre a investigação (Anexo 1), nomeadamente os seus objetivos e direitos e deveres do participante e investigador. Posteriormente, este documento, acompanhado de um anúncio explicativo sobre a investigação (Anexo 2) foi divulgado em comunidades virtuais da rede social da internet, *facebook*, com potenciais membros brasileiros, sendo elas: Brasileiros na Hungria, Brasileiros em Budapeste, Forró na Hungria, Ciências sem Fronteiras- Hungria, Latinos Hungria, Latinos e Hispanohablantes en Hungria. Os participantes que demonstravam interesse em participar no estudo eram encaminhados para uma página de registo também online (Anexo 3).

A página de registo, construída pelos investigadores, tinha como objetivo verificar o cumprimento dos critérios de inclusão acima mencionados e recolher dados prévios à realização da entrevista (método principal de recolha de dados). Foram incluídas, neste registo, questões sociodemográficas (como sexo, idade, nível de escolaridade, número de filhos, estado civil, profissão e nacionalidade), questões relacionadas ao processo migratório (como por exemplo, o ano de chegada à Hungria, o tempo de permanência na sociedade de acolhimento, tipo de documento que permitia a permanência no país, nível de domínio da língua local) e questões relacionadas com a disponibilidade do participante, que deveria indicar a sua preferência em realizar a entrevista presencialmente ou via internet (Skype), bem como o dia e local de preferência. Depois de definido o dia e hora preferenciais para a realização da entrevista, foram enviados e-mails lembretes (Anexo 4 e 5) uma semana antes e na véspera da realização da mesma.

As etapas posteriores efetuaram-se em contato direto com os participantes, sendo a segunda etapa relacionada com o preenchimento do consentimento informado e a terceira com a realização da entrevista propriamente dita.

O *consentimento informado*, livre e esclarecido é uma forma de promover uma decisão autónoma dos indivíduos que pretendem participar de um projeto de investigação ou estudo científico, de modo a clarificar todo o procedimento, os objetivos inerentes ao estudo, os direitos dos participantes e os riscos e benefícios (Goldim, Pithan, Oliveira, & Raymundo, 2003). Desta forma foi elaborado um consentimento informado escrito para os imigrantes brasileiros convidados a participar deste estudo, que incluía informações sobre o tema de estudo, a forma como seria realizada a recolha de dados, aspetos relacionados com a confidencialidade e sigilo dos dados recolhidos, os direitos dos participantes de abandonar a qualquer altura a entrevista se assim fosse a sua vontade e informações acerca da colaboração na produção de conhecimento científico (Anexo 6). Nas entrevistas presenciais o termo era assinado pelos participantes, que levavam consigo uma cópia do documento. Nas entrevistas via Skype, o termo era enviado via e-mail e o participante consentia a participação no início da entrevista (com gravação de registo áudio).

Durante Outubro de 2014 foram realizadas 20 entrevistas com imigrantes brasileiros residentes na Hungria, sendo 11 destas entrevistas realizadas presencialmente e 9 realizadas via Skype. Quando presencialmente, 3 foram realizadas nas próprias casas dos participantes e 8 foram implementadas num local negociado (local público). As entrevistas tiveram duração variada, entre uma hora e meia e duas horas.

Após a realização das entrevistas, todas foram integralmente transcritas para posterior análise dos dados, seguindo a metodologia descrita na secção de análise dos resultados.

4.5 Instrumentos

Na investigação qualitativa existem diversas maneiras de realizar a recolha de dados, destacando-se, entre elas, a entrevista. Através de uma entrevista pode-se explorar o que as pessoas sabem, crêem ou esperam de determinada situação, explorando com profundidade aquela realidade. No entanto, o sucesso desta depende, sobretudo, da relação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado (Oliveira et al., 2011). Segundo Duarte (2004) para realizar uma boa entrevista, o entrevistador deve ter bem definidos os objetivos da sua pesquisa, bem como

conhecer o contexto no qual a mesma se realizará, mantendo certa informalidade sem jamais perder o foco nos objetivos.

A utilização de entrevistas não é adequada em todas as investigações que utilizam o método qualitativo. Contudo, esta é fundamental em contextos em que contradições e conflitos ainda não estão bem definidos (Duarte, 2004), como acontece no presente estudo, onde pretendemos explorar e descrever, de forma clara a dinâmica, os motivos migratórios, o processo de aculturação e adaptação e as características das situações de competição experienciadas pelos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria.

Fazendo este estudo parte de um projeto mais alargado, que tem como objetivo a comparação de imigrantes brasileiros em dois países da União Europeia (Portugal e Hungria), Noémi Büki (2013) realizou um estudo piloto como forma de validar a entrevista a ser utilizada. Este estudo envolveu 10 imigrantes brasileiros que viviam, há pelo menos um ano, distantes do seu país de origem. Os imigrantes deste estudo piloto residiam em diferentes países do mundo, nomeadamente Espanha, Portugal, França, Itália, Estados Unidos, Tailândia e Nova Zelândia. Após a realização do mesmo, algumas alterações foram feitas no guião original, no que diz respeito à construção das questões a serem colocadas. As alterações resultaram no guião final utilizado no presente estudo, que se caracteriza por ser uma entrevista semiestruturada, ou seja, uma entrevista com um roteiro previamente elaborado (Manzini, 1990).

Este guião incide em 5 áreas temáticas principais: I) Migração (Circunstâncias, motivos, objetivos); II) Adaptação psicológica; III) Adaptação Sociocultural; IV) Estratégias de aculturação e V) Competição construtiva e destrutiva. Seguem abaixo alguns exemplos de questões utilizadas na entrevista (Anexo 7 para consulta do guião completo):

Tabela 2. Guião da entrevista semiestruturada

Área	Exemplo de questão
<i>Migração (Circunstâncias, motivos, objetivos)</i>	<i>Qual é o motivo principal pelo qual os brasileiros escolhem a Hungria como destino?</i>
<i>Adaptação psicológica</i>	<i>Como se sente na sociedade húngara em geral?</i>

<i>Adaptação Sociocultural</i>	<i>Vivendo na Hungria, qual língua você utiliza maioritariamente?</i>
<i>Estratégias de aculturação</i>	<i>Como é a sua relação com os brasileiros locais que você conhece, com os húngaros e com outros imigrantes?</i>
<i>Competição construtiva e destrutiva</i>	<i>Existem áreas da sua vida cotidiana nas quais a competição está presente?</i>

4.6 Análise de dados

A análise dos dados foi efetuada seguindo o método desenvolvido por Nigel King (1998) denominado Template Analysis (TA), caracterizado como uma forma de análise temática que enfatiza a utilização de uma codificação hierárquica dos dados (Brooks, Mccluskey, Turley, & King, 2015). Geralmente, este método de análise é utilizado para transcrições de entrevistas, tal como no presente estudo, embora também possa ser utilizado para analisar diversos dados textuais, desde grupos focais até trechos de diários.

Uma das vantagens de utilizar o Template Analysis (TA) é a sua flexibilidade, pois mantém um equilíbrio entre o elevado grau de estruturação da análise dos dados e a adaptação às necessidades do estudo, ou seja, este método estimula o investigador a alterar as suas codificações iniciais se estas mudanças se mostrarem pertinentes e úteis para o seu trabalho. A seguir serão descritos os passos que foram realizados para a análise dos dados utilizando a Template Analysis (King, 2012).

4.6.1 Familiarização com os dados

A primeira etapa da análise dos dados envolveu a leitura completa das entrevistas pelo investigador, para familiarização com os dados recolhidos. Esta atitude mostra-se sensata para a realização de uma codificação prévia dos dados.

4.6.2 Codificação prévia dos dados

A Template Analysis possibilita que a análise dos dados se inicie com temas *a priori*, ou seja, com temas identificados previamente que ajudem o investigador a compreender o fenómeno estudado.

A utilização dos temas *a priori* é pertinente, pois além de orientar o investigador na realização de uma codificação inicial mais completa, alguns dados já estão tão bem estabelecidos na literatura que é comum esperar que determinados temas emirjam dos conteúdos analisados. No presente estudo foi realizada uma codificação prévia orientada pelas quatro questões de investigação mencionadas anteriormente, de forma que a codificação prévia deu origem a quatro categorias gerais:

Tabela 3. Codificação prévia

	Codificação prévia
Categoria 1	Motivos de migratórios
Categoria 2	Processo de aculturação
Categoria 3	Competição
Categoria 4	Adaptação

No decorrer da análise todos os temas escolhidos previamente podem ser modificados ou até mesmo descartados se estes não forem considerados úteis para a análise dos dados. Tendo por base estas quatro categorias, as 20 entrevistas foram analisadas individualmente, de forma que todos os segmentos relacionados com os temas previamente escolhidos foram identificados e mantiveram-se, assim, codificados. No entanto, novos subtemas apareceram, sendo estes incluídos e organizados num novo template, denominado template inicial.

4.6.3 Template inicial

O template inicial é uma forma de organizar os dados após os passos acima referidos. O momento de construir este template varia consoante o investigador e a dimensão da sua investigação. Neste estudo, o template inicial foi desenvolvido após a análise das 5 entrevistas iniciais. King (2004) evidencia que o template inicial é uma codificação com base nos subconjuntos dos dados obtidos, mas que geralmente não será definitivo. É a partir da constante análise,

verificação e alteração das codificações que o template se irá consolidar e se aproximará da sua versão definitiva.

No presente estudo o template inicial foi dividido em quatro categorias (motivos migratórios, processo de aculturação, competição e adaptação) e nas subcategorias associadas, como pode se verificar abaixo:

Tabela 4. Template inicial

1. Motivos migratórios	<ul style="list-style-type: none"> • Motivos individuais de saída do Brasil 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Motivos individuais da escolha da Hungria como país de acolhimento 	
2. Processo de aculturação	<ul style="list-style-type: none"> • Experiências iniciais de contato intercultural 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Emoções iniciais perante as experiências de contato 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendencialmente positivas
		<ul style="list-style-type: none"> • Tendencialmente negativas
	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégias de aculturação 	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção de relacionamentos
<ul style="list-style-type: none"> • Adoção/ manutenção da cultura 		
3. Competição	<ul style="list-style-type: none"> • Área de competição 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Com quem ocorre a competição 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Padrões de competição 	<ul style="list-style-type: none"> • Função da competição • Foco da competição • Objetivo da situação competitiva • Visão do adversário • Moralidade da competição
4. Adaptação	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptação 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendencialmente

	sociocultural	positiva • Tendencialmente negativa
	• Adaptação psicológica	• Tendencialmente positiva • Tendencialmente negativa

Abaixo segue a descrição de cada categoria como forma de clarificar que tipo e como foram explorados os dados neste estudo:

- **Motivos migratórios:** Tendo em vista as teorias interpretativas do fenómeno migratório (micro e macro), a principal motivação dos fluxos migratórios seria o trabalho. A dominância destas teorias limita a expansão de pesquisas amostrais acerca do fenómeno (Oliveira & Januzzi, 2005). O presente estudo procurou explorar com base no discurso dos participantes, quais as motivações pessoais influenciadoras na decisão de deixar o Brasil e de se mudarem para a Hungria, como país de acolhimento.

- **Processo de aculturação:** Sendo a aculturação um processo resultante do contato entre duas culturas diferentes (Redfield, Linton & Herskovit, 1936) este estudo procura explorar que tipo de experiências positivas ou negativas os imigrantes brasileiros tiveram no primeiro contato intercultural, que tipo de emoções esta vivência os proporcionou e que estratégias de aculturação utilizaram para lidar com as situações diárias resultantes deste processo. As estratégias de aculturação foram definidas através do modelo de Berry (1984), que dá ênfase à manutenção ou a ausência de relacionamentos com membros da sociedade de origem e/ou de acolhimento, bem como à adoção ou ausência de comportamentos que envolvem os costumes culturais da sociedade de origem e/ou de acolhimento.

- **Competição:** Existem poucos estudos que investigam a competição dentro do grupo de imigrantes (Büki, 2013; Fülöp, 2009), de forma que este estudo procura explorar com quem ocorre a situação de competição (entre os próprios imigrantes brasileiros ou entre os imigrantes brasileiros e a sociedade de acolhimento), em que áreas estas ocorrem e que padrões de competição estão inerentes a estas situações. Os padrões de competição, construtivo ou destrutivo,

são assim caracterizados de acordo com as consequências positivas ou negativas que a situação de competição proporciona aos indivíduos que competem por algum recurso (Fülop, 2009). A análise de alguns fatores pré-definidos facilitam a definição da natureza competitiva de uma situação, pois possibilitam compreender se as consequências da situação competitiva proporcionam ao indivíduo algum tipo de prejuízo ou bem-estar, de forma que este estudo terá em consideração as seguintes categorias de análise:

➤ *Função da competição*: Esta categoria está relacionada com o significado da competição para o indivíduo, ou seja, qual o papel que a situação de competição desempenha na sua vida. A função da competição pode diferenciar-se de acordo com a cultura, tradições e vivências individuais (Fülop, 2009). Em estudos anteriores (Fülop, 1999) a competição de natureza construtiva assume funções de motivação, enquanto que em situações de natureza destrutiva “ser melhor do que o adversário” é a principal função desempenhada pela competição na vida daqueles que competem.

➤ *Foco da competição*: Refere-se a onde o processo competitivo se concentra. Estudos anteriores demonstram que uma competição pode incidir sobre o adversário (de uma maneira negativa), sobre o objetivo a ser alcançado, sobre o self (ex: *a competição motiva-me, melhora-me*) ou sobre o self estendido, quando tem em consideração todos os elementos envolvidos na competição (ex. *a competição eleva o potencial de todos os membros de nossa equipa*) (Fülop, 2009).

➤ *Objetivo da situação competitiva*: A competição é um comportamento orientado para um objetivo, de forma que esta categoria procura perceber qual a natureza do mesmo. Estudos anteriores distinguem dois tipos diferentes de objetivos, 1) vencer, quando se obtém alguma posição, bolsa de estudos, um prémio; ou 2) Ser melhor que alguém (com ênfase positiva ou negativa no adversário) (Fülop, 2009).

➤ *Visão do rival*: Tendo em consideração a natureza do objetivo da situação competitiva, o adversário pode ser encarado como alguém com quem se pode contar durante a situação de competição, alguém que tem uma ação motivacional e com quem, apesar de competir, se pode cooperar; como alguém a quem se deve superar para alcançar o objetivo; ou como alguém que é considerado um inimigo que deve ser derrotado (Fülop, 2009).

➤ *Moralidade da competição*: Estudos acerca da competição sugerem que a moralidade associada à mesma é o principal indicador de uma natureza competitiva construtiva ou

destrutiva. A equidade de regras (Fülöp, 1999; Johnson & Johnson, 1999) e a transparência contribuem para uma interpretação justa da competição. Quando uma competição é considerada desleal, é possível quebrar as regras a fim de atingir o objetivo, de forma que as condições de competição não são justas e são assim interpretadas por aqueles que competem (Fülöp, 2008).

- **Adaptação:** A adaptação é conceituada como a forma, a qual os indivíduos respondem as exigências impostas às mudanças no seu ambiente. Podendo este conceito subdividir-se em adaptação sociocultural e adaptação psicológica. Ward (2006) define a adaptação psicológica como o bem-estar psicológico, saúde mental e satisfação evidenciadas no novo contexto cultural. Adaptação sociocultural, por sua vez, refere-se à aprendizagem de competências que permitem o indivíduo relacionar-se e funcionar na sociedade de acolhimento. Neste estudo a adaptação será explorada com base nas experiências subjetivas relatadas pelos participantes no momento da realização da entrevista.

4.6.4 Template final

King (2004) afirma que não existe um template final definitivo e que o trabalho continuado sobre os dados sempre promoverá o seu refinamento e atualização. Contudo, na presente investigação, após o processo de repetições, de verificação e de ajuste do template inicial, o template final apresentado revela a manutenção das quatro categorias iniciais relevantes com adição de categorias de nível inferior hierárquico correspondendo a um processo de subcategorização (Tabela 5).

Tabela 5. Template final

<p>1. Motivos migratórios</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Motivos individuais de saída do Brasil 	<ul style="list-style-type: none"> • Motivos profissionais • Violência e insegurança no país de origem • Má qualidade de vida no país de origem • Dificuldades financeiras • Falta de vínculo com a sociedade de origem • Preconceito no país de origem • Estudo e aprendizagem
--------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<ul style="list-style-type: none"> • Motivo individuais de escolha da Hungria como país de acolhimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Motivos relacionais • Motivos familiares • Motivos profissionais • Destino provisório • Desejo de novos estudos e aprendizagens • Turismo 	
2. Processo de aculturação	<ul style="list-style-type: none"> • Experiências iniciais de contato intercultural (obstáculos e dificuldades de aculturação) 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades perante as diferenças culturais • Experiências migratórias anteriores • Dificuldades interpessoais • Falta da família • Diferenças climáticas • Preconceito e racismo 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Emoções iniciais perante as experiências de contato intercultural 	<p style="text-align: center;">Emoções relacionadas com questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Motivacionais 	<ul style="list-style-type: none"> • Desânimo • Falta de motivação para integrar-se
		<ul style="list-style-type: none"> • Psicológicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Mágoa • Depressão • Tristeza • Medo
		<ul style="list-style-type: none"> • Relacionais 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de não pertença • Vergonha • Desamparo
	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionamento interpessoais 	<ul style="list-style-type: none"> • Com húngaros • Com Brasileiros • Com Ambos • Com Nenhum 	<ul style="list-style-type: none"> • Integração • Assimilação • Separação • Marginalização

	<ul style="list-style-type: none"> Estratégias de aculturação 			
		<ul style="list-style-type: none"> Adoção-manutenção de cultura 	<ul style="list-style-type: none"> Manutenção da cultura brasileira Adoção da cultura Húngara Ambos (Adoção/Manutenção) Nenhum (Adoção/Manutenção) 	
3. Competição	<ul style="list-style-type: none"> Área de competição 	<ul style="list-style-type: none"> Profissional Estudo e aprendizagem Relacional Bens materiais 		
	<ul style="list-style-type: none"> Com quem ocorre a competição 	<ul style="list-style-type: none"> Brasileiros Húngaros Brasileiros e Húngaros Com imigrantes de outras nacionalidades Self 		
	<ul style="list-style-type: none"> Padrões de competição 	<ul style="list-style-type: none"> Função da competição 	<ul style="list-style-type: none"> Seleção Alcançar um objetivo Auto-Aperfeiçoamento Motivação Provar algo para o adversário 	
		<ul style="list-style-type: none"> Foco da competição 	<ul style="list-style-type: none"> No adversário No objetivo No self No self estendido 	

		<ul style="list-style-type: none"> Objetivo da situação competitiva Visão do adversário Emoções associadas à situação de competição Moralidade da competição 	<ul style="list-style-type: none"> Vencer Ser melhor que alguém Ser o melhor Parceiro Inimigo Alguém que deve supercar Tristeza Indiferença Medo Depressão Agressividade Raiva Justa Injusta 	<ul style="list-style-type: none"> Construtivo Destrutivo
4. Adaptação	<ul style="list-style-type: none"> Adaptação sociocultural 	Indicadores de dificuldades socioculturais		Adaptação sociocultural
		<ul style="list-style-type: none"> Falta de domínio da língua Dificuldades de adaptação à comida Dificuldades interpessoais Desemprego Pouca compreensão das diferenças étnicas e culturais Dependência funcional Problemas burocráticos 	<ul style="list-style-type: none"> Tendencialmente negativa 	
	Indicadores de adaptação socioculturais		<ul style="list-style-type: none"> Tendencialmente positiva 	
	<ul style="list-style-type: none"> Domínio da língua Empregabilidade Compreensão das diferenças culturais Relações interpessoais positivas Autonomia funcional 			
<ul style="list-style-type: none"> Adaptação 	Emoções associadas		Adaptação psicológica	
	Positivas			

	Psicológica	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimentos de pertença • Satisfação geral com a vida • Autonomia funcional 	• Tendencialmente positiva
		<p style="text-align: center;">Negativas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tristeza • Solidão • Sentimentos de não pertença 	• Tendencialmente negativa

4.6.5 Questões de validade e rigor

Como estratégias de rigor e de validade, de modo a assegurar a credibilidade do procedimento de recolha e análise dos dados, foram adotadas as seguintes estratégias:

1. As entrevistas foram transcritas em sua completude, sendo analisado todo o material recolhido, inicialmente a partir de memorandos, e só depois por processo de codificação, seguindo o método da template analysis;
2. Todo o procedimento de categorização foi alvo de reflexão conjunta e sucessiva com outros investigadores, nomeadamente com os orientadores e colega de investigação, num processo contínuo de comparação constante;
3. Foi realizada uma descrição detalhada dos resultados, disponibilizando, no capítulo que se segue, vários excertos das fontes, no sentido de outros investigadores poderem ter um julgamento informado sobre a categorização e consequentemente, poderem reconstruir a análise.

Capítulo V- Resultados

Os resultados que emergiram da codificação das entrevistas semiestruturadas realizadas com imigrantes brasileiros que vivem na Hungria abrangem os seguintes domínios:

- 1) Motivos migratórios
- 2) Processo de aculturação
- 3) Competição
- 4) Adaptação sociocultural
- 5) Adaptação psicológica

Cada domínio foi analisado através de subcategorias evidenciadas na tabela que segue:

Tabela 6. Categorias de análise dos resultados

MOTIVOS MIGRATÓRIOS	
<i>CATEGORIA</i>	<i>SUBCATEGORIA</i>
Motivos de saída do Brasil	Motivos Individuais
Motivos de escolha da Hungria como país de acolhimento	Motivos Individuais
PROCESSO DE ACULTURAÇÃO	
<i>CATEGORIA</i>	<i>SUBCATEGORIA</i>
Aculturação	Experiências iniciais de contato intercultural Emoções iniciais diante do contato intercultural Estratégias de aculturação
ASPETOS DE COMPETIÇÃO	

<i>CATEGORIA</i>	<i>SUBCATEGORIA</i>
------------------	---------------------

Competição	Área de competição Com quem ocorre a competição Padrões de competição
-------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------

ADAPTAÇÃO	
<i>CATEGORIA</i>	<i>SUBCATEGORIA</i>
Adaptação Sociocultural	Indicadores de dificuldades de adaptação sociocultural Indicadores de adaptação sociocultural
Adaptação Psicológica	Experiências subjetivas positivas Experiências subjetivas negativas

De seguida, descrevem-se, de forma pormenorizada, os resultados da análise do conteúdo das entrevistas de acordo com a grelha de análise apresentada e detalhada no template final, anteriormente fornecido.

5.1 Motivos migratórios

Os resultados acerca dos motivos migratórios dos imigrantes brasileiros salientam os motivos individuais que os levaram a sair do Brasil e a migrarem para a Hungria como país de acolhimento.

5.1.1 Motivos de saída do Brasil

Os motivos de saída do Brasil, evidenciados pelos imigrantes brasileiros, estão principalmente relacionados com *motivos profissionais* (n=7), traduzido em *desemprego* (n=3) e *procura por melhores condições de trabalho* (n=4), tal como comprovam as seguintes afirmações:

“(...) saí do Brasil por que o desemprego é muito alto (...).” P9

“(...) quando eu saí do Brasil era para procurar um trabalho melhor e uma vida melhor, por que lá não..não.” P4

“(..) eu trabalhava 20 horas por dia no Brasil, 7 dias por semana, e fiquei nesse ritmo durante 7 anos. (...)eu saí do Brasil eu estava muito cansado, então eu precisava de um ano sabático.” P17

Outros participantes deste estudo evidenciaram a *violência e a insegurança no país de origem* (n=3) como motivos primordiais para saírem do Brasil, bem como a *má qualidade de vida no país de origem* (n=1). Estes motivos podem ser verificados nas seguintes afirmações:

“(...) eu saí do Brasil particularmente por que tive um problema muito sério de falta de segurança, eu sofri um assalto que eu quase morri(..).” P17

“A qualidade de vida fora é muito diferente da qualidade de vida do Brasil, muito melhor.” P14

Dificuldades financeiras (n=1), *Falta de vínculo com a sociedade de origem* (n=1) e *preconceito no país de origem* (n=1), foram outros motivos salientados como influenciando a saída dos brasileiros do seu país de origem, tal como podemos verificar nas afirmações abaixo:

“(...) eu saí devido a minha situação financeira” P19

“(...) eu não sentia que tinha(...) vínculo com a sociedade, eu não me sentia integrado socialmente.” P2

“Negro, como sou, enfrentei várias dificuldades durante a vida, inerentes a sociedade brasileira e carioca.” P2

O último motivo evidenciado pelos entrevistados representa os brasileiros estudantes, aqueles que decidem sair do Brasil por motivos de *estudo e de aprendizagem* (n=2). De modo particular, os estudos destinam-se à aprendizagem de uma língua estrangeira ou à realização de pós-graduações em áreas de formação específica, como se verifica na afirmações a seguir:

“Eu, na verdade, o meu objetivo ao sair do Brasil foi melhorar o meu inglês.” P16

“(..) eu saí do Brasil quando eu terminei a graduação(..) para estudar.” P1

5.1.2 Motivos de escolha da Hungria como país de acolhimento

Os *motivos relacionais*, que neste estudo se traduzem em relacionamentos amorosos, são os motivos mais citados pelos imigrantes brasileiros como influenciando a escolha da Hungria como país de acolhimento (n=9). Os brasileiros que se mudaram para a Hungria devido a motivos relacionais relatam que conheceram pares conjugais (a maior parte enquanto seus pares se encontravam no Brasil ou via internet) e que, em determinado momento de suas vidas, decidiram viver juntos e constituir família na Hungria, país escolhido para residir. Nos excertos abaixo este facto pode ser verificado:

“O outro motivo é o meu casamento” P2

“(...) eu vim para a Hungria por causa da minha namorada(.)” P3

“Eu vim por causa do meu marido, ele é húngaro..” P5

“(..) no meu caso foi esse, eu me apaixonei por um Húngaro.” P4

Os *motivos familiares* (n=5) são indicados como fator influenciador da decisão de imigrar pelos participantes, com descendência húngara.

“Eu sou neto de húngaro e resolvi conhecer o país de origem da minha família por parte de mãe, resolvi vir, gostei do país e resolvi ficar.” P17

Os *motivos profissionais* (n=5) também são citados pelos participantes deste estudo e envolvem transferências de emprego ou oportunidades de emprego nomeadamente na área do futebol. Nos excertos abaixo esses motivos podem ser verificados:

“(..) foi meu empresário que disse, que surgiu uma oportunidade em um time (..) no campeonato húngaro” P7

Dois participantes relataram que escolheram a Hungria como país de acolhimento apenas por o considerarem um *destino provisório* (n=2) ou uma plataforma de impulso para outro país europeu, como podemos ver no excerto abaixo:

“(...) o meu principal objetivo era esse trampolim, bater aqui e ir para outro lugar..” P 11

Um participante evidenciou que o *turismo* (n=1) a principio foi o motivador inicial para a escolha deste país como sociedade de acolhimento, tendo a possibilidade de estabelecer-se no país surgido depois de uma estadia temporária.

“Eu vim para cá em 2000, como turista à convite.” P2

Os motivos de *estudo e aprendizagem* (n=4) também foram evidenciados como motivadores para a escolha da Hungria como país de acolhimento. Esta categoria de motivos envolve a aprendizagem da cultura húngara (no caso dos imigrantes brasileiros descendentes de húngaros) ou a realização de pós-graduações em áreas específicas de formação. Abaixo verificam-se algumas afirmações neste âmbito:

“(...) eu descobri que tinha uma bolsa de estudo de cultura húngara para quem tem descendentes húngaros (...)” P15

“(..) cheguei aqui para fazer um doutorado que dura 4 anos e meio.” P1

Abaixo é apresentado um quadro- resumo com as principais motivações que levaram os participantes a sair do seu país de origem e a migrar para a Hungria.

Tabela 7. Motivos migratórios: quadro-resumo

Motivos de saída do Brasil	
Motivos	Número de Participantes
Motivos profissionais	7
Violência e a insegurança no país de origem	3

Má qualidade de vida no país de origem	1
Dificuldades financeiras	1
Falta de vínculo com a sociedade de origem	1
Preconceito no país de origem	1
Estudo e aprendizagem	2
Motivos de escolha da Hungria como país de acolhimento	
Motivos	Número de Participantes
Motivos relacionais	9
Motivos familiares	5
Motivos profissionais	5
Destino provisório	2
Turismo	1
Estudo e aprendizagem	4

Os motivos mais citados que justificam a saída do Brasil estão relacionados com *motivos profissionais* e com a constante *violência e insegurança* vivenciada naquele país. No que diz respeito aos motivos que levam os imigrantes brasileiros a escolherem a Hungria como país de acolhimento, as questões *relacionais* foram as mais frequentemente referenciadas.

5.2 Processo de aculturação

5.2.1 Experiências iniciais de contato intercultural

Várias foram as experiências iniciais de aculturação descritas pelos participantes como obstáculos ou dificuldades. As *diferenças culturais* que incluem a língua, a comida, a diferença entre o comportamento húngaro e o brasileiro foram as mais citadas pelos imigrantes brasileiros (n= 17). Os participantes relatam dificuldade de interação e de comunicação com os húngaros, caso, não consigam comunicar na língua nativa e relatam, ainda, que as diferenças comportamentais entre os húngaros, considerados “fechados, tristes e pessimistas” (sic), e os brasileiros, considerados “expansivos”, contribui, ainda mais, para o afastamento entre imigrantes e membros da sociedade majoritária. Abaixo podemos encontrar excertos que

evidenciam as diferenças culturais como os principais obstáculos de aculturação que emergiram do contato intercultural.

Diferenças culturais (Língua)

“(.) um problema seria a língua. É um obstáculo por que eles não falam outras línguas.” P1

Diferenças culturais (comida)

“A maior diferença é a comida” P3

Diferenças culturais (comportamentais)

“(...)no começo eles são meio fechados, devido a cultura deles, eles não são muito receptivos as pessoas,” P15

“A gente grita, vai na casa dos outros sem marcar hora. Então na Hungria você pode se sentir um pouco deslocado.” (acerca dos brasileiros) P18

Outro obstáculo de aculturação relatado pelos participantes foram as *experiências migratórias anteriores* (n=2). Os participantes que evidenciaram este fator como obstáculo, relatam que experiências migratórias anteriores condicionaram o seu comportamento perante esta nova experiência migratória, sendo para estes mais difícil recomeçar a vida na nova sociedade de acolhimento, devido ao facto de estes já terem passado por este processo numa outra cultura que não era a sua de origem. Abaixo seguem alguns dos excertos que evidenciam esta experiência.

“(...) quando eu mudei para a Eslováquia, eu tive todo esse processo de integração, de aprender a língua, de fazer novas amizades, eu passei por tudo isso, então quando eu já estava bem integrada, bem familiarizada, bem acostumada com tudo, a gente mudou. Então, para mim foi meio complicado, por que eu pensei que todos os meus amigos já estavam em Bratislava, foi difícil conquistar isso, foi difícil aprender a língua, e agora começar tudo de novo, me deu um pouco de receio.”
P12

As *dificuldades interpessoais* (n=8), que se caracterizam pela dificuldade em manter relações com os pares e de desenvolver relações de amizade dentro da sociedade de acolhimento, resultando em sentimentos de solidão e isolamento, também foi apontado como

um obstáculo ao processo de aculturação pelos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria. Seguem abaixo algumas afirmações que traduzem este aspeto.

“(...) e eu não conseguia fazer amigos por que eu chegava perto dos húngaros, e parece que eles empurravam, tinha uma barreira enorme que dizia “você aí” e “eu aqui”, “a gente pode conversar, mas nada mais que isso” P10

Outro obstáculo relatado neste estudo, diz respeito a *falta da família* (n=1). Abaixo segue a afirmação na qual se consubstancia este facto.

“(.) minha família no Brasil é muito grande, e eu sentia falta disso.” P4

As *diferenças climáticas* (n=1) são também de igual forma, evidenciadas como obstáculo ao processo de aculturação, uma vez que a Hungria se apresenta com as quatro estações bem definidas e com invernos rigorosos, o que não é comum para imigrantes de um país com clima tropical. Abaixo segue uma afirmação que evidencia tal obstáculo.

“Para mim os dois problemas da Hungria são a língua em disparado e o frio.” P17

O último obstáculo relatado pelos participantes deste estudo diz respeito a experiências negativas relacionadas com *preconceito e racismo* (n=4):

“(...) eu sinto que eles não gostam de estrangeiros, pelo menos no meu caso não gostam, ainda mais que a minha cidade é pequena” P11

“(...) eles tem esse receio com os estrangeiros, pela forma como o país foi dividido” P9

“(...) é uma sociedade racista” P7

Abaixo segue o quadro-resumo referente as experiências de contato intercultural.

Tabela 8. Experiências iniciais de contato intercultural: quadro-resumo

Experiências iniciais de contato intercultural	
Obstáculos/ Dificuldades	Número de Participantes
Diferenças culturais	17
Dificuldades interpessoais	8
Preconceito e Racismo	4
Experiências migratórias anteriores	2
Diferença climática	1
Falta da família	1

5.2.2 Emoções iniciais perante o contato intercultural

As emoções iniciais associadas ao contato intercultural são diversas, embora de natureza tendencialmente negativa, como *solidão* e *tristeza*.

Perante a natureza distinta dos discursos dos participantes deste estudo, as emoções que emergiram inicialmente perante o contato intercultural parecem dividir-se em três categorias: 1) as emoções relacionadas com questões motivacionais; 2) as emoções inerentes à aspetos mais psicológicos; e 3) emoções inerentes à questões relacionais. Abaixo encontram-se os excertos que traduzem tais emoções.

Emoções relacionadas com questões motivacionais

- *Desânimo* (n=1)

*“(...) confesso que já houve momentos em que a gente fica desanimado (...)”*P6

- *Desmotivação para integrar-se* (n=1)

“Eu fiquei com muita preguiça no começo de conviver, conversar.. para ser bem sincera” P12

Emoções relacionadas com questões psicológicas

- *Depressão* (n=3)

“(...)o primeiro ano foi depressivo” P10

“(...)eu fiquei meio deprimido” P11

- *Mágoa* (n=1)

“(...)aconteceram certas coisas que nos magoam,”P6

- *Tristeza* (n=3)

“(..) eu chorei muito, achei que demorou bastante, eu achava que tinha dislexia e que não entrava de jeito nenhum as coisas na minha cabeça, o meu marido falava para mim “não é possível, eu já te disse essa palavra.” P5

“(..) fico um pouco triste, por que depois de tantos anos de ser libertado da escravidão e tem até hoje racismo, sou muito triste por isso.” P7

- *Medo* (n=1)

“Eu tinha medo no começo”P5

Emoções relacionadas com questões relacionais

- *Sentimento de não pertença* (n=4)

“(...) acho que é meio difícil de introduzir um pouco, no começo eles são meio fechados,” P15

“(...) integração com o grupo foi difícil” P16

- *Vergonha* (n=1)

“Eu já me senti envergonhada, devido ao fato de ser bastante calorosa e espontânea” P18

- *Desamparo* (n=1)

“(...) me senti um pouco desamparado no início” P2

Abaixo segue o quadro-resumo referente as emoções iniciais perante o contato intercultural.

Tabela 9. Emoções iniciais perante o contato intercultural: quadro-resumo

Emoções iniciais perante o contato intercultural		
Categoria	Emoção	Número de participantes
Questões motivacionais	Desânimo	1
	Desmotivação para integrar-se	1
Questões psicológicas	Depressão	3
	Mágoa	1
	Tristeza	3
	Medo	1
Questões relacionais	Sentimento de não pertença	4
	Vergonha	1
	Desamparo	1

5.2.3 Estratégias de aculturação

A definição das estratégias de aculturação teve em consideração a forma de relacionamento entre os imigrantes brasileiros e a sociedade de acolhimento, bem como a adoção de costumes da nova cultura ou a manutenção dos costumes da sociedade de origem. Tal codificação procurou responder às duas questões centrais, referidas por Berry (1997), como primordiais para a definição das estratégias de aculturação: 1) *Devo valorizar e manter minha identidade e características culturais?* e 2) *Devo valorizar a manutenção de relações com outros grupos?*

Segue-se a tabela subjacente a tal codificação.

Tabela 10. Codificação das estratégias de aculturação

		Estratégias de Aculturação
Estabelecimento de relacionamentos interpessoais	1. Com húngaros	1. Assimilação
	2. Com brasileiros	2. Separação
	3. Com ambos	3. Integração
	4. Com nenhum	4. Marginalização
Manutenção/ Adoção de costumes	1. Manutenção da cultura brasileira	1. Assimilação
	2. Adoção da cultura húngara	2. Separação
	3. Ambos	3. Integração
	4. Nenhuma	4. Marginalização

Sendo orientados por tal codificação, os resultados obtidos mostram que um (n=1) participante utilizou a estratégia de aculturação *assimilação*, sendo tal evidenciado pela manutenção de relacionamentos dentro da sociedade de acolhimento, pela ausência de relacionamentos com imigrantes brasileiros, bem pela adoção de costumes húngaros e pelo pouco contato e interesse pelos costumes da sociedade de origem. Transcrevem-se, a seguir, as afirmações que justificam tal classificação.

“(…) eu falo relativamente bem húngaro, eu tenho a nacionalidade, eu construí uma família, então eu estou bem integrada sim.” P18

“Aqui nós comemoramos o dia do nome, aqui na Hungria cada nome tem um dia, por exemplo meu nome é N”. (Adoção de costumes húngaros) P18

“(…) e eu não me integro com brasileiros que estão aqui,” (Ausência de relacionamentos com imigrantes brasileiros) P18

“Não, são poucos (Costumes brasileiros)” (Ausência da manutenção de costumes da cultura de origem) P18

Dois (n=2) participantes utilizaram a estratégia de aculturação *separação*, evidenciada através do contato e relacionamento quase exclusivo ou preferencial com outros imigrantes brasileiros, bem como através da manutenção dos costumes da sociedade de origem, com

ausência de relacionamentos, adoção de costumes ou qualquer outro contato com a sociedade de acolhimento. Seguem abaixo alguns excertos que traduzem a classificação desta estratégia.

“Eu faço minha comida, trago do Brasil o meu feijão, eu trago meu estoque”
P16

“Acho que os meus costumes continuam brasileiros,” P16

“Sim, a gente reproduz aqui. A comunidade brasileira reproduz aqui a festa junina, carnaval...” P16

“(...) eu não falo a língua. Integração não é só com os seus amigos, é ir ao mercado e conseguir interagir com as pessoas, por exemplo, e eu não consigo isso.” P16

“(...) eu diria que eu ainda me sinto muito mais próximo do Brasil.” P10

Quinze participantes (n=15) utilizaram a estratégia de aculturação *integração*, que se caracteriza pelo estabelecimento de relacionamentos tanto com imigrantes brasileiros quanto com nativos húngaros, pela manutenção dos costumes e tradições da sociedade de origem, assim como pela adoção de aspetos da nova cultura. Abaixo seguem algumas afirmações que evidenciam o uso da estratégia *integração*.

“Eu me sinto super integrado, eu não sinto falta da comida brasileira, como comida húngara, tenho amigos húngaros, vou para balada húngara, vejo jornal em húngaro, agora eu voto na Hungria, mas não deixei de ser brasileiro” P20

“(...) nós sabemos dosar, quando estamos aqui em casa tudo bem, falamos português, fazemos coisas do Brasil e etc, mas sempre que a gente sai de casa, a gente procura, se encontrar com outras pessoas de outras nacionalidades, e quando a gente está com eles não falamos nunca português, falamos um pouco de húngaro” P15

“(...) eu tenho amigos húngaros, eu falo húngaro fluentemente, eu faço programas húngaros, eu escuto a rádio, vejo jornal, assisto a tv e leio as notícias húngaras, estou introduzido na política húngara, então eu estou integrado (...) ainda assim, tento manter a brasilidade, ainda mais que eu moro com um brasileiro, então a gente sempre fala português, a gente discute notícias sobre o Brasil, a gente come arroz e feijão todos os dias, sempre que possível tentamos fazer alguma comida brasileira(..)” P14

Dois participantes (n=2) utilizaram a estratégia de aculturação *marginalização*, que se caracteriza pela ausência de relacionamentos ou interesse tanto pela cultura de origem quanto pela cultura de acolhimento. Abaixo seguem algumas afirmações que evidenciam o uso de tal estratégia de aculturação:

“(...) não me sinto próximo de nenhuma das duas culturas” P3

“Eu me sinto mais próximo da cultura da Estónia para falar a verdade. Nem aqui nem do Brasil.” P1

Abaixo segue o quadro-resumo das estratégias de aculturação dos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria.

Tabela 11. Estratégias de aculturação: quadro-resumo

Estratégias de Aculturação	
Estratégias	Número de Participantes
Integração	15
Separação	2
Marginalização	2
Assimilação	1

O processo de aculturação dos imigrantes brasileiros que participaram neste estudo, caracteriza-se por experiências iniciais de contato intercultural que foram interpretadas como obstáculos ou dificuldades de aculturação. Os principais obstáculos evidenciados pelos participantes foram as *diferenças culturais* (traduzidas em língua, comida e diferenças comportamentais) entre o Brasil e Hungria. Perante estas experiências os participantes relataram haver emoções negativas no início do processo, como sentimentos de não-pertença e depressão. No entanto, mesmo com um contato intercultural marcado por obstáculos, a maioria dos participantes tende a utilizar uma estratégia de aculturação (de integração) que os mantenha em contato tanto com a nova cultura de acolhimento como com a sua cultura de origem.

5.3 Competição

Nesta investigação foram exploradas, com os participantes, as situações de competição vivenciadas durante o período migratório, sendo analisada a área de competição, com quem ocorre a competição e os padrões de competição que emergiram. Os resultados obtidos são expostos a seguir, de forma pormenorizada.

5.3.1 Área de competição

Entre as situações de competição que foram relatadas (25), diversas áreas de competição foram citadas, embora as mesmas se tenham concentrado maioritariamente em *áreas profissionais* (20 situações de competição, relatadas por 14 participantes). Abaixo são detalhadas, contudo, todas as áreas de competição.

- *Áreas profissionais* (n=14)

Catorze participantes (n=14) relataram situações de competição em áreas profissionais. Das 25 situações citadas, 20 estão relacionadas com áreas profissionais, sendo 8 destas, relacionadas com empregos da área do futebol, duas relacionadas com empregos na área das línguas e 10 relacionadas com outras áreas profissionais:

“(...) pelo fato dos estrangeiros terem uma regalia a mais do que os jogadores locais, (...) isso causa sim competição, muitas vezes até bacana, por que isso faz com que você desenvolva mais o seu potencial.” P6

“(...) existe um grupo de tradutores brasileiros no facebook, e lá é muita competição(..)” P10

“(...) quando eu comecei a trabalhar uma pessoa brasileira, uma amiga, quis fazer o mesmo tipo de trabalho que eu, essa pessoa quis competir, quis fazer o mesmo só para competir.” P13

- *Estudo e aprendizagem* (n=3)

Neste estudo foram relatadas 3 situações de competição relacionadas com os *estudos e aprendizagem*, sendo estas citadas por 3 participantes:

“Acho que na universidade tem muita competição.” P1

- *Relacionais (n=1)*

Foi relatada uma situação de competição ao nível das relações interpessoais, referida por um participante deste estudo:

“ (...) logo que cheguei, (...) meu marido tem um irmão, que tem uma namorada há muito tempo. Eu quando cheguei aqui tive que começar a morar na casa, claro, por que eu não tinha onde morar, e ela ficou muito louca da vida comigo, porque como que ela que já era praticamente da casa não podia morar lá e eu podia(..) então foram brigas de anos (...) ” P5

- *Bens materiais (n=1)*

Um participante relatou uma situação de competição relacionada com bens materiais:

“(...) se o vizinho comprou um carro novo, você vai conversar com ele saber como ele fez, e isso vai fazer com que você queira, é uma espécie de competitividade(...)” P18

Abaixo segue o quadro-resumo referente as áreas de competição dos imigrantes brasileiros residentes na Hungria.

Tabela 12. Áreas de competição: quadro-resumo

Área de competição	
Área de competição	Situações de competição
Áreas profissionais	20
Estudo e aprendizagem	3
Relacionais	1
Bens materiais	1

5.3.2 Com quem ocorre a competição

Das 25 situações de competição que foram relatadas neste estudo, 13 situações dizem respeito a situação de competição entre os imigrantes brasileiros e os húngaros, 8 situações

referem-se a situações de competição entre os próprios imigrantes brasileiros, 2 situações referem uma competição com o *self* e uma situação evidencia a competição entre os imigrantes brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades

Abaixo seguem as afirmações que traduzem tais situações de competição:

- *Competição entre imigrantes brasileiros e húngaros (n=11)*

As 13 situações de competição entre imigrantes brasileiros e húngaros foram citadas por 11 participantes:

“(...) eu tinha que mostrar a minha qualidade de brasileiro. (...) isso causava uma certa competição com os húngaros(..)” P6

- *Competição entre imigrantes brasileiros (n=6)*

Foram evidenciadas 8 situações de competição entre os próprios imigrantes brasileiros, sendo estas citadas por 6 participantes:

“Acho que depende do tipo de competição, se formos falar lá do instituto, dos brasileiros que estão lá para aprender húngaro, talvez exista um pouco..” P15

- *Competição com imigrantes de outras nacionalidades (n=1)*

Foi evidenciada uma situação de competição entre brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades. Esta foi citada por um participante.

“(..) ela era venezuelana e eles precisavam de alguém para trabalhar na área dessa empresa, então eles fizeram a entrevista comigo e com ela, eles gostaram de mim, mas como eu ainda não tinha a cidadania eles ficaram pensando se iam querer ou não me pagar o visto de trabalho(..) Foi um exemplo de competição, que naquele momento eu senti que era desfavorável para mim.” P15

- *Competição com o self (n=2)*

Dois participantes relataram situações em que competiam consigo mesmos (*self*), assim como podemos verificar na afirmação abaixo.

“Eu sempre fui dedicado à partida que eu faço, sempre analiso, o que fiz ou o que deveria ter feito, então a competição é comigo mesmo.” P19

Abaixo segue um quadro-resumo referente à com quem ocorre as situações de competição relatadas pelos participantes deste estudo:

Tabela 13. Com quem ocorre a competição: quadro-resumo

Com quem ocorre a competição?	
Com quem ocorre	Situações de competição
Competição entre imigrantes brasileiros e húngaros	13
Competição entre imigrantes brasileiros	8
Competição com imigrantes de outras nacionalidades	1
Competição com o self	2

5.3.3 Padrões de competição

Os resultados mostram a presença de ambos os padrões de competição, construtivo (12) e destrutivo (13) nas situações de competição vivenciadas pelos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria. Os padrões de competição foram estabelecidos de acordo com a natureza da situação competitiva, traduzida nas respostas dos participantes aos indicadores pré-estabelecidos: 1) função da competição; 2) foco da competição; 3) objetivo da competição; 4) visão do adversário; 5) emoções associadas à competição; e 6) moralidade da competição. A análise desses indicadores permitiu perceber se as consequências da situação competitiva eram benéficas ou prejudiciais ao participante.

- **Função da competição**

Os participantes atribuíram diferentes funções às situações de competição relatadas.

- *Seleção*

Esta função foi atribuída em duas situações de competição, referindo-se, sobretudo, a situações em que ocorreu um processo de seleção de recursos humanos.

“(..) a competição começa quando você começa a se inscrever(..). (..) Passa uma fase eles avaliam, então você tem uma entrevista de uma hora, e são 10 candidatos por vaga.” P1

- *Alcançar um objetivo prévio*

Alcançar um objetivo previamente estabelecido foi a função atribuída à competição em 15 situações, como podemos verificar na afirmação abaixo:

“Eu trabalhei com um brasileiro como telefonista, viramos amigos, frequentamos a casa um do outro (..). Mas apesar disso, existia um supervisor que fazia uma comparação para saber quem atingiu o número de chamadas pré-estabelecido.” P2

- *Auto-aperfeiçoamento*

O auto-aperfeiçoamento foi a função atribuída à competição em 4 situações. Esta função da competição traduz uma forma de aumentar o potencial do próprio ou de todos os que estão envolvidos na situação.

“(...) isso causa sim competição, muitas vezes até bacana, por que isso faz com que você desenvolva mais o seu potencial.”P6

- *Motivação*

A competição assumiu um papel motivacional numa situação, como podemos verificar na afirmação abaixo:

“(...) acho que te motiva e, por vezes, o resultado final é melhor do que do outro, acho que uma coisa é você querer chegar onde o outro tá, e não é você querer que o outro perca o que ele tem.” P18

➤ *Ser melhor que o adversário*

Esta função foi atribuída a uma situação de competição, como podemos verificar na afirmação abaixo:

“(...) o principal deles é achar que no país deles, o futebol deles, as pessoas húngaras são melhores do que as brasileiras, e tem muito essa questão do futebol, (...) falam que o jogador húngaro faz melhor, essa é a maior competição por ser brasileiro.” P7

• **O foco da competição**

De acordo com os participantes, o processo competitivo pode focar-se em diferentes aspetos:

➤ *No adversário (9 situações competitivas)*

“(...) você precisa lutar contra outras pessoa(..).” P1

➤ *No objetivo (1 situação competitiva)*

“(...) poxa cara hoje só atendi uma chamada, preciso atender mais”P2

➤ *No self (4 situações competitivas)*

“ No meu trabalho, eu tenho que vencer contra mim, contra o meu eu” P7

➤ *Foco estendido*

O foco do processo competitivo concentra-se tanto no próprio como nos outros indivíduos que compõem a situação (2 situações competitivas), como se verifica abaixo:

“Então quando você gera uma competição na equipe, acho que isso te impulsiona para frente, impulsiona os outros também, e as coisas se movimentam um pouco..” P16

- **Objetivo da situação competitiva**

Os participantes associaram diferentes objetivos às situações competitivas.

- *Vencer* (7 situações competitivas)

“(...) vencer era muito importante para ele, tanto é que ele brigava” P2

- *Ser o melhor* (3 situações competitivas)

“(...) eu fiz um pacto comigo mesmo que eu seria o melhor da minha área, então eu meio que caí de cabeça, aprendi super rápido, me especializei, então ele meio que não viu isso, para mim isso foi uma competição (..)” P20

- *Ser melhor que alguém* (6 situações competitivas)

“(...) e agora no meu trabalho eu quero ser melhor que o meu chefe (...)” P11

- **Visão do adversário**

A forma como o indivíduo perspectiva o adversário é um dos principais indicadores da natureza da competição. Neste estudo o adversário é visto das seguintes formas pelos participantes:

- *Parceiro* (5 situações competitivas)

“(..) foi um momento que eu estava precisando muito de alunos, e um aluno procurou o P., para que o P. desse aula para ele, e o P. na verdade repassou o aluno para mim.” P15

➤ *Inimigo* (8 situações competitivas)

“(...) inclusive é alguém que eu cortei relação, pois eu acho que ele é uma pessoa completamente inadequado, agressivo, sem controle e se limites, então eu não falo com ele. (..) ele conseguia brigas, físicas mesmo de contato.” P2

➤ *Alguém que deve ser superado* (5 situações competitivas)

“Eu tenho um amigo venezuelano e ele me indicou nesse emprego, mas ao mesmo tempo que ele me indicou ele também indicou a irmã dele que tinha acabado de chegar aqui, só que ela tinha a cidadania e eu não tinha e estávamos concorrendo a mesma vaga, eu tinha que supera-la nas qualidades” P15

• **Emoções associadas à situação de competitiva**

Os resultados deste estudo mostraram que algumas emoções podem emergir durante à situação competitiva, nas duas pessoas que competem. Abaixo segue a descrição das emoções que surgiram nos relatos dos participantes.

Emoções no próprio

➤ *Tristeza* (3 situações competitivas)

“(...) as emoções para mim foram tristes, por que não foram motivantes nem boas, acho que foram desagradáveis.” P2

➤ *Indiferença* (2 situações competitivas)

“(...) e eu não estava nem aí, quando eu a via, falava com ela sorrindo.” P5

➤ *Medo* (1 situação competitiva)

“(..) eu por exemplo, nunca iria fazer essa pergunta novamente com medo de ser desmoralizado” P10

➤ *Depressão (1 situação competitiva)*

“(...) eu fiquei meio deprimido quando isso aconteceu, eu tinha dificuldade para dormir, queria voltar para casa. (..)” P11

➤ *Frustração (2 situações competitivas)*

“(...) é frustrante, porque às vezes você trabalha tanto quanto uma pessoa, mas por você não ser húngara ou daquele país, você não vai ser tão visada ou eles não vão dar o valor que você merece, então existe muita frustração.” P12

Emoções no adversário

Em duas situações, os participantes expuseram as emoções vivenciadas pelos seus adversários, sendo elas de:

➤ *Agressividade*

“Acho que era um descontrole de ele não estar ganhando e partir para a agressão”. P2

➤ *Raiva*

“(..) e não era nem para provocar, era o meu normal e ela ficava com mais raiva ainda.” P5

- **Moralidade da competição**

Neste estudo os resultados sugerem que o indivíduo que compete constrói uma ideia acerca da competição, de forma a considerá-la justa ou injusta.

- **Competição justa (2 situações competitivas)**

“Os húngaros são muito justos em qualquer competição” P16

- **Competição injusta (9 situações competitivas)**

“(...) eu tinha uma vantagem, pelo fato de que o treinador (...) dava um certo privilégio, então era uma competição que realmente eu tinha mais chances de vencer.” P6

Os indicadores acima, como já foi referido, facilitam a compreensão das consequências positivas ou negativas que as situações de competição promovem aos indivíduos que competem, possibilitando identificar a natureza construtiva e destrutiva das diversas situações de competição relatadas pelos participantes. Após criteriosa análise de cada uma das situações de competição (Anexo 8), foi possível categorizá-las de acordo com sua natureza, cuja síntese se apresenta na tabela que se segue (Tabela 14).

Tabela 14. Natureza das situações competitivas

Função da competição	N ° de situações de competição construtivas	N ° de situações de competição destrutivas
<i>Seleção</i>	1	1
<i>Alcançar um objetivo prévio</i>	6	9
<i>Auto-aperfeiçoamento</i>	4	0
<i>Motivação</i>	1	0
<i>Ser melhor que o adversário</i>	0	1
Foco da competição	N ° de situações de competição construtivas	N ° de situações de competição destrutivas

<i>No adversário</i>	1	8
<i>No objetivo</i>	1	0
<i>No Self</i>	4	0
<i>Foco estendido</i>	2	0
Objetivo da situação competitiva	N ° de situações de competição construtivas	N ° de situações de competição destrutivas
<i>Vencer</i>	3	4
<i>Ser o melhor</i>	2	1
<i>Ser melhor que alguém</i>	0	6
Visão do adversário	N ° de situações de competição construtivas	N ° de situações de competição destrutivas
<i>Parceiro</i>	5	0
<i>Inimigo</i>	0	8
<i>Alguém que deve ser superado</i>	2	3
Emoções associadas à competição	N ° de situações de competição construtivas	N ° de situações de competição destrutivas
<i>Tristeza</i>	0	3
<i>Indiferença</i>	0	2
<i>Medo</i>	0	1
<i>Depressão</i>	0	1
<i>Frustração</i>	0	2
<i>Agressividade</i>	0	1
<i>Raiva</i>	0	1
Moralidade da competição	N ° de situações de competição construtivas	N ° de situações de competição destrutivas
<i>Justa</i>	2	0
<i>Injusta</i>	1	8

Padrão destrutivo (n=11)

A análise das categorias pré-estabelecidas descritas acima, permitiu-nos constatar que nas situações de natureza destrutiva a competição caracteriza-se por ter como principal *função* o alcance de um objetivo prévio, onde o *foco* da competição incide sobre o adversário, sendo

este considerado um inimigo (*visão do adversário*). As *emoções* relatadas pelos participantes deste estudo que estão presentes em situações de competição de natureza destrutiva são, sobretudo, emoções tendencialmente negativas como tristeza, indiferença, medo e frustração, e, são ainda, situações competitivas consideradas injustas na perspectiva dos que competem, uma vez, que nem todos tinham as mesmas possibilidades de alcançar os seus objetivos (*moralidade da competição*).

No presente estudo foram relatadas 13 situações de competição com uma natureza destrutiva. Essas situações foram relatadas por 11 participantes, estando presentes, principalmente, em áreas profissionais (10 situações) e ocorrendo tanto entre os próprios imigrantes brasileiros que residem na Hungria (4 situações), quanto entre os imigrantes brasileiros e húngaros (6 situações) ou com imigrantes de outras nacionalidades (1 situação).

Abaixo, seguem alguns exemplos de situações competitivas destrutivas e respectivas análises, entre imigrantes brasileiros e húngaros, dentro do próprio grupo de imigrantes brasileiros e entre os imigrantes brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades.

Exemplo 1: Padrão de competição destrutivo entre imigrantes brasileiros e húngaros:

Situação de competição: “(..) logo que cheguei, (..) meu marido tem um irmão, que tem uma namorada há muito tempo. Eu quando cheguei aqui tive que começar a morar na casa, claro, por que eu não tinha onde morar, e ela ficou muito louca da vida comigo, por que como que ela que já era praticamente da casa não podia morar lá e eu podia(..) então foram brigas de anos.”

“ela não gostava, não olhava na minha cara, não falava comigo e eu não fiz nada, eu simplesmente vim aqui, mas acontece.”

“E depois eu ainda casei primeiro que ela, tipo quando eu casei, eles já estavam juntos há uns dez anos e nada, e logo que casei, eles ficaram noivos. Essas coisinhas de querer ser melhor.

“eu acho que ela tinha se colocado em uma situação de que ela era quem estava a mais tempo no pedaço e quis demarcar território.”

“No começo eu achava que ela era minha amiga, por que ela se aproximou de mim (..) mas depois fui percebendo algumas coisas, ou ela não olhava na minha cara, ou falava alguma coisa errada para as outras pessoas da família (...)e eu não estava nem aí, quando eu a via, falava com ela sorrindo.”

“(…) e não era nem para provocar, era o meu normal e ela ficava com mais raiva ainda.”
P5

Análise da situação de competição

Tabela 15. Análise do padrão de competição destrutivo entre imigrantes brasileiros e húngaros

Função da competição	Alcançar um objetivo (marcar território)	“(…) eu acho que ela tinha se colocado em uma situação de que ela era quem estava há mais tempo no pedaço e quis demarcar território.”
Foco da competição	O adversário	“ela não gostava, não olhava na minha cara, não falava comigo e eu não fiz nada, eu simplesmente vim aqui, mas acontece.”
Objetivo da competição	Ser melhor que alguém	“(…) e depois eu ainda casei primeiro que ela, tipo, quando eu casei eles já estavam juntos há uns dez anos e nada, e logo que casei, eles ficaram noivos. Essas coisinhas de querer ser melhor.
Visão do adversário	Inimigo	“(…) mas depois fui percebendo algumas coisas, ou ela não olhava na minha cara, ou falava alguma coisa errada para as outras pessoas da família.”
Emoções associadas a situação de competição	Do Próprio: Indiferença Adversário: Raiva	“e eu não estava nem aí, quando eu a via, falava com ela sorrindo.” “e não era nem para provocar, era o meu normal e ela ficava com mais raiva ainda.”

Exemplo 2: Padrão de competição destrutivo entre os próprios imigrantes brasileiros

Situação de competição: (..)Bom, como eu trabalho meio sozinha, a minha competição é meio online, existe um grupo de tradutores brasileiros no facebook, e lá é muita competição, tipo briguinhas em post do facebook por que alguém perguntou algo como “não estou

conseguindo traduzir a palavra stone”, ai começa a briga “como assim você está perguntando o significado de stone, stone pode significar várias coisas dependendo do contexto”, “ai essa povo burro não sabe que tudo depende do contexto”, então começa uma discussão em cima do fato que a pessoa só esqueceu de dizer o contexto da palavra, e começam a dizer que ela é pior, que ela é horrível, que ela não serve para ser tradutora, e ai vai um indivíduo, desmotivar o profissional que fez a pergunta, e é claro que tem muita gente com pergunta meio idiota, mas eu por exemplo, nunca iria fazer essa pergunta de novo com medo de ser desmoralizada. Os dinossauros da tradução que fazem parte desse grupo, pensam que só fazem perguntas muito inteligentes e são respeitados, então rola aquela coisa, “eu quero ser melhor do que aquele cara”, já rolou briga entre uns dinossauros, alguns saíram outros entraram.” P10

Análise da situação de competição

Tabela 16. Análise do padrão de competição destrutivo entre imigrantes brasileiros

Foco da competição	Adversário	<i>“(…) existe um grupo de tradutores brasileiros no facebook, e lá é muita competição, tipo briguinhas em post do facebook por que alguém perguntou algo(…)”</i>
Objetivo da competição	Ser melhor que alguém	<i>“(…)os dinossauros da tradução que fazem parte desse grupo, pensam que só fazem perguntas muito inteligentes e são respeitados, então rola aquela coisa, “eu quero ser melhor do que aquele cara”, já rolou briga entre uns dinossauros, alguns saíram outros entraram.”</i>
Visão do adversário	Inimigo	<i>“(…) que ela é pior, que ela é horrível, que ela não serve para ser tradutora, e ai vai um indivíduo desmotivar o profissional.”</i>

Emoções associadas a situação de competição	Do próprio: Medo	<i>(..) eu, por exemplo, nunca iria fazer essa perguntae novo com medo de ser desmoralizada”</i>
----------------------------------------------------	-------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------

Exemplo 3: Padrão de competição destrutivo entre os imigrantes brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades

Situação de competição: *“(..)logo quando eu tinha voltado e surgiu uma vaga de call center. Eu tenho um amigo venezuelano e ele me indicou nesse emprego, mas ao mesmo tempo que ele me indicou ele também indicou a irmã dele que tinha acabado de chegar aqui, só que ela tinha a cidadania e eu não tinha..*

(..), ela era venezuelana e eles precisavam de alguém para trabalhar na área dessa empresa, então eles fizeram a entrevista comigo e com ela, eles gostaram de mim, mas como eu ainda não tinha a cidadania eles ficaram pensando se iam querer ou não me pagar o visto de trabalho. Eu sei que logo depois que aconteceu isso, eles escolheram a irmã do menino, mas o rapaz que me ligou para avisar disse, que o irmão a tinha recomendado, que tinha lado muito bem dela, e como só tinha uma vaga para os dois eu perdi. Foi um exemplo de competição, que naquele momento eu senti que era desfavorável para mim.

(..) seria importante para mim naquele momento um visto de trabalho para que eu continuasse aqui, seja no trabalho ou seja desenvolvendo alguma coisa. Aquele momento foi uma perda, que eu tive que superar e ir atrás, mas naquele momento a competição foi desfavorável, na verdade foi uma indicação por indicar, mas ele sabia que a irmã seria a escolhida. (Sobre vencer)

Por um momento eu me senti um pouco frustrado, até por que nós vivíamos em três no apartamento, eu o P. e esse venezuelano, então é obvio que fica um clima estranho, por que nós fazíamos tudo junto, e depois do que aconteceu não.” P15

Análise da situação de competição

Tabela 17. Análise do padrão de competição destrutivo entre imigrantes brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades

Padrão de competição Destrutivo		
Função da competição	Seleção	<i>“logo quando eu tinha voltado e surgiu uma vaga de call Center”</i>
Objetivo da situação competitiva	Vencer	<i>“então seria importante para mim naquele momento um visto de trabalho para que eu continuasse aqui, seja no trabalho ou seja desenvolvendo alguma coisa.”.</i>
Visão do adversário	Alguém que deve superar	<i>“Eu tenho um amigo venezuelano e ele me indicou nesse emprego, mas ao mesmo tempo que ele me indicou ele também indicou a irmã dele que tinha acabado de chegar aqui, só que ela tinha a cidadania e eu não tinha..”</i>
Emoções associadas a situação de competição	No próprio: Frustração	<i>“Por um momento eu me senti um pouco frustrado”</i>
Moralidade da competição	Injusta	<i>“naquele momento a competição foi desfavorável, na verdade foi uma indicação por indicar, mas ele sabia que a irmã seria a escolhida.”</i>

Padrão construtivo (n=10)

De acordo com a análise das categorias pré-definidas anteriormente, as situações de competição de natureza construtiva caracterizam-se por terem uma *função* motivadora e de auto-aperfeiçoamento, onde o *foco* da competição incide, na maioria das vezes, sobre o próprio indivíduo (*self*). Nessas situações de competição o adversário tende a ser considerado um parceiro, com o qual se pode cooperar e obter ajuda mútua durante a competição.

No presente estudo, foram citadas 12 situações de competição classificados com um padrão construtivo. Essas situações foram relatadas por 10 participantes, 6 das quais envolvendo imigrantes brasileiros e húngaros, 3 apenas imigrantes brasileiros, uma, com o self e uma, envolvendo estudantes sem nacionalidade identificada. Abaixo são transcritos os excertos que traduzem cada uma destas situações de competição.

Exemplo 4: Padrão de competição construtivo entre os imigrantes brasileiros e húngaros.

Situação de competição: “(...) pelo fato dos estrangeiros terem uma regalia a mais do que os jogadores locais, (...) isso causa sim competição, muitas vezes até bacana, por que isso faz com que você desenvolva mais o seu potencial. (...) “em uma equipe anterior o treinador me beneficiava pelo fato de eu ser estrangeiro, e eu tinha que mostrar a minha qualidade de brasileiro. (...) isso causava uma certa competição com os húngaros, (...) mas todo mundo profissional, não virou pessoal.”

Eu tento levar tudo na conversa, (...) sou muito comunicativo e sou um cara que consegue conversar com a pessoa, sou livre de qualquer sentimento de raiva. (...) No caso eu e o outro jogador, conversei com ele e ficou tudo resolvido.

(...) eu tinha uma vantagem, pelo fato de que o treinador (...) dava um certo privilégio, então era uma competição que realmente eu tinha mais chances de vencer. (...) acho que a importância da competição é desenvolver o seu potencial maior. (...) para mim esse seria o objetivo maior, desenvolver o seu maior potencial, suas maiores qualidades, mas muitas vezes não ocorre por que a competição é tão grande que se torna desleal.” P6

Análise da situação de competição

Tabela 18- Análise do padrão de competição construtivo entre imigrantes brasileiros e húngaros

Padrão de competição construtivo		
Função da competição	Auto-aperfeiçoamento	<i>(..) isso causa sim competição, muitas vezes até bacana, por que isso faz com que você desenvolva mais o seu potencial.”</i>
Foco da competição	O self	<i>“acho que a importância da competição é desenvolver o seu potencial maior. (..) pra mim esse seria o objetivo maior, desenvolver o seu maior potencial”</i>
Visão do adversário	Parceiro	<i>No caso eu e o outro jogador, conversei com ele e ficou tudo resolvido. (..) todo mundo profissional, não virou pessoal.”</i>
Moralidade da competição	Injusta	<i>“(..) eu tinha uma vantagem, pelo fato de que o treinador (..) dava um certo privilégio, então era uma competição que realmente eu tinha mais chances de vencer.”</i>

Exemplo 5: Padrão de competição construtivo entre os próprios imigrantes brasileiros.

Situação de competição: *“Eu trabalhei com um brasileiro como telefonista, viramos amigos, frequentamos a casa um do outro (..). Mas apesar disso, existia um supervisor que faria uma*

comparação para saber quem atingiu o número de chamadas, então olhava um para o outro e dizia “poxa cara hoje só atendi uma chamada, preciso atender mais”, mas essa pessoa devido essa integridade nunca dificultou.” P2

Análise do padrão de competição

Tabela 19. Análise do padrão de competição construtivo entre os imigrantes brasileiros

Padrão de competição construtivo		
Função da competição	Alcançar um objetivo	<i>“(…)existia um supervisor que faria uma comparação para saber quem atingiu o número de chamadas”</i>
Foco da competição	O objetivo	<i>“(…)poxa cara hoje só atendi uma chamada, preciso atender mais”</i>
Visão do adversário	Parceiro	<i>“Eu trabalhei com um brasileiro como telefonista, viramos amigos, frequentamos a casa um do outro”</i>

Exemplo 6: Padrão de competição construtivo com o próprio *self*.

Situação de competição: *“ No meu trabalho, eu tenho que vencer contra mim, contra o meu eu, por que todo mundo tem aquele eu, que fala que ta na hora de parar, que pergunta por que você não desiste, por que não tenta outra coisa, mas tem o meu lado eu, que quer mostrar para o meu outro eu que eu posso conseguir, aquilo que eu sempre sonhei, o meu maior desafio é o meu eu.”*

No meio do meu trabalho, no futebol, todos os dias, não em relação aos húngaros, mas para mim no meu trabalho eu tenho que vencer, eu tenho que mostrar que venci. Isso se torna uma obsessão, eu tenho que mostrar que posso vencer, isso acontece principalmente por causa da minha cirurgia, então eu tento mostrar que eu posso vencer acima de qualquer dificuldade.”

P7

Análise da situação de competição

Tabela 20- Análise do padrão construtivo com o self

Padrão de competição construtivo		
Função da competição	Alcançar um objetivo.	<i>“(...)quer mostrar para o meu outro eu que eu posso conseguir, aquilo que eu sempre sonhei”</i>
Foco da competição	O self	<i>“ No meu trabalho, eu tenho que vencer contra mim, contra o meu eu”</i>
Objetivo da situação competitiva	Vencer	<i>“eu tenho que mostrar que posso vencer, isso acontece principalmente por causa da minha cirurgia, então eu tento mostrar que eu posso vencer acima de qualquer dificuldade.”</i>

Exemplo 7: Padrão de competição construtivo entre os imigrantes brasileiros e estudantes sem nacionalidade identificada.

Situação de competição: *“(..)Competição é tentar, é quando você tem um objetivo e você precisa lutar contra outras pessoas, ou outras adversidades que te impedem de chegar lá. (..)Acho que na universidade tem muita competição. Meu objetivo (..) é de conseguir um pós-doutorado ou um local como pesquisador em alguma universidade européia boa. Então minha competição é com os outros da minha área.*

“(..) a competição começa quando você começa a se inscrever(..). (..) Passa uma fase eles avaliam, então você tem uma entrevista de uma hora. (..) Eram 10 candidatos por vaga”. (..) Eles não faziam diferenciação de acordo com a sua origem.” P1

Análise da situação de competição

Tabela 21- Análise do padrão de competição construtivo entre imigrantes brasileiros e imigrantes de nacionalidade não identificada

Padrão de competição construtivo		
Função da competição	Seleção	<i>“(..) a competição começa quando você começa a se inscrever(..). (..) Passa uma fase eles avaliam, então você tem uma entrevista de uma hora.”</i>
Foco da competição	O adversário	<i>“quando você tem um objetivo e você precisa lutar contra outras pessoas, ou outras adversidades que te impedem de chegar lá.”</i>
Objetivo da situação competitiva	Vencer	<i>“Meu objetivo (..) é de conseguir um pós-doutorado ou um local como pesquisador em alguma universidade européia boa.”</i>
Visão do adversário	Alguém que deve superar	<i>“Eram 10 candidatos por vaga”.</i>
Moralidade da competição	Justa	<i>“Eles não faziam diferenciação de acordo com a sua origem.”</i>

Abaixo segue o quadro- resumo referente aos padrões de competição:

Tabela 22. Competição: quadro-resumo

Padrão de competição

Padrão de competição	Situações de competição
Competição construtiva	12
Competição destrutiva	13

5.4 Adaptação

5.4.1 Adaptação sociocultural

A análise das entrevistas demonstra que dez participantes apresentava algum nível de dificuldade sociocultural no momento da realização da entrevista, o que parece traduzir-se numa adaptação sociocultural tendencialmente negativa. Por sua vez, os dez outros participantes não demonstram qualquer tipo de dificuldade, o que foi categorizado numa adaptação sociocultural tendencialmente positiva.

Os fatores abaixo listados foram identificados como os principais indicadores das dificuldades socioculturais vivenciadas pelos imigrantes brasileiros que residem na Hungria, no momento de realização da entrevista:

- *Falta de domínio na língua húngara (n= 8)*

Oito dos dez participantes que demonstraram ter dificuldades socioculturais no processo de aculturação relataram não ter o domínio adequado da língua húngara, o que dificulta a sua adaptação no país de acolhimento.

“Tem a questão da língua né? Que é a única coisa que não me integra mais, por exemplo, tem uns vizinhos aqui que parecem ser super legais, mas eu não consigo conversar com eles.” P10

- *Dificuldades de adaptação à comida (n=3)*

“Eu faço minha comida, trago do Brasil o meu feijão” P16

- *Dificuldades interpessoais (n=4)*

Quatro participantes demonstraram ter algum tipo de dificuldade interpessoal no convívio com nativos da sociedade de acolhimento.

“Eu não tenho muitas amizades, e já fazem 5 anos que eu estou aqui” P13

- *Desemprego (n=1)*

“(.) ainda falta (...) arranjar um emprego no futuro.” P4

- *Diferenças étnicas e culturais entre o país de origem e a sociedade de acolhimento (n=1)*

“Feriado aqui é bem triste, (..) por que no Brasil nos feriados a gente vai fazer churrasco ou vai fazer alguma coisa, aqui não, aqui todo mundo fica em casa e ninguém faz nada, não entendo por que são assim.” P7

- *Dependência funcional (n=1)*

Um participante demonstrou dificuldades no funcionamento diário na sociedade húngara, revelando dependência funcional:

“Integração não é só com os seus amigos, é ir ao mercado e conseguir interagir com as pessoas, por exemplo, e eu não consigo isso” P16

- *Problemas burocráticos (n=1)*

Um participante demonstrou dificuldades em lidar com as questões burocráticas presentes na sociedade de acolhimento.

“(...) o escritório de imigração, por que é um inferno, e a burocracia lá é horrível.” P1

Os fatores abaixo indicados foram identificados no discurso dos participantes que demonstraram ter uma **adaptação sociocultural tendencialmente positiva**:

- *Domínio do idioma (n=10)*

Os dez participantes que não demonstraram dificuldades socioculturais dominam o idioma húngaro.

“(...) tem horas que eu até me confundo que eu vou falar com a minha mãe e falo em húngaro.” P19

- *Empregabilidade (n=4)*

Quatro participantes relataram estar empregados no momento o qual a entrevista foi realizada.

“(...) eu adoro a minha atividade profissional, na Hungria.” P2

- *Compreensão das diferenças étnicas e culturais (n=3)*

Três participantes demonstraram reconhecer e saber lidar com as diferenças étnicas e culturais que distanciam o seu país de origem e a sociedade de acolhimento, o que lhes facilitou o processo de adaptação.

“(...) a gente acabou aprendendo sobre todas essas questões, de como os húngaros se comportam, a maneira dos húngaros pensarem, a maneira deles agirem, eu acabei aprendendo, querendo ou não acabei aprendendo” P14

- *Relações interpessoais positivas (n=2)*

Dois dos dez participantes relataram ter relações interpessoais positivas, o que contribuiu para uma adaptação sociocultural tendencialmente positiva.

“(...) é mais fácil de criar amizades, na sociedade eu consigo conversar com qualquer pessoa, tanto com o mais velho como com o mais novo..” P9

- *Autonomia funcional (n=1)*

Um participante demonstrou autonomia funcional para lidar com as questões cotidianas:

“(..) eu vou as reuniões da escolinha, eu posso marcar o meu cabelereiro, marcar consulta, posso levar as crianças ao médico, sem depender do meu marido, vou ao

banco se eu tiver que resolver algum problema, então acho que isso é estar integrada” P8

Abaixo segue o quadro-resumo com os resultados referentes à adaptação sociocultural.

Tabela 23. Indicadores de dificuldades e de adaptação sociocultural

Indicadores de dificuldades socioculturais	
Áreas	Número de participantes
Falta de domínio na língua	8
Dificuldade de adaptação à comida	3
Dificuldades interpessoais	4
Desemprego	1
Pouca compreensão das diferenças étnicas e culturais	1
Dependência Funcional	1
Problemas burocráticos	1
Indicadores de adaptação sociocultural	
Áreas	Número de participantes
Domínio na língua	8
Empregabilidade	3
Compreensão das diferenças étnicas e culturais	4
Relações interpessoais positivas	1
Autonomia Funcional	1

5.4.2 Adaptação psicológica

A adaptação psicológica dos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria foi considerada tendencialmente positiva ou negativa, tendo em consideração a experiência

subjativa desses indivíduos face ao processo migratório no momento em que foi realizada a entrevista.

Uma adaptação psicológica tendencialmente positiva está relacionada com a referência a emoções tendencialmente positivas, ou com a capacidade do indivíduo para reunir recursos face a emoções negativas que traduzem a vivência migratória com bem-estar e um maior ajustamento psicológico. Uma adaptação psicológica tendencialmente negativa está relacionada, por sua vez, com emoções negativas tradutoras de stress e de sofrimento psíquico.

No momento em que a entrevista foi realizada, quinze participantes (n=15) demonstraram experiências subjetivas positivas, indicadoras de um ajustamento psicológico traduzido em emoções positivas como o *sentimento de pertença* e *satisfação geral com a vida*. Cinco participantes (n=5) demonstraram ter uma adaptação psicológica tendencialmente negativa no momento em que a entrevista foi realizada, caracterizada por emoções negativas como *tristeza*, *solidão* e *sentimentos de não pertença*, que remetem para sofrimento psíquico.

Abaixo segue uma descrição detalhada das emoções associadas a uma adaptação psicológica tendencialmente positiva ou negativa dos imigrantes brasileiros que residem na Hungria.

- **Adaptação psicológica tendencialmente positiva**

Emoções tendencialmente positivas

- *Sentimentos de pertença* (n=8)

Oito dos participantes que demonstraram estar adaptados positivamente à sociedade de acolhimento exprimiram sentimentos de pertença à Hungria.

“Eu já me sentia integrado, por que já via o mundo húngaro, o dia a dia húngaro”. (...) me sentia integrado por que estava vivendo com húngaros.” P2

“(...)eu já me sinto bem em casa aqui na Hungria.” P5

“Eu não me sinto fora da sociedade, eles não olham para mim como se eu fosse uma estrangeira, embora não seja difícil para mim disfarçar” P18

- *Satisfação geral com a vida* (n=11)

Onze participantes demonstraram emoções de satisfação geral com a vida no momento da realização da entrevista.

“Eu sou feliz aqui” P2

“No geral estou satisfeito, não tem nada que eu pense e diga que gostaria de mudar.” P1

“(…) a principio eu vou ficar mais um tempo na Hungria, por que estou bem estabelecido, tenho um bom trabalho, tenho um grupo de amigos, tenho uma vida, então a principio eu vou ficar na Hungria mais um tempo estou muito satisfeito”
P14

- **Adaptação psicológica tendencialmente negativa**

Emoções tendencialmente negativas

Cinco participantes demonstraram ter uma adaptação psicológica tendencialmente negativa, caracterizada por emoções negativas. Abaixo seguem as principais emoções que foram evidenciadas:

- *Tristeza* (n=1)

Um participante evidenciou sentimentos de tristeza em relação à dificuldade de aprender o idioma, sendo este o seu principal obstáculo de aculturação, que dificultava o seu processo de adaptação a longo prazo.

“(…) ainda falta aprender o idioma. (..) não consigo aprender Húngaro, essas são as duas coisas que me deixam triste..” P4

- *Solidão* (n=1)

“No meu meio é todo mundo jogador, todo mundo é meio solitário, pois todo mundo vem sozinho, sem amigo, sem família, sem ninguém, todo mundo é meio solitário, e acho que é isso”P11

- *Sentimentos de não pertença* (n=4)

Dos cinco participantes que demonstraram ter uma adaptação a longo prazo tendencialmente negativa, quatro evidenciaram sentimentos de não pertença para caracterizar este tipo de adaptação.

“(…) eu falo a língua, eu vivo a cultura deles, eu sei a história, mas eu não me sinto um húngaro. Acho que nem vou ser húngaro” P11

Abaixo segue o quadro- resumo com os resultados referentes à adaptação psicológica.

Tabela 24. Adaptação psicológica: quadro-resumo

Adaptação psicológica	
Experiência subjetiva	Número de Participantes
Emoções tendencialmente positivas	15
Emoções tendencialmente negativas	5

Os resultados da adaptação, mostram uma relação entre a adaptação psicológica tendencialmente negativa e os indicadores de dificuldades socioculturais. Os indivíduos que demonstram ter algum tipo de prejuízo psicológico, demonstram também ter dificuldades socioculturais. A maioria desses indivíduos identificou fatores como o domínio da língua e dificuldades interpessoais, como os obstáculos a serem enfrentados no início do processo migratório, no entanto, os dados demonstram que esses mesmos obstáculos não foram ultrapassados e continuam presentes no momento de realização da entrevista, contribuindo para que estes participantes tenham uma adaptação psicológica tendencialmente negativa.

Capítulo VI- Discussão de resultados

O presente estudo tinha como objetivos 1) descrever os motivos que levaram os imigrantes brasileiros a sair do Brasil e a migrar para a Hungria; 2) compreender como ocorre o processo de aculturação desses imigrantes; 3) descrever as características de competição que emergem durante o processo migratório; e 4) descrever a adaptação dos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria, identificando potenciais fatores associados. Os resultados obtidos permitiram identificar as *questões profissionais* e a *violência e insegurança*, como os principais motivos influenciadores da saída dos emigrantes brasileiros do país seu de origem, enquanto os *motivos relacionais* foram indicados como principal fator de influência na escolha da Hungria como país de acolhimento. Relativamente ao processo de aculturação dos participantes, foram descritas experiências de contato intercultural iniciais interpretadas como obstáculos ou dificuldades, indutoras de emoções de caráter negativo. Ainda assim, essas dificuldades foram superadas pela maioria dos imigrantes brasileiros participantes no estudo, que referem ações de contato intercultural características da utilização de uma estratégia bem sucedida de *integração*. Relativamente aos aspetos da competição analisados neste estudo, os participantes referem situações de competição durante o curso do processo migratório maioritariamente centradas em áreas profissionais, envolvendo tanto o grupo de imigrantes brasileiros como a sociedade de acolhimento. Estas situações foram tanto de natureza construtiva quanto destrutiva, consoante a análise de categorias pré-estabelecidas que facilitam a identificação da natureza competitiva. Por fim, os resultados obtidos permitiram verificar que a maioria dos participantes deste estudo apresentava uma adaptação tendencialmente positiva no momento de realização da entrevista e, em menor escala, uma adaptação tendencialmente negativa, associando-se esta a indicadores de dificuldades socioculturais, sendo a *falta de domínio na língua*, o principal fator de desajustamento identificado pelos imigrantes brasileiros residentes na Hungria.

Tal como anteriormente referenciado, a maior parte dos imigrantes brasileiros residentes na Hungria evidenciava uma vontade de deixar o seu país de origem antes mesmo de ter decidido

o país de destino, sendo os principais motivos influenciadores nesta decisão de migrar as questões *profissionais* e a *violência e insegurança* no país de origem. A identificação dos motivos profissionais como razão de saída do país de origem vai ao encontro das teorias da migração com abordagens micro e macro, que colocam a procura por trabalho com vista à melhoria económica no centro da tomada de decisão sobre migrar.

A década de 80 é considerada um período turbulento na história do Brasil devido a uma grave recessão económica, o que explica a razão pela qual cerca de 2 milhões de cidadãos brasileiros tomaram, na altura, a decisão de deixar o seu país a procura de novas oportunidades de trabalho (Bógus, 2007). Este motivo mantém-se até os dias de hoje, sendo identificado em inúmeros estudos relacionados com a emigração brasileira (Bassanesi & Bógus, 1996; Fusco, 2002; Hansenbalg & Frigerio, 1999). Apesar de o Brasil já ter sido considerado uma das maiores potências económicas da América Latina e de não existir carência de recursos, este país sempre foi caracterizado por sua desigualdade social, com parte da população a ser detentora de alto poder aquisitivo e outra sendo excluída das condições mínimas de dignidade e cidadania (Henriques, 2000). Tal conduz grande parte dos brasileiros a deixar o seu país à procura de melhores condições profissionais e económicas. Esta desigualdade social visível no Brasil tem também uma correlação positiva com os índices de criminalidade (Resende & Andrade, 2011), o que pode explicar o facto de a *violência e insegurança* serem apontadas como o outro principal motivo pelo qual os participantes deste estudo querem deixar de viver no seu país de origem.

Tendo em conta o modelo push-pull (Ravenstein, 1885), os imigrantes tomam a decisão de migrar de acordo com as ofertas salariais do país de destino e realizando uma análise dos custos e benefícios desta mudança (Keelly, 2000). Assim se compreende os locais de eleição dos brasileiros como país de destino no momento que decidem emigrar, nomeadamente, países desenvolvidos como Estados Unidos e Japão (Itamaraty, 2015). A Hungria não surge, contudo, nas estatísticas como escolha preferencial dos emigrantes brasileiros, possivelmente por não preencher os requisitos económicos de uma superpotência mundial, uma vez que adotou um modelo ocidental de economia recentemente e assume um *status* de transição e de instabilidade (Salvador, 2004). De forma congruente, foi possível perceber no presente estudo que, apesar dos motivos profissionais serem os principais motivos de saída dos brasileiros do Brasil, não são estes os principais motivos que os levam a escolher a Hungria como país de acolhimento, sendo os

motivos relacionais (relacionamento amoroso), o fator decisivo na decisão de mudar-se para este país. Mesmo quando os *motivos profissionais* surgem no discurso dos participantes, os mesmos concentram-se num nicho profissional específico: a área do desporto. Para estes imigrantes, em específico, ao contrário do que indicam as principais teorias da migração, a saída do país de origem não se destina à procura de um novo trabalho, pois estes já o tem garantido a priori através de contatos sociais. Os *motivos familiares* surgiram como os segundos principais motivos de escolha da Hungria como país de acolhimento, na mesma frequência dos *motivos profissionais*, o que se justifica pelas relações bilaterais entre Brasil e Hungria, o que possibilitou o livre acesso de imigrantes entre estes dois países e motivou brasileiros, descendentes de húngaros, a tentarem resgatar o seu histórico familiar e cultural, migrando para seu país ancestral (Itamaraty, 2015).

O processo de aculturação inicia-se, habitualmente, com experiências de contato intercultural, que permitem aos imigrantes tomar consciência com o facto de terem que lidar com duas culturas diferentes (Aldwin, 1994; Lazarus, 1990,1993). Neste estudo, o processo de aculturação dos imigrantes brasileiros residentes na Hungria caracterizou-se por um processo semelhante, onde a maioria dos indivíduos encara as experiências iniciais de contato intercultural como obstáculos ou dificuldades a serem superadas, desencadeando emoções tendencialmente negativas, designadas por *stress aculturativo* (Berry, 1999). Estes resultados não suportam, por sua vez, os estágios propostos por Lysgaard (1955) na teoria da U-curve, que postula a existência de uma fase de encantamento inicial com o país de acolhimento. Há semelhança do que é descrito na literatura, os imigrantes brasileiros participantes deste estudo, diante da experiência aculturativa desenvolvem estratégias de enfretamento ou *coping* numa tentativa de superação dos obstáculos referidos. Os principais obstáculos identificados por estes imigrantes nas primeiras experiências de contato intercultural estão relacionados com as *diferenças culturais* encontradas (como a língua, a comida e os comportamentos interpessoais). Estas diferenças são facilmente explicadas pela distância cultural entre os dois países (Furnham & Bochner, 1982). As diferenças na formação e desenvolvimento do Brasil e Hungria, explica as diferenças nos costumes e valores culturais de ambos. Enquanto a confluência de culturas devido ao histórico de migração deu origem a uma população brasileira com diversas raças, credos e traços culturais diferenciados e aberto à diversidade, o histórico de invasões na Hungria deu origem a uma sociedade com dificuldades na aceitação de imigrantes. De facto, a Hungria protagonizou uma série de acontecimentos históricos e sociais, os quais houve uma imposição cultural a grupos

minoritários, mais conhecidos como processo de “húngarização” (Rónai, 1958). O processo de húngarização caracterizava-se principalmente pela imposição da língua húngara aos grupos minoritários, tendo-se tornado a língua uma espécie de tesouro para os nativos até os dias de hoje (Rónai, 1958). Tal valida o facto de a principal diferença cultural relatada pelos participantes deste estudo ser a *língua*, a qual é determinante para a dificuldade em manter relações interpessoais e um melhor nível de integração e funcionamento nesta sociedade de acolhimento.

Perante as experiências iniciais de contato intercultural, os participantes referem, de igual forma, a expressão de emoções tendencialmente negativas, nomeadamente *depressão*, *tristeza*, *mágoa* e *medo*. A presença de emoções negativas nesta fase inicial de aculturação vai ao encontro da literatura no que diz respeito a uma vulnerabilidade aumentada dos indivíduos migrantes para o desenvolvimento de doenças do foro mental nesta fase (Carballo et al., 1998). De igual forma, é congruente com os dados que apontam para a influência do tempo de residência na sociedade de acolhimento na forma como as experiências são interpretadas, havendo menor risco de frustração e impacto na saúde mental à medida que o tempo de residência se prolonga (Pereira, 2010). O *stress aculturativo* (Berry, 1997) é vivenciado pela maioria dos imigrantes brasileiros entrevistados que exprimem desgaste emocional perante os obstáculos de aculturação. No entanto, a maioria destes interpreta também estes obstáculos como uma oportunidade de mudança e de crescimento pessoal, de forma que mesmo frágeis psicologicamente, tendem a esforçar-se para aprender a língua do país de acolhimento, aprender os valores e novos costumes culturais e desenvolver novas relações de amizade. Essas atitudes traduzem-se na utilização da estratégia de aculturação *integração* pela maioria dos imigrantes brasileiros participantes neste estudo. A utilização desta estratégia, segundo a literatura, associa-se a um conjunto de fatores de proteção (características da personalidade e suporte social) e traduz uma maior motivação para a adaptação à sociedade de acolhimento (Berry, 1997). Deste modo consideramos que atitudes relacionadas com a integração podem ter contribuído para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, que resultaram na superação das dificuldades e obstáculos aculturativos iniciais, proporcionando uma adaptação tendencialmente positiva, descrita pela maioria dos participantes no momento da realização da entrevista. No entanto, uma adaptação tendencialmente positiva não foi verificada em todos os casos em que foi referida a utilização da estratégia de aculturação *integração*, o que nos leva a confrontar o modelo bidimensional de Berry (1997) e a sua aplicabilidade ao fenómeno da aculturação. Os resultados

do presente estudo revelam que nem sempre respostas positivas às questões indicadoras de *integração* (Berry, 1997) correspondem a uma adaptação tendencialmente positiva. Tal sugere, a semelhança do que foi proposto por Cabassa (2003) que as estratégias de aculturação devam ser estudadas num continuum temporal, sofrendo variações ao longo do tempo. Kang (2006) defende que um modelo bidimensional que trata o fenómeno da aculturação com base em questões organizadas de forma emparelhada, causa diversas contradições entre as duas orientações culturais em questão contribuindo para a falta de ortogonalidade da escala. Desta forma estudos realizados pela autora revelam que o ajustamento psicossocial de indivíduos migrantes podem ser melhor compreendidos através de outros domínios da aculturação, como por exemplo, a competência linguística, tal como manifesta o presente estudo. Outro fator que coloca em causa a aplicabilidade do modelo bidimensional de Berry (1997) é o facto de os resultados indicarem (embora com menor frequência) que os indivíduos migrantes que têm atitudes que se traduzem no uso da estratégia de aculturação *marginalização*, se apresentam com uma adaptação psicológica tendencialmente positiva na sociedade de acolhimento, ao contrario do esperado tendo em conta a literatura prévia; onde a estratégia de *marginalização* é vista como a estratégia de aculturação mais distante de um ajustamento à sociedade de acolhimento.

Um outro objetivo deste estudo consistiu em explorar e descrever os fenómenos de competição vivenciados pelos imigrantes brasileiros residentes na Hungria durante o período migratório. A análise de conteúdos dos dados permitiu validar o novo paradigma acerca da competição, que defende que mesmo numa situação onde há disputa por recursos, a competição pode não ser uma experiência apenas negativa para os que competem, mas também proporcionar motivação, parceria, cooperação e auto-aperfeiçoamento (Fülop, 2009). A natureza competitiva das situações de competição, analisadas de acordo com as categorias previstas na literatura (Fülop, 2009), revelaram que a *função da competição* (como seleção, alcançar um objetivo prévio, auto-aperfeiçoamento, motivação e ser melhor que o adversário), *o foco da competição* (no objetivo, no self, no adversário ou no foco estendido), *o objetivo da situação competitiva* (vencer ou ser melhor que alguém), *a visão do adversário* (como parceiro ou inimigo), *a moralidade da competição* (justa ou injusta) não diferiram dos dados apontados em outros estudos acerca da competição com indivíduos de culturas diferentes (Fülop, 2009. Fülop e Orosz, 2015), onde as situações competitivas construtivas caracterizam-se por ter uma função motivadora ou de auto-aperfeiçoamento, onde o adversário é visto na maioria das vezes como

um parceiro, e as situações competitivas destrutivas são caracterizadas por focarem-se no adversário, sendo este considerado um inimigo e a competição, na maioria das vezes, injusta para um dos competidores. No entanto, no discurso dos imigrantes brasileiros foi identificadas questões relacionadas com as emoções, tanto do próprio, o qual relata a situação, como do adversário, contribuindo para a definição de mais preditores relacionados com a definição da natureza competitiva. A competição com um padrão destrutivo mostrou-se prevalente em áreas profissionais, ocorrendo tanto dentro do grupo de imigrantes como entre os imigrantes e a sociedade de acolhimento. De forma, que a busca por estabilidade económica através de atividades profissionais, é no presente trabalho, assim como na literatura (Grzymała-Kazłowska, 2005; Jordan, 2002; Margolis, 2009), a maior razão para a ocorrência de conflitos e de uma competição com carácter negativo, que tem como consequência o desenvolvimento de relações interpessoais negativas no novo contexto profissional no qual os imigrantes estão inseridos. Já a competição com padrão construtivo, apesar de também ser evidenciada em contextos profissionais, mostrou uma tendência para acontecer entre os imigrantes brasileiros e a sociedade de acolhimento, resultando em maiores atitudes de cooperação, amizade e relações interpessoais positivas com os húngaros. Este dado remete-nos para o modo como a competição é culturalmente vista pelos brasileiros, dado que o fenómeno, numa conotação negativa, é uma estratégia comumente utilizada como forma de diminuir as desigualdades existentes no Brasil, de forma, que enquanto os indivíduos nativos podem ser considerados aliados no processo de migração, os próprios conterrâneos podem ser considerados um maior risco ou ameaça, assim como no caso dos polacos que viviam em Londres, estudados por Jordan em 2002.

Na avaliação da adaptação intercultural deve incluir-se toda uma constelação de medidas do estado de saúde, da competência em comunicar, da auto-consciência, dos níveis de stress, de sentimentos de aceitação e de comportamentos culturalmente adequados dos indivíduos (Ward, 1996). Deste modo, na análise da adaptação dos imigrantes brasileiros residentes na Hungria tiveram-se em conta, tanto os aspetos socioculturais como o ajustamento psicológico dos participantes.

A exploração da adaptação foi efetuada tendo em consideração as diferentes valências que a caracterizam, sendo a adaptação sociocultural relacionada com fatores externos e a

aprendizagem de competências, e a adaptação psicológica relacionada com questões afetivas internas, indicadoras de bem-estar e ajustamento psicológico (Argyle, 1982).

A maioria dos participantes deste estudo evidenciava uma adaptação psicológica tendencialmente positiva no momento de realização da entrevista, que se caracteriza pela presença de emoções positivas, como sentimentos de pertença, satisfação geral com a vida e perspectivas de futuro na sociedade de acolhimento. Estes indivíduos, mesmo quando relataram dificuldades de aculturação no início do processo migratório, conseguiram evidenciar um vasto leque de recursos (suporte social, fatores de personalidade, resiliência) que parece ter contribuído para ultrapassar os obstáculos e promover uma integração saudável no novo contexto cultural.

Assim, tal como indicado na literatura as duas formas de adaptação estão interrelacionadas, pois a facilidade com a qual resolvemos problemas interculturais, bem como as relações interpessoais positivas que são estabelecidas com os membros da sociedade de acolhimento, é determinante para o desenvolvimento de sentimentos de bem-estar e satisfação (Neto, 2008). Enquanto indicadores socioculturais como o domínio da língua, a empregabilidade e a existência de relações interpessoais foram referenciadas por indivíduos com uma adaptação psicológica tendencialmente positiva, os indivíduos que demonstraram ter uma adaptação psicológica negativa, evidenciaram consistentemente indicadores de dificuldades socioculturais. A *falta de domínio na língua* foi identificada pelos imigrantes brasileiros como o principal indicador de uma adaptação sociocultural tendencialmente negativa, e, conseqüentemente, como contribuindo para a emocionalidade negativa associada. Segundo Harmers e Blanc (2000), a língua é responsável pela identidade cultural dos indivíduos, sendo a competência que permite a comunicação de aprendizagens e valores de uma cultura. Desta forma, sem esta competência, os imigrantes brasileiros tendem a sentir-se limitados no que diz respeito a interação com a sociedade de acolhimento. De igual modo, indicadores de dificuldades socioculturais demonstrados por esses participantes (falta de domínio da língua, dificuldades interpessoais e diferenças culturais), vão ao encontro dos obstáculos de aculturação identificados durante o contato intercultural inicial, de forma que os indivíduos com uma adaptação sociocultural e psicológica tendencialmente negativa, possivelmente não conseguiram ultrapassar as dificuldades aculturativas, desenvolvendo um processo psicopatológico, no qual os obstáculos são encarados como maiores do que a capacidade do indivíduo de enfrentá-lo (Berry, 1997).

Algumas limitações foram identificadas ao longo do processo de implementação desta investigação, sendo uma delas o grande número de cidadãos brasileiros em mobilidade acadêmica na Hungria, o que dificultou o processo de recrutamento de participantes que se encaixavam nos critérios definidos para inclusão na investigação, devido ao facto, de muitos indivíduos brasileiros que se mostravam interessados em participar nesta investigação, não residiam no país o tempo mínimo estabelecido (2 anos). Outra limitação a ser citada diz respeito ao processo de amostragem por conveniência, uma vez que este tipo de recrutamento não permite fazer inferências dos resultados para toda a população de imigrantes brasileiros residentes na Hungria, limitando as conclusões obtidas a este grupo específico ou com características semelhantes. O tempo despendido na realização da entrevista, por vezes, pareceu causar certo desconforto aos participantes, podendo este ser um fator desmotivador para o desenvolvimento dos relatos proferidos, limitando-os. Em estudos futuros propõe-se a sumarização da entrevista semi-estruturada como forma de proporcionar mais conforto e motivação aos participantes.

Apesar destas limitações, este estudo é uma mais valia, uma vez que tenta colmatar as lacunas existente na literatura acerca desta temática, expandido os conhecimentos acerca das redes migratórias que envolvem o Brasil e a Hungria, assim como dos fatores determinantes para o processo de aculturação e adaptação dos indivíduos migrantes. Este estudo serve, ainda, como base para estudos transculturais de maior escala, alertando e sensibilizando para a necessidade de pertinência da comparação dos dados obtidos com indivíduos migrantes residentes em países de cultura distinta, de forma a identificar mais fatores preditores e influenciadores neste processo, contribuindo para a educação e cidadania em contexto multicultural.

PARTE III
CONCLUSÕES

Conclusões

O processo migratório tem consequências não só para o indivíduo que migra, mas para todos aqueles que estiverem presentes no decorrer desta experiência, sejam os indivíduos da sociedade de acolhimento, que terão que lidar com novas raças, etnias, culturas, valores ou religião, diversificando o seu ambiente habitual, sejam indivíduos da sociedade de origem (familiar, amigo, entidade patronal, líderes políticos, entre outros), que terão que lidar com as consequências afetivas, económicas e sociais de quem decidiu deixar o seu país de origem para recomeçar noutra lugar.

Face à escassez de estudos qualitativos acerca da vivência de aculturação e adaptação de imigrantes brasileiros residentes em países do Centro-Leste Europeu, este estudo, embora com algumas limitações, demonstrou-se extremamente frutífero para a compreensão política, social e psicológica do fenómeno migratório desta população. Desta forma, a partilha de experiências que os imigrantes brasileiros residentes na Hungria facultaram durante esta investigação tornou possível a exploração de vários fatores associados a este processo, tais como a forma como são interpretadas as experiências iniciais de contato intercultural, o domínio da língua e as estratégias de aculturação utilizadas durante este processo.

Os resultados deste estudo possibilitaram acesso a informações pertinentes, fundamentais para o esclarecimento e resposta às questões de investigação estabelecidas para o estudo e sobre as quais recaiu a análise de dados.

A questão “Quais são as motivações inerentes a decisão de migrar dos indivíduos brasileiros para a Hungria?”, pôde ser respondida através de duas perspectivas diferentes, de imigrantes brasileiros que já mantinham o desejo de sair do Brasil antes mesmo de decidirem o local de destino e a perspectiva daqueles que não demonstraram motivos para deixar o seu país, mas que por uma situação específica decidiram migrar diretamente para Hungria. No primeiro caso, os imigrantes que desejavam sair do Brasil, gostariam de fazê-lo por questões profissionais, com o objetivo de ter melhores condições de vida em países desenvolvidos. Esses indivíduos tenderam a escolher a Hungria motivados pela transferência de emprego, por questões académicas ou por oportunidades na sua área de formação, sendo que esta, muitas vezes, não é a sua primeira experiência migratória. Já os indivíduos que se mudaram para a Hungria sem antes terem cogitado

a possibilidade de sair do Brasil, identificaram os motivos relacionais (e. g namoro, casamento) como a principal razão para escolherem a Hungria como sociedade de acolhimento.

A resposta à questão “Como é o processo de aculturação (no que diz respeito às experiências iniciais de contato intercultural, às emoções associadas a este contato, bem como às estratégias de aculturação utilizadas) dos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria?”, mostrou-se bastante complexa, uma vez que o início do processo foi experienciado de forma conflituosa por todos os participantes deste estudo. As experiências iniciais de contato intercultural foram, na generalidade, interpretadas como obstáculos a serem ultrapassados, sendo os principais obstáculos, as diferenças culturais como a língua e a comida, e o desenvolvimento de relações interpessoais com os húngaros. No entanto, a maioria dos brasileiros residentes na Hungria que participaram deste estudo, apesar de descreverem fases nas quais passaram por um *stress aculturativo*, caracterizado por emoções negativas como tristeza e medo, tenderam a superar as dificuldades, seja através da utilização bem sucedida da estratégia de aculturação *integração*, ou através de mecanismos de enfrentamento ou coping.

No que diz respeito à terceira questão “Como se caracteriza as situações de competição (área de competição, com quem ocorre a competição e os padrões de competição) dos brasileiros residentes na Hungria?”, através das situações de competição relatadas pelos participantes foi possível identificar a presença tanto de padrões de competição destrutivos, quanto de padrões de competição construtivos, principalmente em áreas profissionais. Um aspeto curioso que emergiu desses dados, refere-se ao facto dos imigrantes brasileiros demonstrarem uma tendência a competirem de forma construtiva com os húngaros e de forma destrutiva com outros imigrantes brasileiros, sugerindo uma tendência de relações positivas com a sociedade de acolhimento com maior frequência, do que entre os próprios membros da comunidade imigrante brasileira.

Relativamente à resposta à última questão “Qual o grau de adaptação relatado pelos imigrantes brasileiros que vivem na Hungria no momento da entrevista e quais os fatores associados a este nível de adaptação?”, a maioria dos participantes revelou ter uma adaptação tendencialmente positiva, tanto relativamente a aspetos de adaptação psicológica, quanto de adaptação sociocultural. Os indivíduos com uma adaptação tendencialmente positiva, além de demonstrarem emoções positivas (e.g., sentimentos de pertença; satisfação geral com a vida), indicativos de um bem-estar psicológico, identificaram também indicadores de adaptação

sociocultural, como o domínio da língua, empregabilidade e relações interpessoais positivas. Em menor grau, foram identificados participantes com uma adaptação tendencialmente negativa que, para além, de demonstrarem emoções negativas (e.g., solidão e sentimento de não pertença), indicadores de potencial desajustamento psicológico, evidenciaram também dificuldades socioculturais como a falta de domínio da língua e dificuldades nas relações interpessoais com os húngaros.

Alguns resultados deste estudo poderão ser ponto de partida para a realização de estudos transculturais mais aprofundados. Por um lado, os dados sugerem que a mudança migratória para um país no qual o indivíduo migrante não domine a língua, pode ser um fator determinante e negativo no percurso aculturativo e adaptativo do mesmo. Outro dado pertinente deste estudo diz respeito à aplicabilidade dicotômica dos modelos teóricos acerca do fenómeno da aculturação, uma vez que apesar desses modelos facilitarem a leitura da experiência aculturativa, retiram da análise a dinâmica do processo, que deve ser perspectivado ao longo do tempo. Os dados sugerem que a utilização da estratégia de aculturação *integração*, por exemplo, pode nem sempre vir a ser bem sucedida na direcção do processo de aculturação a uma adaptação tendencialmente positiva, assim como a estratégia de aculturação *marginalização*, nem sempre deve ser associada a adaptações tendencialmente negativas. Dos dados do presente estudo poderão, de igual forma, ser extraídas algumas implicações para a intervenção na promoção de saúde mental do indivíduo migrante, nomeadamente demonstrando a importância do suporte social e de relações interpessoais positivas com membros da sociedade de acolhimento. A importância de um acompanhamento psicológico durante o processo aculturativo é também destacado como forma de desenvolver estratégias de *coping* para lidar com situações que implicam o contato com valores e costumes que colocam em causa a identidade cultural dos cidadãos, bem como a criação de grupos de apoio ou psicoeducativos que promovam o desenvolvimento de competências relacionais e psicológicas para lidar com o processo migratório.

Referências Bibliográficas

- Agier, M. (2006). Refugiados diante da nova ordem mundial. *Tempo Social*, 18(2), 197–215. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200010>
- Aldwin, C. (1994). *Stress, coping and development*. New York: Guilford Press.
- Argyle, M. (1982). Intercultural communication. In S. Bochner (Ed.), *Cultures incontact: Studies in cross-cultural interaction* (pp. 61–80). Oxford: Pergamon.
- Arnett, J. J. (2002). The psychology of globalization. *American Psychologist*, 57(10), 774–783. <https://doi.org/10.1037//0003-066X.57.10.774>
- Baraldi, C. B. F. (2014). *Migrações Internacionais , Direitos Humanos E Cidadania Sul-Americana : O Prisma Do Brasil E Da Integração Sul-Americana Migrações Internacionais , Direitos Humanos E Cidadania Sul-Americana : O Prisma Do Brasil E Da Integração Sul-Americana*. Universidade de São Paulo.
- Barbalho, A. (2007). Políticas Culturais no Brasil: Identidade e Diversidade sem Diferença. In *III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*.
- Barbosa, C. H., Machado, H. F., Melo, L. B., & Junior, L. A. (2012). Entre integração e isolamento, Perspectivas da migração intra-europeia. In *SINUS- Simulação das Nações Unidas para Secundaristas* (111–140).
- Bassanesi, M. S. B., & Bógus, L. M. M. (1996). Brasileiros na Itália : movimentos migratórios e inserção social, 1–24.
- Bernardi, A. J. (2013). Os impactos dos regimes autoritários na cultura política húngara: análise da ocupação soviética e seus legados no período inicial de restauração democrática (1985-1994). In *II Seminário de Iniciação Científica da ESPM*. São Paulo.
- Berry, J. W. (1984). Multicultural policy in Canada: A social psychological analysis. *Canadian Journal of Behavioural Science / Revue Canadienne Des Sciences Du Comportement*, 16(4), 353–370. <https://doi.org/10.1037/h0080859>

- Berry, J. W. (1992). Acculturation and Adaptation in a New Society. *International Migration*.
- Berry, J. W. (1997). Immigration Acculturation and Adaptation. *International Association of Applied Psychology*- 46(1). 5-68.
- Berry, J. W. (2001). A Psychology of Immigration. *Journal of Social Issues*, 57(3), 615–631. <https://doi.org/doi:10.1111/0022-4537.00231>
- Berry, J. W., & Sam, D. (1997). Acculturation and adaptation. In J. Berry, M. H. Segall, & C. Kagitcibasi (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology* (pp. 291–326). Boston: Allyn and Bacon.
- Bhawuk, D. P. S., & Brislin, R. (1992). The measurement of intercultural sensitivity using the concepts of individualism and collectivism. *International Journal of Intercultural Relations*, 16(4), 413–436. [https://doi.org/10.1016/0147-1767\(92\)90031-O](https://doi.org/10.1016/0147-1767(92)90031-O)
- Bibeau, G. (1997). Cultural Psychiatry in a Creolizing World? Questions for a New Research Agenda. *Transcultural Psychiatry*, 34(1)(2), 183–205. <https://doi.org/10.1177/07399863870092005>
- Black, J. S., & Mendenhall, M. (1991). The U-Curve Adjustment Hypothesis Revisited: A Review and Theoretical Framework. *Journal of International Business Studies*, 22(2), 225–247. <https://doi.org/10.1080/03088837500000054>
- Bógus, L. (2007). Esperança Além-Mar: Portugal no “arquipélago migratório” brasileiro. In J. M. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (p. 39). Observatório da Imigração.
- Bógus, L. M. M., & Bassanezi, M. S. (1998). Do Brasil para a Europa - Imigrantes Brasileiros na península Itálica neste final de século.
- Bourhis, R. M. (1997). Towards an interactive acculturation model: A social psychology approach. *Internacional Journal of*, 369-386
- Brislin, R., Landis, D., & Brandt, M. (1983). Conceptualizations of intercultural behavior and training. In D. Landis & R. Brislin (Eds.), *Handbook of Intercultural Training* (Vol. 1). New York: Pergamon Press.

- Brooks, J., McCluskey, S., Turley, E., & King, N. (2015). The Utility of Template Analysis in Qualitative Psychology Research. *Qualitative Research in Psychology*, 12(February 2015), 202–222. <https://doi.org/10.1080/14780887.2014.955224>
- Büki, N. (2013). *The role of competition in the integration of immigrants to the host society*.
- Cabassa, L. J. (2003). Measuring Acculturation : Where We Are and Where We Need to Go. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25(2), 127–146. <https://doi.org/10.1177/0739986303253626>
- Campos, M. B. De. (2015). Características Demográficas E a Voluntariedade, 273–290.
- Carballo, M., Divino, J. J., & Zeric, D. (1998). Migration and health in the European union. *Tropical Medicine and International Health*, 3(12), 936–944. <https://doi.org/10.1046/j.1365-3156.1998.00337.x>
- Cartledge, B. (2011). *The Will to Survive; A History of Hungary*. New York: Columbia University Press.
- Castro, R. ., & Bronfman, M. (1997). Problemas no resueltos en la integración de métodos cualitativos y cuantitativos en la investigación social en salud. In *Congreso Latinoamericano de Ciências Sociais e Medicina* (pp. 1–20). México.
- Debiaggi, S. D., & Paiva, G. J. (2004). *Psicologia, emigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Debiaggi, S. dantas. (2008). Nikkeis entre o Brasil e o Japão: desafios identitários, conflitos e estratégias. *Revista Usp*, 165–172.
- Decol, R. D. (2000). Uma história oculta : a imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (1994). *Handbook of Qualitative Research*. (S. Publication, Ed.). London. Retrieved from <http://www.sedl.org/cgi-bin/mysql/picbib-output.cgi?searchuniqueid=17>
- Desjarlais, R., Eisenberg, L., Good, B., & Kleinman, A. (1995). *Review: World Mental Health:*

- Problems and Priorities in Low-Income Countries*. Oxford University Press (Vol. 86). England: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1097/00004583-199705000-00028>
- Deutsch, M. (1949). A Theory of co-operation and competition. Retrieved July 8, 2016, from hum.sagepub.com by
- Deutsch, M. (1990). Sixty years of conflict. *International Journal of Conflict Management*, 1(3), 237–263.
- Dias, M. (2005). Uma Viagem Psicológica pela Migração. *Revista Do Serviço de Psiquiatria Do Hospital Fernando Fonseca*, pp. 6–12.
- Doerschler, P. (2006). Push-pull factors and immigrant political integration in Germany. *Social Science Quarterly*, 87(5), 1100–1116. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6237.2006.00418.x>
- Dona, G., & Berry, J. W. (1994). Acculturation Attitudes and Acculturative Stress of Central American Refugees. *International Journal of Psychology*, 29(1), 57. <https://doi.org/10.1080/00207599408246532>
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar Em Revista*, (24), 213–225.
- Edwards, J. (1991). Co-operation and Competition: Two Sides of the Same Coin? *The Irish Journal of Psychology*, 12(1), 76–82. <https://doi.org/10.1080/03033910.1991.10557827>
- Elliot, A. J. (1999). Approach and avoidance motivation and achievement goals. *Educational Psychologist*, 34(July 2015), 169–189. <https://doi.org/10.1207/s15326985ep3403>
- Fernandez-Abascal, E. (2010). *Psicologa de la emocion*. Editorial Universitaria Ramon Areces.
- Ferreira, M. C., Assmar, E. M. L., & Souto, S. D. O. (2002). O individualismo e o coletivismo como indicadores de culturas nacionais: convergências e divergências teórico-metodológicas. *Psicologia Em Estudo*, 7(1), 81–89. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100011>
- Figueiredo, J. (2005). *Fluxos migratórios e cooperação para o desenvolvimento: realidades compatíveis no contexto europeu?* Retrieved from <http://www.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=4DWCucgHOXIC&oi=fnd&pg=PT7&dq=europeus+migrantes&ots=lcMw7U>

vPzT&sig=NS_H4g3KFndSUOpmNMxljqjUkOY

- Flannery, W. P., Reise, S. P., & Yu, J. (2001). An empirical comparison of acculturation models. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(8), 1035–1045. <https://doi.org/10.1177/0146167201278010>
- Fülöp, M. (1999). Students Perception of the role of competition in their respective countries: Hungary, Japan and USA. *Young Citizens in Europe*, 195-217.
- Fülöp, M. (2002). Intergenerational differences and social transition: Teachers' and students perception of competition in Hungary. In A. R. E.Nasman (Ed.), *Children's understanding in the new Europe* (pp. 63–89). Trentham Books.
- Fülöp, M. (2008). Educating the cooperative competitive citizen. In K. Tirri (Ed.), *Educating moral sensibilities in Urban Schools* (pp. 171–187). Sense Publishers.
- Fülöp, M. (2009). Happy and unhappy competitors: What makes the difference? *Psihologijske Teme*, 18(2), 345–367.
- Fülöp, M., & Orosz, G. (2015). State of the Art in Competition Research. *Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences*, (May 2015), 1–16. <https://doi.org/10.1002/9781118900772.etrds0317>
- Furnham, & S. Bochner. (1982). Social Difficulty In a Foreign Culture: An Empirical Analysis of Culture Shock. In S. Bochner (Ed.), *Cultures In Contact: Studies In Cross-cultural Interaction* (pp. 161–98). Oxford: Pergamon.
- Fusco, W. (2002). As redes sociais nas migrações internacionais : migrantes brasileiros para os Estados Unidos e o. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(1), 253–254.
- Gilgun, J. F. (1992). Definitions, Methodologies, and Methods in Qualitative Family. In & G. H. F. Gilgun, K. Daly (Ed.), *Qualitative Methods In Family Research* (pp. 22–39). CS: SA.
- Gold, S. J. (1994). Patterns of Economic Cooperation Among Israeli Immigrants in Los Angeles. *International Migration Review*, 28(1), 114–135. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>

- Goldim, J. R., Pithan, C., Oliveira, J. de, & Raymundo, M. (2003). O processo de consentimento livre e esclarecido em pesquisa: uma nova abordagem. *Revista Associação Médica Brasileira*, 49(4), 372–374.
- Gondim, S. M. G., Techio, E. M., Paranhos, J., Moreira, T., Brantes, C., Bonifácio Sobrinho, J., & Santana, V. (2013). Imigração e Trabalho: Um Estudo Sobre Identidade Social, Emoções e Discriminação Contra Estrangeiros. *Psicologia Em Pesquisa*, 7(2), 151–163. <https://doi.org/10.5327/Z1982-1247201300020003>
- González-López, J. R., Rodríguez-Gázquez, M. de los Á., & Lomas-Campos, M. de las M. (2012). Prevalência do consumo de álcool , tabaco e drogas ilícitas em adultos. *Revista Latino-Americana. Enfermagem*, 20(3), 1–8. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000300014>
- Gordon, M. M. (1964). *Assimilation in American Life*. New York: Oxford University Press.
- Graves, T. D. (1967). Acculturation, access, and alcohol in a tri-ethnic community. *American Anthropologist*, 69, 306–321. <https://doi.org/10.1525/aa.1967.69.3-4.02a00030>
- Grzymała-Kazłowska, A. (2005). From Ethnic Cooperation to In-Group Competition: Undocumented Polish Workers in Brussels. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 31(February 2015), 675–697. <https://doi.org/10.1080/13691830500109787>
- Guimarães, E. (2005). A Língua Portuguesa no Brasil. *Ciência E Cultura*, 57, 24–28. Retrieved from http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200015&script=sci_arttext
- H., H. N., & Eye, A. von. (2002). The Acculturation Scale for Vietnamese Adolescents (ASVA): A bidimensional perspective. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 202–2013.
- Hamers, J. F., & Blanc, M. H. a. (2000). *Bilinguality and Bilingualism* Second edition. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Hansenbalg, C., & Frigerio, A. (1999). Imigrantes Brasileiros na Argentina: Um perfil Sociodemográfico. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 115–118.

- Harackiewicz, J. M. J., Barron, K. E., & Elliot, A. J. (1998). Rethinking Achievement Goals: When Are They Adaptive for College Students and Why? *Educational Psychologist*, 33(1), 1–2. <https://doi.org/10.1207/s15326985ep3301>
- Henriques, R. (2000). Desnaturalizar a Desigualdade e Erradicar a Pobreza: Por um Novo Acordo Social no Brasil. *Desigualdade E Pobreza No Brasil*, 1–18.
- Huayhua G. (2007). *Primeira e segunda geração de jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo: Um estudo psicossocial da identidade e aculturação*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- IBGE. (2014). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Retrieved September 3, 2015, from <http://www.ibge.gov.br/home/>
- Itamaraty. (2015). Ministério das relações exteriores. Retrieved from <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5225-hungria>
- Johnson, D. & Johnson (1989). *Cooperation and competition: Theory and research*. . Minnessota: MI: Interaction.
- Jordan, B. (2002). Migrant Polish Workers in London: Mobility, Labour Markets and the Prospects for Democratic Developmen. In *Beyond Transition: Development Perspectives and Dilemmas*. Varsóvia.
- Kang, S., Razzouk, D., Mari, J. J. de, & Shirakawa, I. (2009). The mental health of Korean immigrants in Sao Paulo, Brazil. *Cadernos de Saude Publica*, 25(4), 819–826. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/csp/v25n4/13.pdf> \n <http://ovidsp.ovid.com/ovidweb.cgi?T=JS&PAGE=reference&D=emed9&NEWS=N&AN=19347208>
- Kang, S.-M. (2006). Measurement of Acculturation, Scale Formats, and Language Competence: Their Implications for Adjustment. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 37(6), 669–693. <https://doi.org/10.1177/0022022106292077>
- Keely, C. (2000). Demography and International Migration. In C. Brettell & J. F. Hollifield (Eds.), *Migration Theory – Talking across Disciplines*. London: Routledge.

- King, N. (1998). Template analysis. In: G.Symon, & C.Cassell, *Qualitative Methods and Analysis in Organizational Research*. London: Sage.
- King, N. (2004). Using interviews in qualitative research. In C. Cassel & G. Symon (Eds.), *Essential guide to qualitative methods in organizational research* (p. 388). London: Sage.
<https://doi.org/Book>
- King, N. (2012). Doing template analysis. In: G.Symon, & C.Cassell, *Qualitative Organizational Research*. London: Sage.
- Kirmayer, L. J., & Minas, H. (2000). The future of cultural psychiatry: An international perspective. *Canadian Journal of Psychiatry*, 45(5), 438–446.
- Knight, G. P., Nelson, W., Kagan, S., & Gumbiner, J. (1982). Cooperative-competitive social orientation and school achievement among Anglo-American and Mexican-American children. *Contemporary Educational Psychology*, 7(2), 97–106.
[https://doi.org/10.1016/0361-476X\(82\)90035-2](https://doi.org/10.1016/0361-476X(82)90035-2)
- Koopmans, & Statham, P. (2000). Migration and ethnic relations as a field of political contention: an opportunity structure approach. In P. S. R. Koopmans (Ed.), *Challenging immigration and ethnic relations politics: comparative european perspectives* (pp. 13–56). Oxford: Oxford University Press.
- Lazarus, R. S. (1990). Theory-Based Stress Measurement. *Psychological Inquiry*, 1(1), 3–13.
<https://doi.org/10.1207/s15327965pli0101>
- Lazarus, R. S. (1993). From psychological stress to the emotions: A History of Changing Outlooks, 1–21.
- Lee, E. S. (1966). A Theory of Migration. *Demography*, 3(1), 47.
<https://doi.org/10.2307/2060063>
- Lopes, S. M. (2011). *Nós somos Húngaros! O reavivamento das tradições Húngaras em Jaraguá do Sul- SC*. Universidade da Região de Joinville- Univille.
- Lysgaard, S. (1955). Adjustment in a foreign society: Norwegian Fulbright grantees visiting the United States. *International Social Science Bulletin*, 7, 45–51. <https://doi.org/10.1023/A>

- Malzberg B., & Lee, E. (1956). *Migration and mental disease* (New York). Social Science.
- Manzini, E. (1990). A entrevista na pesquisa social. *Didática*. Retrieved from <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=6099557>
- Margolis, L. M. (1994). *Little Brazil. Imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papirus.
- Margolis, L. M. (2009). *An invisible minority: Brazilians in New York City*. Gainesville: University Press of Florida.
- Massey, D. S., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E. (1993). Theories of International A Review Migration : and Appraisal. *Population English Edition*, 19(3), 431–466. <https://doi.org/10.2307/2938462>
- Mizrahi, R. (2003). *Imigrantes judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro*. São Paulo: Ateliê.
- Moreira, A. (2001). Currículo, cultura e formação de professores. *Educar, Curitiba*, 17, 39–52. Retrieved from http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_17/barbosa_moreira.pdf
- Motta, F. C. P., & Alcadipani, R. (1999). Jeitinho Brasileiro , Controle Social E Competição. *Revista de Administração de Empresas*, 39(1), 6–12. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901999000100002>
- Muniz, J. O. (2010). Um ensaio sobre as causas e características da migração. 1–10.
- Nathan, T. (1986). La folie des autres, 240. Retrieved from <http://www.amazon.fr/dp/2100054058>
- Neto, F. (2007). Atitudes em relação à diversidade cultural : implicações psicopedagógicas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(1), 5–22.
- Neto, F. (2008). Adaptação psicológica e sociocultural de jovens oriundos de famílias de imigrantes dos PALOP. *Psicologia, Educação E Cultura*, 12, 435–450.
- Oliveira, D. C. (2009). A sociedade subjetivista e individualista brasileira atual: uma leitura jurídica a partir de Raízes do Brasil. Ribeirão Preto

- Oliveira, S. G., Quintana, A. M., Budó, M. de L. D., Lüdtke, M. F., Cassel, P. A., & Garcia, R. P. (2011). Desafios nas entrevistas de uma investigação qualitativa. Relato de experiência. *Investigación Y Educación En Enfermería*, 29(3), 485–491. Retrieved from <http://www.redalyc.org/resumen.oa?id=105222406018>
- Olmedo, E. (1979). Acculturation: A psychometric perspective. *American Psychologist*, 1061–1070.
- Patarra, N. L. (2005). Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo Em Perspectiva*, 19(3), 23–33. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392005000300002>
- Patinhas, I. R. (2013). *Identidade Cultural e Bem-estar subjectivo em adolescentes*. Universidade de Lisboa.
- Paula, E. A. de. (2013). Entre desastres e transgressões . A chegada dos imigrantes haitianos no “ Reino deste mundo Amazônico ” Between Disasters And Transgressions , The Arrival Of Haitian Immigrants In The “ Kingdom Of This Amazonian World ,” 187–206.
- Pereira, M. N. A. (2010). *a Depressão No Processo Migratório Um Estudo Transcultural*. Universidade Autónoma de Lisboa.
- Pietka, E. (2009). Encountering Forms of Ethnic and Social Cohesion : the Polish Community in Glasgow.
- Planalto, P. (2014). Palácio do Planalto Presidencia da República. Retrieved September 8, 2015, from http://www2.planalto.gov.br/vice-presidencia/vice-presidente/noticias/noticias-do-vice/2013/06/michel-temer-hungria-conselho-de_cidadaos
- Ramos, N. (2004). *Psicologia Clínica e da Saúde*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ramos, N. (2009). Saúde, migração e direitos humanos. *Mudanças - Psicologia Da Saúde*, 17(1), 1–11. <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v17n1p1-11>
- Ravenstein, E. (1885). On the Laws of Migration. *The Effects of Brief Mindfulness Intervention on Acute Pain Experience: An Examination of Individual Difference*, 48(2), 167–235.

<https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>

- Redfield, R., Linton, R., & Herskovits, M. (1936). Memorandum for the study of acculturation. *American Anthropologist*, 1, 1353–1357.
- Resende, J. P. De, & Andrade, M. V. (2011). Crime social, castigo social: desigualdade de renda e taxas de criminalidade nos grandes municípios brasileiros. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, 41(1), 173–195. <https://doi.org/10.1590/S0101-41612011000100007>
- Rodrigues, P. C. (2013). *Multiculturalismo – a diversidade cultural na escola*.
- Rónai, P. (1958). *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasil.
- Salvador, R. (2004). Países do leste Europeu: As reformas para uma economia de mercado- o caso Hungria. *Espaço E Tempo*, 193–209.
- Sardinha, J. (2007). *Providing voices? Civic participation opportunities for immigrants in Portugal*. (POLITIS Working Paper Series No. 7). Retrieved from http://www.politis-europe.uni-oldenburg.de/download/WP7__POLITIS_Sardinha_2007.pdf
- Schimitz, P. G. (1994). Acculturation and adaptation process among immigrants in Germany. In P. S. P. Boski, A.M. Bouvy (Ed.), *Journeys into cross-cultural psychology* (pp. 142–157). Amsterdam: Swets & Zeitlinger.
- Serapioni, M. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1), 187–192. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100016>
- Shaules, J. (2004). At Home abroad- Intercultural contact in the 21st century. In *SIETAR 19th conferencia anual*. Japão.
- Sheridan, S., & Williams, P. (2006). Constructive Competition in Preschool. *Journal of Early Childhood Research*, 4(3), 291–310. <https://doi.org/10.1177/1476718X06067581>
- Shields, L. D., & Bredemeier, B. L. (2009). *True Competition: A Guide to Pursuing Excellence in Sport and Society*. Champaign: Human Kinetics.
- Silva, F. A. dos S. V. da. (2010). *Multiculturalismo, socialização e integração: os desafios e*

- contributos do ensino/ aprendizagem de uma língua não materna*. Retrieved from <http://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/1758>
- Sousa, C., & Gonçalves, G. (2015). Imigrantes e sociedade de acolhimento: percepções e realidades no caso de Portugal. *Psicologia & Sociedade*, 27, 548–557. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p548>
- Subuhana, C. (2007). Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais, 13, 321–355.
- Tapias, M., & Escandell, X. (2011). Not in the eyes of the beholder: Envy among Bolivian migrants in Spain. *International Migration*, 49(6), 74–94. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2435.2011.00705.x>
- Teixeira, A., & Albuquerque, R. (2005). *Active Civic Participation of Immigrants in Portugal*. Oldenburg.
- Tilly, C. (1976). *Migration in modern European history*. Human migration: Patterns and policies. Michigan. Retrieved from http://faculty.utep.edu/Portals/1858/Tilly_1976_Migration_in_Modern_European_History_Dpblue145.pdf
- Tjosvold, D. (2006). Competitive motives and strategies in organizations: Understanding constructive interpersonal competition. *Group Dynamics: Theory, Research, & Practice*, 87–99.
- Tjosvold, D. (2008). The conflict-positive organization: it depends upon us. *Journal of Organizational Behavior*, 29(2), 19–28. <https://doi.org/10.1002/job>
- Tjosvold, D., Johnson, D. W., Johnson, R. T., & Sun, H. (2003). Can interpersonal competition be constructive within organizations? *The Journal of Psychology*, 137(1), 63–84. <https://doi.org/10.1080/00223980309600600>
- Trad, L. A. B. (2003). Processo Migratório e Saúde Mental: Rupturas e Continuidade na Vida Cotidiana. *Physis - Revista de Saúde Coletiva*, 13(1), 139–156. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312003000100007>

- Ward, C. (1996). Acculturation. In D. Landis (Ed.), *Handbook of intercultural training* (2th ed., pp. 124–147). Sage.
- Ward, C. (2006). Acculturation, identity and adaptation in dual heritage adolescents. *International Journal of Intercultural Relations*, 30(2), 243–259. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2005.09.001>
- Yano, L. (2013). *Famílias brasileiras no Japão: migração transnacional, adaptação e estresse aculturativo* (1st ed.). Porto Alegre: Poá.
- Zagefka, H., Brown, R., Broquard, M., & Leventoglu Martin, S. (2007). Predictors and consequences of negative attitudes toward immigrants in Belgium and Turkey: The role of acculturation preferences and economic competition. *The British Journal of Social Psychology / the British Psychological Society*, 46(Pt 1), 153–169. <https://doi.org/10.1348/014466606X111185>